

Um romance da mesma autora de Renascendo das Cinzas

JÉSSICA DRIELY

*Algo
mais
que
especial*





Um romance da mesma autora de Renascendo das Cinzas

JÉSSICA DRIELY

algo
mais
que
especial

Algo Mais que Especial ©Copyright 2019 — Jéssica Driely

Todos os direitos reservados

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorizações por escrito da autora.

Está é uma obra de ficção qualquer semelhança, com nome, pessoas, locais ou fatos serão mera coincidência.

Revisão: Raquel Escobar

Capa: Dri K.K. – Capista

Para Fabi, a estrela mais brilhante que ilumina a minha vida. Onde quer que esteja, saiba que nunca esqueço de você!

Sumário

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

Playlist

Link spotify: [Algo mais Que especial](#)

- 1 - More Than Words - Extreme 2 - Endless Love - Lionel Richie, Diana Ross
- 3 - Symphonie - Silbermond
- 4 - All of The stars - ed sheeran
- 5 - hollow - belle mt
- 6 - flicker - canyon city
- 7 - cursive - billie marten
- 8 - yours - ella henderson
- 9 - poison & wine - the civil wars
- 10 - wolves - selena gomez
- 11 - kill em with kindness - selena gomez
- 12 - the night we met - lod huron
- 13 - already gone - sleeping at last
- 14 - to build a home - the cinematic orchestra
- 15 - creep - kina grannis
- 16 - i´LL STAND BY YOU - PRETENDERS
- 17 - LOVE HURTS - NAZARETH
- 18 - PLEASE FORGIVE ME - BRYAN ADAMS
- 19 - SPENDING MY TIME - ROXETTE
- 20 - LOVE - LANA DEL REY
- 21 - WAIT - M83 22 - IN MY BLOOD - SHAWN MENDES
- 23 - GOODBYE MY LOVER - JAMES BLUNT
- 24 - ARMS - CHRISTINA PERRI

Prólogo

Em minha cadeira no colégio, vejo todos me zoarem, mas já estou acostumado com tudo que falam sobre mim. Afinal, sou tachado de retardado e também de nerd, veado, gay e outras coisas que não são legais mencionar. Pois não acho certo escolher a opção de alguém como xingamento.

Só que sempre fica presente em meus questionamentos: *por que sou tachado disso?*

Por tirar notas boas, por ter conseguido entrar em um colégio particular com uma bolsa integral, nunca ter aparecido com nenhuma namorada, por não ser musculoso como os outros garotos da minha sala, ou por ser autista?

Isso mesmo! Ainda pequeno, foi detectado que eu possuía Asperger, que é uma das características consideradas autistas, porém não apresento grandes atrasos no desenvolvimento da fala nem sofro com comprometimento cognitivo grave. No entanto, eu tive algumas dificuldades na minha infância, pois não conseguia me locomover como as outras crianças e foi aí que começou o *bullying*. Afinal, que criança não daria conta de segurar um lápis corretamente, ou que pessoa ficaria semanas e semanas focada em um mesmo tema? Sofri na minha infância e ainda sofro na minha adolescência. Quando será que tudo isso vai passar?

Sempre fui desses de fazer os maiores questionamentos dentro da minha mente e às vezes até quero tomar alguma atitude, mas ao mesmo tempo só quero ficar concentrado em tudo que acabou de acontecer; só quero ficar parado e sentir a humilhação que sei que estou passando; quero ficar encostado na parede todo encolhido, tentando entender por que o mundo é assim!

E isso acontece toda vez que fazem com que as humilhações cheguem a mim, como agora, que todos os alunos voltam à sala após o intervalo e veem um cara coberto de tinta rosa, com todos os materiais arruinados pela tinta. Vejo no fundo de seus olhos o quanto querem rir, na verdade muitos não contêm as gargalhadas, principalmente os valentões que cometeram o ato.

Até a garota mais linda da sala, que eu sempre tive vontade de convidar para o cinema, está rindo. A professora entra e todos se calam. Não sei o que

é pior: quem ri da desgraça alheia ou quem olha para a pessoa que está sofrendo o *bullying* e fica com a expressão de pena no olhar.

Estava quieto no meu canto, mas soou a sirene do intervalo e isso foi motivo suficiente de quererem armar uma contra mim. Posso tirar notas boas e ter uma família considerada tradicional pela sociedade, mas sou o fracassado e retardado que todos dizem. Um fracassado que nunca revidou nada que fizeram contra ele.

No fundo, sinto tristeza, sei que esse é o sentimento certo, pois, se eu estivesse alegre, aquela sensação de flutuar estaria por meu corpo. Como estou sentindo algo muito diferente, algo que está no meu ser, me machucando por dentro, sei que é tristeza.

Começo a balançar meu corpo de trás para frente. Não consigo controlar os braços, e as mãos vão logo socar minha cabeça. Só consigo pensar que o ensino médio está acabando, faltam menos de três meses; sairei daqui e terei uma vida melhor. O autismo vai me acompanhar, mas sei que será melhor.

Sei que conseguirei ter uma vida melhor, com uma família que me ama e que serei bem-sucedido. Sorrio ao mesmo tempo que desfiro mais tapas e socos em minha cabeça. O que importa, depois de tudo que já passei nessa vida, é sorrir e ter esperanças de que terei uma vida melhor.

E, claro, eu estava errado.

Capítulo 1

Mais um dia de trânsito infernal. As pessoas buzina desesperadamente, fazendo parecer que o trânsito irá sumir só por eles apertarem ainda mais aquele botão barulhento. Tudo isso me irrita, mas eu tento manter a calma. Na verdade, eu preciso manter a calma, sou simplesmente obrigado. Nunca posso perder o controle que tenho sobre mim, isso poderia ser pior e fazer com que eu colocasse não só a minha vida como a de outras pessoas em perigo.

Olho para o céu estrelado e, mesmo sentindo o corpo esgotado pela semana pesada de trabalho, sei que é um dia bom, afinal São Paulo não está com aquela neblina de poluição que ronda por quase todo ano. Hoje é um dia bom por simplesmente estar lindo e estrelado.

Volto a prestar atenção no trânsito, que se move ainda mais lento do que meia hora atrás, e lembro que, quando completei dezoito anos, meu sonho era dirigir. Como sempre tive algumas limitações, minha mãe não queria permitir de modo algum que eu fizesse algo do tipo, era muito protetora para algumas coisas e muito relapsa para outras. Mas depois de muito conversar com a psicóloga, eles chegaram à conclusão de que eu poderia tentar, sim, tirar a minha tão sonhada carta de motorista. Afinal, a minha síndrome do autismo não me afetava tanto quanto em algumas pessoas. Por exemplo, eu adoro contatos físicos, desde que sejam pessoas que já circulem o meu meio; nunca recusei um abraço deles e sempre tentei me comunicar muito bem com os outros, mesmo achando muito ruim conhecer novos ambientes e rostos diferentes, além de ser muito organizado – confesso que minha organização chega a ser excessiva –, mas as pessoas precisam entender: se algo está no lugar, deve voltar ao mesmo lugar de quando o pegaram.

Com alguns tratamentos na minha infância, corriji a dificuldade que eu tinha em me locomover. Hoje em dia eu pareço uma pessoa comum. Claro, eu sou comum, porém as pessoas têm a grande mania de me julgar quando descobrem sobre meu espectro.

Saio dos meus devaneios, pois sempre me perco neles. Posso dizer que agora, nesse engarrafamento, eu não posso perder minha calma, pois todas as

peessoas que acreditaram que eu podia ser um bom motorista poderiam se decepcionar se soubessem que eu causei um acidente e machuquei alguém nesse trajeto.

Trabalho em uma multinacional, mais especificamente no departamento de Tecnologia de Informação. Ou seja, a empresa não funciona sem mim. Se um computador der algum problema, toda a empresa para. São tantos os problemas, que até me perco na minha onda de pensamentos infernais.

Quando era mais novo, pensei que tudo mudaria quando chegasse à fase adulta, mas, aos vinte e oito anos, continuo no fracasso; sei que posso estar me fazendo de vítima, mas algumas verdades me deixam meio reclamão e pensar em minha vida é um dos motivos pelo meu estado ranzinza. Até o céu estrelado deixa de me animar quando penso em tudo, afinal, mesmo sendo independente, no fundo as coisas continuam a ser desastradas como sempre foram. Na verdade, não posso dizer que sou como era antigamente, tive minhas belas conquistas, tenho um bom emprego, uma mulher muito bonita – que até hoje penso ser uma piada do destino – e uma filha incrível que, por uma graça de Deus, nasceu sem sinal algum do espectro que poderia conectá-la ao autismo. Mas, voltando a minha querida e linda esposa, tirando as brigas diárias que tenho com Élis desde o nosso casamento há três anos, tenho uma vida boa. Minha mãe e meu pai se mudaram para o estado de Goiás, e eu continuei em São Paulo por não querer largar tudo que eu tenho aqui para começar do zero em um estado onde não conheço nada e também por não aguentar a pressão que meus pais faziam sobre mim. Eles nunca foram os melhores pais do mundo, então tê-los distantes me deixou um pouco melhor.

Bom, eu não tenho muitas conquistas, no entanto posso dizer que precisei suar muito para conquistar meu apartamento, meu carro e minha família. Ainda mais uma pessoa que, quando pequena, foi diagnosticada com autismo. Desde os meus três anos, minha família pensava que minha vida estava arruinada, no entanto provei a eles que o autismo é só mais uma dificuldade da vida e não significa que devemos nos entregar ao espectro só porque todos acham que é impossível viver uma vida normal.

Claro que tenho momentos em que prefiro ficar sozinho a estar na presença de alguém, mas eu consigo me controlar e, quando conheci Élis na faculdade, consegui conviver ainda mais no meio social. Acho que o amor que sinto por ela foi mais forte do que qualquer problema de comunicação

que eu poderia ter.

Na época, eu cursava Sistemas de Informação e ela, Pedagogia. Nunca fui de chegar em garotas, afinal muitas se retraíam só por ouvir boatos de eu possuir autismo, então o fato de preferir a distância da civilização não era uma escolha completamente minha, e sim das pessoas que não sabiam ser normais com todas as diferenças dos seres que apareciam em seu caminho.

Lembro até hoje que, quando a vi, o ar parou em meus pulmões; os cabelos loiros batiam em sua cintura fina e foram as primeiras coisas que chamaram minha atenção. Posso dizer que, depois que fiquei mais velho, meu corpo mudou um pouco: deixei de ser o garoto magrelo do colégio e passei a ter músculos nos lugares certos. Nada muito avantajado, mas algo que chamava a atenção das garotas. Não sei se foi por causa do corpo que conquistei, mas Élis olhou para mim como nenhuma garota tinha olhado na vida; parecia que ela tinha visto minha alma. Se ela sabia que eu tinha autismo, isso não a impediu de verificar o tal "material", como a sociedade fala – apesar de eu nunca ter conseguido compreender o motivo de compararem um corpo humano a um material. Enfim... Eu agradeço por isso. É graças a ela que hoje temos a nossa linda família.

Saio da sala com Pedro, meu colega de turma – o único que fez amizade comigo, mesmo sabendo das minhas dificuldades –, para comprar um lanche no refeitório que fica no bloco de Pedagogia.

No começo do semestre, é sempre muito cheio: os calouros, todos alvoraçados, procuram suas salas nos painéis que indicam cada uma das turmas. Já passei por isso há três anos, então sei como pode ser assustador o seu primeiro dia em uma faculdade. Sem a preparação certa – que o ensino médio não te dá –, tudo muda: é muita pressão e toda uma rotina completamente diferente.

Queria ter ficado na sala por esse motivo: não é agradável quando as pessoas esbarram em mim; me faz sentir algo muito ruim dentro do meu corpo. Eu não as conheço, elas só deviam prestar atenção por onde andam, mas na maioria das vezes parece que sentem a necessidade de encostar em alguém, só queria que esse alguém não fosse eu.

Pedro pede seu lanche enquanto o aguardo na mesa do refeitório, mas um perfume adocicado chama a minha atenção. Viro meu rosto e vejo aquele anjo loiro com mais duas garotas paradas em frente ao painel – que indica a

sala certa para os alunos – que não está muito longe da minha mesa.

O sorriso que o anjo loiro direcionou a mim deixou-me desconcertado: nunca havia visto algo tão belo. Desvio meu olhar para a mesa, mas logo o levo ao encontro do anjo que ainda me olha.

— Caio, acho que a garota loira ficou interessada em você — diz Pedro ao se sentar à mesa.

— É, eu percebi — murmuro, desviando minha atenção da garota novamente, só que agora percebo que ela começou a andar em direção a uma sala de aula, mas antes não deixa de olhar para trás e me dar um sorriso. E mesmo não sabendo o motivo, mais que depressa retribuo, deve ser por alguém diferente de Pedro estar querendo fazer contato comigo.

— Você devia ir atrás dela.

Aquela frase me faz gelar na cadeira. Eu nunca fui atrás de uma garota sequer. A única vez que beijei na boca foi no colégio, e a garota que chegou em mim – lembro que foi na formatura do ensino médio, que decepção. Foi nesse dia que pensei que o fracasso iria acabar. Ela era Silvia, a garota da minha turma que sentava a milhas de distância de mim, afinal ela só andava com os rapazes que adoravam me dar uma surra; ela era popular, radiante, todos a admiravam, até eu. Uma pena tudo ter dado tão errado.

Nunca me esqueço de como ela me levou a um dos corredores do colégio depois da formatura e me beijou. Eu nem sabia como fazer aquilo, mas ela me ensinou bem – bom, ao menos acho que ensinou. Silvia levou minhas mãos para onde deveriam ir e minha boca para os lugares certos. Mas, no final, acabei levando alguns murros: ela era namorada de Vitor, o líder de um grupinho da minha sala que me odiava. Então Silvia falou para Vitor, quando ele nos pegou nos "amassos", que eu tinha forçado tudo, e, claro, eu apanhei. Foi uma bela de uma surra, fiquei com diversos hematomas por vários dias.

Os meus pais, ao me encontrarem todo machucado, esperando-os no carro, me culparam. Meu pai sempre odiou ter um filho autista, e minha mãe era a única que aceitava bem a situação, então nesse dia meu pai gritou para quem quisesse ouvir que eu era um fraco e que nunca conseguiria nada na vida por ser tão frouxo. Nunca me senti tão mal por uma parte da minha família ter me tratado assim naquele dia, só que foi bom para o meu desenvolvimento. Afinal, eu deixava os garotos me baterem por ter medo de me defender e passar ainda mais vergonha.

Meus pensamentos voltam para o anjo, e não sei se o motivo de eu levantar da cadeira da cantina e ir atrás da loira que está quase sumindo de vista é por ter lembrado da frase de desmotivação do meu pai. Só sei que a segui e, quando cheguei perto o suficiente, segurei em seu braço delicadamente – meu senhor, eu não tenho a mínima ideia do que fazer –, mas depois de uns cinco segundos de pânico ela me olhou, e como olhou; olhou minha alma, viu tudo, e eu sabia que algo estava muito estranho quando seu olhar não desgrudou do meu, como uma conexão insana. Eu não era fraco e frouxo, eu só gostava de evitar problemas e, nesse momento, eu acho que tinha dado problema em algum lugar, pois eu não conseguia falar nada. Porém, ela parecia a salvação, então não tinha nada de problemas ali.

Assim que suas amigas perceberam quem era, afastaram-se e despediram-se dela, a mulher mais bonita que já vi nessa faculdade, Élis, um nome para ser guardado dentro do coração de alguém. Élis, Élis, Élis. Sempre ficava repetindo seu nome, afinal parecia a Nona Sinfonia de Beethoven de tão lindo.

E foi assim que começamos nosso relacionamento, com encontros na faculdade, algumas escapadas à noite e vários beijos. Terminei a faculdade naquele ano, enquanto Élis estava apenas começando.

Eu logo a engravidei, e os pais dela, extremamente rígidos, nos fizeram casar.

Élis não conseguiu manter a rotina da sua faculdade e acabou trancando-a. Ela me culpa até hoje por isso. Eu sei que sou culpado, mas não tão culpado assim; eu avisei que não tinha preservativo, mas, quando ela soube que eu era virgem, quis porque quis transar em uma festa que fomos juntos cinco meses depois de começarmos a namorar. Não que eu não sentisse interesse por ela, havia vários meses que eu pensava em como conseguiria provar desse algo bom de que todos falavam, o tal do "sexo", e eu estava tão ligado a Élis, que sabia que queria fazer isso somente com ela para sempre.

— Élis, a gente pode esperar, não precisamos fazer isso agora. Além do mais, estou sem camisinha — falei, só que ao mesmo tempo queria muito cometer essa loucura.

— Eu tomo anticoncepcional, não vai ter problema. Eu não posso ficar quieta ao saber que você é virgem.

— Quem te contou isso? — pergunto abruptamente, revoltado, pois já imagino quem foi. Sinto meu coração disparar e acho que estou tendo uma crise.

— A sua mãe. Ela disse que tinha certeza que você era virgem, porque nunca levou garota nenhuma para conhecer eles. E você pode achá-la um pouco protetora, mas ela quer te ver feliz, Caio. — Élis sorri ao dizer as palavras com sua voz fina.

Eu imaginava que minha mãe tinha feito minha ficha técnica para ela, já que hoje resolvi apresentá-la a minha família. Ela tinha me apresentado à dela quando começamos a namorar, e eu estava devendo isso a ela. Só não imaginei que minha mãe iria abrir a boca quando eu fui me arrumar para irmos à festa de fim de ano da faculdade.

— A sua reação só me faz perceber que você é mesmo virgem, Caio — sussurra Élis, puxando-me para uma sala de aula escura no fim do corredor do campus mais afastado da festa.

Ela entrou na sala e puxou-me para dentro. Fechou a porta e a encostou com uma cadeira. Meu coração ficou mais que acelerado; nunca fiz algo assim e acho que a crise está chegando: estou desesperado e a vontade de me socar está se apossando do meu corpo. Mas Élis, percebendo meu estado, para a poucos passos de mim e diz:

— Ei, vai ficar tudo bem. Sei que você vai saber me satisfazer, não precisa ficar nervoso. Vem, meu amor, me prova. Confia em mim, eu te amo.

Respiro fundo, tentando me controlar e, assim que me acalmo um pouco mais, ela cola seu corpo ao meu e começa me beijar. Os beijos de Élis são pra lá de quentes, mas eu nunca passei do limite e agora ela mesma está passando por mim. O medo apossa meu coração, mas acho que é um medo bom, um que me faz ter curiosidade de prová-la.

— Você não vai tirar minha roupa? — pergunta ela com sua voz sexy.

E foi assim que perdi minha virgindade: em uma sala de aula da faculdade, aos vinte e quatro anos, com a mulher pela qual me apaixonei à primeira vista. No entanto, três meses depois, ela começou a passar mal e, quando a gravidez foi comprovada, tudo começou a dar errado. Tudo!

Amo a minha filha, mas parece que Élis, de anjo, passou por várias fases de demônio.

Finalmente consigo sair do engarrafamento e logo chego em casa. Estou

louco para ver minha pequena Bella; ela é linda como a mãe, loirinha, com sua pele rosada. Minha pequena paixão em forma de criança.

Ao chegar no meu prédio, subo pelas escadas; moro no terceiro andar e meu prédio não tem elevador, não daria conta de pagar algo mais moderno. O custo de vida em São Paulo é alto, e sustentar uma família é complicado, ainda mais quando os gostos da sua esposa são extremamente absurdos.

Abro a porta e estranho o ambiente; primeiro por todas as almofadas que enfeitam o sofá estarem espalhadas pelo chão, alguns móveis estarem fora do lugar em uma desorganização que nunca aconteceu em minha casa e, por fim, localizada no centro da sala, perto da mesinha, Bella chora, algo que Élis nunca permitia, pois ela sempre odiou choros de crianças. Porém, o que mais me deixa espantado é ver minha filha sentada no chão da sala; Élis, mesmo sendo muito irresponsável, nunca a deixa no chão até tão tarde.

— Oi, meu amor, cadê a mamãe? — pergunto, pegando-a no colo. Assim que a acalento em meus braços, minha pequena perfeição se acalma.

Bella deita sua cabecinha em meu ombro e mesmo que seu choro esteja diminuindo, ainda sinto seus suspiros fortes por causa das lágrimas constantes que caíam antes de eu chegar.

Procuro Élis e não a encontro. Vou até o nosso quarto e a bagunça está pior do que na sala. Odeio bagunças, e a maldita sabe disso. Algumas roupas no chão e algumas maquiagens caídas também. Começo a ficar preocupado e revoltado com a casa revirada de ponta-cabeça. Não encontro Élis em lugar algum, e não seria difícil achá-la, pois nosso apartamento é minúsculo: dois quartos, um banheiro e uma sala, que é dividida por um balcão e, no fim, vira sala e cozinha; isso não pode ser considerado grande.

Ao voltar para a sala, começa o meu desespero: minha respiração fica hiperventilada. Aflito, com o celular na mão, disco o número de Élis, que chama, chama e chama, mas nada de obter uma resposta. Não consigo acreditar que ela saiu e deixou nossa filha. Quando coloco Bella no sofá, pronto para ter um ataque de pânico, pois sinto tudo se transformar em um borrão, encontro um papel na mesa de centro, que eu não tinha visto antes.

Sento no sofá, tentando manter minha respiração calma. Assim que encosto nele, Bella se aproxima de mim sem dizer nada e encosta seu corpo ao meu. Acho que ela já previa o desastre que tinha acontecido. Só ela para me deixar em controle. Pego o papel coberto pela letra de Élis e começo a ler o que eu já imaginava ser minha ruína.

Oi, Caio!

Escrevi essa carta às pressas, então se alguma letra estiver errada, não dê importância. Você sabe como eu odeio erros de português, mas tenho que ser rápida. Eu te amei, Caio. Assim que te conheci, eu te amei, mas o seu amor não foi suficiente para me manter apaixonada por você. A Bella foi o pior erro da minha vida, um erro que tenho que carregar desde o dia em que fiquei grávida.

Eu sempre te culpei por ter me engravidado, mas a culpa não é sua, é totalmente minha.

Caio, eu sempre fui infiel a você, desde sempre. Eu sei que você vai pensar que eu não te amava, mas eu amei, sim, do meu jeito. Amei muito; todo esse tempo juntos, eu te amei, mas eu te traí na faculdade com o Alberto, meu amigo de classe.

Um dia antes de você me apresentar para a sua família naquele ano, eu saí com Alberto e transei com ele e aí começou meu erro.

Quando eu disse que tomava anticoncepcional, eu menti: eu não me prevenia. Acho que, depois do que já escrevi, você deve ter pensado que a Bella não é sua filha, não é mesmo? Sim, ela não é! Mas foi tudo um plano. Como eu morria de medo de ter engravidado de Alberto naquela noite, a história que sua mãe me contou foi o que eu precisava para transar com você, e o seu ~~probleminha~~ me ajudou ainda mais, desculpa, sei que não é um problema.

E, para o nosso azar, eu engravidei, mas não foi de você. Como eu sei? Bom, eu continuei saindo com Alberto e, desculpa mais uma vez, as minhas saídas com as meninas eram, na verdade, com ele, e elas me acobertavam. Alberto pagou o exame de DNA caríssimo para sabermos ainda quando eu estava grávida se Bella era sua ou dele, e descobrimos que era dele. Porém, como eu já havia falado para os meus pais que a Bella era sua, decidimos te ter como um "bode expiatório". Desculpa, Caio. Eu te amo muito, só que, como eu disse, isso não foi o suficiente para me fazer ser fiel a você.

Hoje Alberto e eu decidimos ir embora. Como eu nunca quis ter a Bella, não achei justo tirá-la de você, já que ela te ama tanto. Alberto não quer uma criança para nos atrapalhar e muito menos eu, por isso deixo a Bella com você. Se você não a quiser depois de saber disso, pode deixá-la em algum lugar para adoção, com meus pais, com os seus, tanto faz, não me

importarei. Espero que você seja feliz.

Beijos, Élis.

Ainda estou tentando entender esse monte de palavras que está nesse papel. Não sou burro, entendi tudo de primeira, mas releio a carta cinco vezes; exatamente cinco vezes, para ter certeza de que li certo. Eu era um bode expiatório? Como ela teve coragem de escrever algo desse tipo para mim? Como ela pôde tratar a filha como um lixo? Como ela pôde fazer piadas com o espectro?

Não sei quando a primeira lágrima caiu dos meus olhos, mas eu sei que estou soluçando muito e eu não sou de chorar; eu me isolo quando estou abalado com algo, mas nunca choro, por isso é estranho ver essas lágrimas escorrendo por minhas bochechas e algumas pingarem no rostinho da minha filha, que deitou sua cabecinha em meu colo. Eu pensei que tinha uma vida quase perfeita; faltavam algumas coisas para ser maravilhosa, mas era uma vida boa. Eu sempre dei do bom e do melhor para ela, como ela pôde?

Sinto a dor corroer meu corpo, como se meu coração tivesse sido pressionado por algo muito pesado e não pudesse suportar a dor, fazendo assim que se transformasse em mil pedaços. Mas o que mais me dói, que machuca, que sangra a alma é saber que a minha pequena loirinha não é verdadeiramente minha.

Olho para Bella em meu colo, que agora pegou no sono. Levanto lentamente para não a despertar, enxugando as lágrimas do seu rosto, e a levo para sua cama, no quarto que fica ao lado do meu. Eu a deito e a observo dormir em uma paz que está longe de me atingir. Olho ao redor. É a única parte da casa que não está revirada; os brinquedos de Bella continuam intactos, assim como todas as suas roupas e até mesmo algumas fotos que ficam na cômoda perto da sua cama. Élis não levou nem uma fotografia da filha. Balanço minha cabeça sem entender. O céu estava estralado, era pra ser um dia bom, mas bastaram alguns minutos para ser horrível.

Eu sou o sinônimo do fracasso. Desde pequeno sofri muito e vejo que minha vida adulta não será diferente.

Posso ser o fracassado que for, mas eu nunca abandonaria a minha filha. Élis, sim, é a pior pessoa que existe, mostrarei a ela que consigo ser melhor que todos e até mesmo ela. Nunca abandonarei Bella, ela é minha filha, mesmo não sendo de sangue. Ela é minha pequena parte de um paraíso que

nunca tive.

Não farei alarde, não quebrarei nada; ficarei em meu quarto, em meu estado de choque, até a ficha cair e depois levantarei de cabeça erguida, como eu sempre levantei. Afinal, quem viveu no fracasso não deixará se abater por mais um em sua cota de um milhão.

Deito em minha cama e deixo todos os pensamentos absurdos se apoderarem da minha mente. Lembro-me de tudo que passei ao lado da mulher que eu pensava ser minha para sempre. Como pude ser tão engando? Esses questionamentos nunca poderão ser supridos, pois a pessoa que tem as respostas abandonou até mesmo sua filha. É com esse pensamento que tomo a decisão da mudança.

Afinal, eu sou Caio Montenegro Delar, e essa é minha promessa: um dia ainda serei um sinônimo de vitória.

Capítulo 2

Em pleno domingo de descanso, um idiota resolveu se mudar para o apartamento ao lado. Ainda bem que Bella tem o sono pesado, se não já teria acordado e ainda não são nem oito horas da manhã.

Como já fui despertado, resolvo levantar, pois ficar na cama não adiantará, não irei dormir mesmo.

Faço um café bem forte e tomo, como alguns biscoitos e sento no sofá da sala, esperando minha pequena acordar. Antes, minha rotina era mais movimentada aos fins de semanas, mas, nesse um ano desde que Élis foi embora, nunca mais fiz nada muito badalado.

Enquanto penso no passado, ligo a TV e coloco em um canal de séries, afinal, o melhor jeito de continuar vendo TV hoje em dia são os canais a cabo ou de *streaming*. Os noticiários só nos mostram o quanto estamos fodidos, e ninguém merece mais uma dose de desastres na vida. A TV aberta só tem paspalhos comandando os programas, então é melhor ver ficção, em que tudo acaba bem, do que ver a vida real. A vida real é uma grande merda.

Outra batida na parede. Isso já está me irritando; cada batida me faz fechar os olhos. Quando somos agraciados com o espectro, o que para os outros são coisas simples, para nós são estrondosas.

Meu pensamento é interrompido por Bella, que me chama com sua voz doce. Ela odeia acordar cedo e, mesmo com o sono pesado, o barulho infernal a desperta. Por causa do novo vizinho, terei que aguentar a minha pequena monstrixinha de manhã. Sério, tenho medo de quando ela acorda tão cedo; ela pode ser bem pequena, mas o seu humor é de um adulto bravo. Chego até a sua cama e a pego.

— Oi, meu amor, quer passear no parque hoje? — pergunto, observando-a se espreguiçar em meus braços.

Ela abre seu lindo sorriso para mim, e a vontade que tenho é de morder sua pequena bochecha.

— Quero, papai.

— Então vamos escovar esses dentes lindos. Depois que você tomar café da manhã, vamos passear.

E os barulhos de móveis no apartamento ao lado não param. Passa por meu pensamento que, se eu continuar aqui, perderei a paz que sinto em meu ser hoje e talvez tome a atitude de esmurrar o vizinho ao lado. Por isso, preciso ir passear com Bella, para não ter que quebrar alguém ao meio. *Até parece que eu seria idiota o suficiente para cometer uma babaquice dessas.*

Após Bella tomar o café da manhã, levo-a para o banho. Assim que coloco o seu vestido lilás e enfeito sua cabecinha com uma tiara, pego a sua Mona, uma boneca toda descabelada que ela ama. Quando comprei essa boneca, ela era linda, mas nos momentos de fúria de Bella, quem sofreu foi Mona, por isso os cabelos da coitada... Na verdade, posso dizer que a boneca é calva, pois não tem quase nada de cabelo; o que restou parece o resultado de ter assistido à noiva cadáver ou ao filme do exorcista.

Depois de pronto, com minha bermuda jeans e uma camiseta de mangas curtas, chinelos e um boné, saio com Bella do apartamento. O sol já está a todo vapor lá fora, o que mostra que a minha escolha de roupas, tanto para mim quanto para minha filha, foi a ideal.

Pego a mão da minha filha enquanto a sua outra segura Mona e percebo que a coitada está sendo amassada por seus dedinhos fofos. Ficamos parados por um instante até que alguns homens, carregando uma estante de mogno – e obstruindo a passagem do corredor –, entram no apartamento ao lado do meu.

Do lado de fora, posso ouvir a voz de uma mulher, mas não consigo vê-la. Assim que tenho o espaço suficiente, passo com Bella pelo corredor. Descemos as escadas enquanto Bella canta a música de Moana, seu filme preferido do momento. Bom, tenho certeza que algumas palavras que saem de sua boca não existem na versão original da música, mas isso não me deixa menos feliz.

Fazemos o passeio de domingo sempre, afinal, essa é minha rotina e eu nunca saio da minha rotina. Seguir a rotina é sagrado para quem possui o *querido* autismo.

Assim que saio para a calçada com Bella, começo a me sentir melhor: sem o barulho das batidas ressoando em meus ouvidos, volto a me sentir em paz. Caminhar sempre foi algo que amei. Adoro observar a paisagem dos lugares, adoro sentir a brisa batendo em meu rosto, dando-me um pouco de paz. Adoro me sentir livre de coisas que eu nem sei explicar.

Os dias de domingo, quando tenho esse tempo para passar com minha filha, são os melhores momentos. Desde que Élis foi embora com seu amante,

tudo ficou um pouco pior. Tive que achar uma babá para Bella de última hora, pois quando minha filha não está na creche, precisa ser cuidada por alguém, mas pelo menos eu encontrei, e Dona Lourdes é uma ótima babá, além de não morar tão longe da minha casa.

No começo, eu sofri com a partida de Élis e, às vezes, tem momentos que me fazem lembrar ela, quando ainda sinto algo em meu peito, mas sei que o amor que eu sentia por ela morreu no dia em que li aquela carta e soube de tudo o que ela fez comigo.

Dediquei-me de corpo e alma a uma mulher que nunca me amou. Fiz de tudo, a tratei como uma princesa e só recebi a infidelidade dela. Nunca fui um homem rico, mas eu sempre batalhei para ter tudo que tenho e me orgulho disso; minha pequena dificuldade não me impediu de batalhar por tudo que sonhei. Por isso, nesses passeios de domingo, eu me sinto realizado por estar com minha filha e quase feliz.

Sim, não sou totalmente feliz; sou feliz por ter Bella, por ela ser a minha parte do paraíso, mas isso não me faz completo. Sinto que falta algo em minha vida, porém até hoje não consegui descobrir o que é. Um dia eu descobrirei, pelo menos espero, pois é muito difícil você querer estar totalmente realizado e sempre sentir que, para chegar lá, falta alguma coisa.

Chegamos ao Ibirapuera, e Bella corre pelo gramado para brincar com Mona. Sigo perto dela, olhando para sua expressão de felicidade. Quando ela sorri para mim, com todos os seus dentes de leite aparecendo, eu sei que ao menos esse é um momento feliz. Retribuo o sorriso e aproveito o domingo com minha filha.

O sol já está se pondo quando volto para casa com a Bella toda sujinha do parque; ela adora andar para todo o lado com seus passos descontrolados. Sei que hoje foi um dia feliz e exaustivo para ela. E tenho certeza que, assim que se banhar, ela irá capotar e dormirá a noite toda.

Chego em casa e a levo direto para o banheiro para dar banho nela. Assim que a arrumo com seu pijama, preparo algo leve para ela comer e minutos depois ela já está dormindo.

Preparo meu jantar, ou melhor, esquento – nada como a lasanha do almoço de ontem para os momentos de preguiça. Não estou a fim de preparar nada mais elaborado, então ela veio de grande ajuda.

Volto a assistir à série que estava vendo pela manhã, quando Bella acordou. Assim que chego em um momento crucial, alguém bate à porta.

Sabem o que dizem por aí sobre leitores e pessoas que assistem a séries? Que, quando estiverem fazendo essas duas coisas, as pessoas devem respeitar o momento e não atrapalhar? Eu odeio ser atrapalhado!

Finjo que não escutei, mas novamente duas batidas na porta. Levanto rápido, pois, se continuar assim, vão acabar acordando a Bella, e o dia foi exaustivo demais para que ela seja desperta do seu sono.

Arrasto-me até a porta sem ânimo nenhum de me comunicar com alguém. Abro-a com a pior expressão que eu poderia fazer, afinal, depois de Élis, minha interação com as pessoas piorou um pouco. Ainda sou comunicativo quando preciso ser, mas me retraio com pessoas que nunca vi na vida.

Assim que vejo quem está na porta, sinto um quê de curiosidade me dominar, mas não é forte o suficiente para eu melhorar a minha expressão para a mulher. Isso mesmo: tem uma mulher baixinha a minha frente. Se nos medirmos, ela chega à altura do meu peito. Ela tem cabelo preto, que bate nos ombros, e seus olhos castanhos são bem avaliadores. Logo vejo suas bochechas corarem, pois tenho certeza de que ela percebeu minha cara de poucos amigos, mas isso não a impede de manifestar-se.

— Desculpa, não queria atrapalhar. — Sua voz é bem suave, nada estridente como de muitas mulheres que vemos por aí. — Eu sou a vizinha nova.

Continuo calado, sem saber o que fazer. Mil coisas passam por minha cabeça, como: *ela é a responsável por todo o barulho infernal que estava tendo hoje de manhã, que pessoa mais sem noção.*

Vejo ela me encarar e levantar suas sobrancelhas e só aí me lembro de que, quando uma pessoa se apresenta, a outra tem que se apresentar também. Na verdade ela não falou o seu nome, mas acho que devo falar o meu.

— Ah, e eu sou Caio — digo sem saber como agir.

— Que falta de educação a minha, eu sou a Samanta, mas pode me chamar de *Sami*, todos me chamam assim.

O sorriso que brota nos lábios dela faz com que sua boca fique bonita, seus dentes brancos reluzem, seus olhos pequenos ficam ainda mais minúsculos e a covinha de sua bochecha aparece. Uau! Esqueci-me de mencionar que Samanta é muito bonita. Acho que quando ela foi criada, Deus pegou um pincel e a desenhou, fazendo com que ela não tivesse defeito algum. Saio desses pensamentos irracionais – pois a última vez que conheci um anjo não deu nada certo, afinal ela era um demônio – e volto a raciocinar.

— Então, Samanta, vizinha nova. No que posso ajudar? — O tom da minha voz sai com um pouco mal-humorado, afinal eu ainda estou revoltado por não poder assistir à minha série preferida do momento.

— É que o pessoal que trouxe a minha mudança esqueceu de colocar uma lâmpada na sala. Eu não consigo alcançar e ainda não tive tempo de comprar uma escada. Já tentei chamar o porteiro pra me ajudar, mas ele não está lá embaixo. E como você é meu vizinho mais próximo, eu bati aqui para ver se tinha como me ajudar...

Ela mal termina a frase de tanta vergonha que deve estar sentindo; acho que o tom da minha voz a deixou um pouco constrangida. Penso em negar, a encaro, tento falar não, mas o que sai da minha boca é simplesmente um:

— Tudo bem!

Saio do apartamento e fecho a porta. Samanta caminha a minha frente e é impossível não olhar para sua bunda; esses olhos malditos são atraídos por tudo que uma mulher tem a mostrar. Ela pode ser pequena, mas tem uma bela bunda. Balanço a cabeça novamente para tirar esses pensamentos da minha mente. Deve ser a falta de sexo que me faz observar cada curva da vizinha nova, e que curvas. Pensamentos insanos estão rondando minha mente.

Entro em seu apartamento depois de ela liberar a entrada.

— É essa aqui.

Percebo que o apartamento dela é como o meu, com a mesma quantidade de cômodos, mas os móveis são bem melhores. Ou seja: são caros. Como sou um pouco alto, preciso somente me apoiar em uma cadeira para trocar a lâmpada e assim, em questão de segundos, a luz volta a brilhar, iluminando o lugar.

— Prontinho, até mais.

Quando estou caminhando para a saída, Samanta diz:

— Se você quiser um café, água, *refri* ou algo do tipo...

— Estou bem — respondo curto e grosso.

— Então muito obrigada, Caio.

Ela estende sua mão, e eu a pego a contragosto.

— Por nada. — Assim que piso no corredor, digo a ela: — Se der pra fazer menos barulho à noite, eu agradeceria. — Ao ver sua expressão de incredulidade, eu me explico: — É só que na maioria das vezes, quando batem na parede da sala, faz barulho no quarto da minha filha e ela costuma acordar muito brava. E eu tenho medo dela quando ela está com o humor de

um monstrinho.

Ela sorri novamente com aquela boca criada por um pincel de Deus – droga, estou fascinado!

— Vou evitar fazer barulhos à noite, pode deixar.

Assinto e saio da sua vista, entrando em meu apartamento. Caminho até o quarto de Bella e ela está dormindo como um anjo.

Sento novamente no sofá da sala e volto à assistir minha série, mas não consigo mais prestar atenção no episódio, pois não sei o que acontece com meus pensamentos, só consigo me concentrar em Samanta, aquele pequeno pedaço do céu criado por Deus, a obra mais linda. Eu tenho que parar com esses pensamentos antes que eu me arrependa.

Capítulo 3

— Dona Matilde, eu não deixarei a Bella viajar com vocês — digo a mãe de Élis.

Eu nunca proibi a família dela de ver Bella e, às vezes, até deixo Bella passar alguns fins de semanas com eles, ela adora os avós.

Acho que um dos pontos principais para eu permitir que eles a vejam é que eles sempre demonstraram muito amor por minha filha e, também, desde que Élis desapareceu, ela nunca procurou a família. Os seus pais acharam extremamente errada a atitude dela e agora preferem me ver a saber notícias da filha desgarrada.

Consegui me divorciar de Élis mesmo que ela não tenha comparecido, mas com todas as provas que ela deixou escrita em uma carta, ela perdeu todo o seu direito de resposta.

Mas, mesmo mantendo uma relação com a família dela estritamente para o bem-estar da minha filha, não concordo em deixá-la viajar com eles por quinze dias. É muito tempo para uma criança ficar longe do pai, ela é muito pequena e eu não sei se eles a olham tão bem quanto eu.

— Querido, ela irá adorar passear pelas praias de Santa Catarina e depois vamos aos parques disponíveis naquela região. Não seja tão ranzinza, Caio, eu amo minha neta, sempre terei cuidado com ela.

— É só que eu tenho medo que aconteça algo, dona Matilde — digo a verdade. — Confio na senhora e no Alfredo, mas...

— Se tiver que acontecer, querido, irá acontecer e não terá como você impedir isso. — Ela interrompe minha fala.

— Eu posso pensar? — peço, começando a sentir-me derrotado.

— Claro que pode, mas se puder me responder até amanhã, eu agradeço. Viajaremos no sábado.

— Entro em contato.

Não espero ela responder para desligar o telefone. Não sei se deixarei minha filha ir, só que também sei que não posso proporcionar essas viagens a ela nesse momento. Não preciso esperar até amanhã para dar a resposta para dona Matilde.

Deixo o meu orgulho de lado e, mesmo preocupado, penso em minha menina; ela será bem cuidada pelos avós. Eles sempre foram muito cuidadosos, eles não têm culpa da filha deles ser uma irresponsável.

Eles deram do bom e do melhor para ela. Ela que se tornou um ser desprezível por conta própria. Só que eu também sei que o tanto de vezes que dona Matilde me chamou de querido na última ligação é tudo falsidade, ela nunca gostou muito de mim, só faz alguma coisa com segundas intenções.

Pego meu celular e disco o número da minha ex-sogra.

— Oi, Caio — diz ela com o tom de falsidade gritante.

— Pode levá-la. Eu estou sendo muito ranzinza com isso tudo. A Bella merece se divertir. — Respiro e continuo. — Mas espero que nada aconteça a ela.

— Que ótimo, *querido*, passarei na sexta à noite para pegá-la. E não acontecerá nada.

— Tudo bem.

Ao desligar o telefone, tento esquecer a história da viagem por enquanto. Preciso focar nos números binários do programa da empresa, afinal, se algo desconfigurar, eu serei o culpado.

Chego em casa com Bella nos braços e encontro Samanta saindo do seu apartamento. Linda, perfeita e, droga, eu tô fascinado com ela. Sua calça jeans deixa muito pouco para imaginação e a regata branca molda seu corpo, deixando-o ainda mais bonito. Assim que ela nos vê, abre um largo sorriso.

— Boa noite — cumprimenta, sorrindo ainda mais ao encarar Bella.

Essa é a primeira vez que a encontro depois da troca da lâmpada e agora, ao vê-la encantada com Bella, me faz gostar um pouquinho dela. Afinal, para fazer um pai feliz, se encante com o filho dele.

— Boa noite — retribuo o cumprimento.

Mas eu já deixei de ser o centro das atenções de Samanta há muito tempo.

— Oi, coisinha fofa, tudo bem? — diz ela, segurando a mão gorducha de Bella. Minha filha já caiu nos encantos da vizinha. — Qual o seu nome?

— Responde para ela, filha.

— Bella — diz minha pequena gorduchinha com sua voz doce.

— Ah, que linda. — Ela sorri para Bella, que estende os braços para ela.

Algo inédito, afinal minha filha nunca foi de gostar de pessoas rapidamente, ela sempre foi muito retraída, como eu. Mas com Samanta ela já foi logo se jogando de corpo e alma.

— Acho que ela gostou de você — digo assim que Samanta, sem minha permissão, pegou Bella.

Mas não faço alarde. Pelo sorriso no rosto da minha filha, sei que ela amou Samanta. Alguns minutos depois, ela me devolve Bella.

— Eu preciso ir, meu namorado está chegando daqui a pouco ao aeroporto, depois de três meses viajando a trabalho. Quando tiver um tempinho, se você permitir, queria ficar mais tempo com essa linda. E se a mãe dela também não achar ruim — diz Samanta, sorridente. Meu coração deu uma batida mais rápida quando ela disse namorado, mas só a menção do nome *mãe* faz com que eu feche a minha expressão. Eu sei que Bella é uma criança feliz, só que não sou bobo de pensar que ela não sente falta de Élis, talvez por isso gostou tanto de Samanta.

Ao ouvir a palavra *mãe*, vejo os olhos da minha filha se encherem de lágrimas; ela logo vira seu rosto para o meu pescoço e começa a chorar, um choro doído, que corta a alma.

A expressão de Samanta seria cômica se não fosse trágica. Ela percebe que deu uma mancada séria.

— Se puder não tocar nesse assunto...

Ela tenta falar algo, mas não espero. Dou as costas para ela e pego minhas chaves, abrindo a porta do apartamento em seguida. Quando entro no apartamento, vejo que Samanta ainda está parada me encarando, a curiosidade rondando a sua mente.

Sei que ela deve estar curiosa sobre o que acabou de acontecer. Porém, eu nem a conheço para abrir meu coração e contar tudo que aconteceu na minha vida nos últimos meses. Eu até queria ter amigos para desabafar e tirar esse bolo que está em minha garganta há tempos, porém não tenho amigos aqui no Brasil. Tinha Pedro na faculdade, mas ele se mudou para o Canadá e de lá nunca voltou.

Por mensagens em redes sociais ninguém consegue desabafar cem por cento, então o jeito é ficar me martirizando pelo resto da vida.

Antes da porta se fechar, escuto-a dizer:

— Desculpe.

E aí eu vejo sua expressão mudar de curiosa para pena, e é isso que odeio, aquela maldita expressão de pena mostrando-me novamente o quão fracassado fui e sou em toda a minha vida. Mas não quero a pena das pessoas, pois não é por ser abandonado por minha ex-esposa que tudo está perdido.

Bato a porta e tranco-a em seguida.

Coloco Bella, que já se acalmou um pouco, no sofá e me ajoelho em frente a ela. Odeio vê-la assim.

— Papai, cadê a mamãe? — A voz embargada da minha filha demonstra seu sofrimento.

Meu coração quebrado continua a ser esmagado ainda mais por essas palavras. Uma criança inocente não deveria passar por tudo o que ela está passando; Bella pode não ser minha filha de sangue, mas é de alma e de coração. Imagino a dor que está dentro desse pequeno ser amável. Demorará anos até que ela consiga compreender tudo o que aconteceu. Bella ainda é muito pequena, inocente e não deveria ser atingida pelas maldades do mundo, no entanto, uma das piores maldades foi Élis ser a mãe dela.

— Meu bem, ela foi embora. Mas o papai sempre estará aqui por você, tudo bem? — Tento falar de um jeito calmo para que ela entenda.

Ela só assente e me abraça. Acho que pelo menos por um momento consegui evitar a conversa. Mas um dia, quando ela estiver maior, precisarei contar tudo a ela, toda a infelicidade que sua mãe causou em nossas vidas.

Quando isso acontecer, eu estarei aqui para amparar minha filha e a farei se sentir amada; terei amor de sobra para dar a ela, amarei por duas pessoas. Pois eu daria minha vida para ver Bella sorrindo e mataria todos que tentassem colocá-la para baixo.

— Escuta o papai. Você vai viajar com a vovó Matilde e o vovô Alfredo. — Tento mudar de assunto para ela se sentir melhor e claro que dá certo.

É assim que quero minha filha: sorridente e alegre, pois crianças nunca deveriam ser atingidas pelos pecados do mundo. Elas nasceram para trazer paz ao mundo e não para serem infelizes. Eu posso ficar infeliz, mas ela sempre estará sorrindo. Essa foi uma das promessas que fiz quando Élis resolveu fugir com aquele infeliz. Irei cumpri-la nem que para isso eu tenha que mover montanhas. Bella será uma das crianças mais felizes que existe.

Assim que coloco Bella na cama horas depois, escuto ruídos no apartamento ao lado, a vizinha deve ter chegado.

Foi buscar o namorado no aeroporto, isso me faz relembrar os momentos corridos que passei em meu relacionamento com Élis; foi de namoro a casamento em poucos segundos, afinal tínhamos que nos casar rápido, antes que a barriga de Élis aparecesse e estragasse as fotos. Como eu pude ser apaixonado por aquela mulher? Ela sempre foi mesquinha, e eu fui um trouxa

por me deixar ser enganado.

Vou para o quarto, jogo-me na cama e, assim que me aconchego melhor, pego um livro de terror para ler. Histórias assim me atraem e fazem com que eu queira saber o final antes mesmo de chegar à última página. Estou extremamente concentrado em minha história quando escuto:

— Você acabou de chegar e já tem outra reunião importantíssima? — É a voz da vizinha.

O ruim de não ter dinheiro para poder pagar um apartamento decente é que tudo o que é dito em uma entonação mais alta é escutado no outro apartamento. Lembro que, quando nos mudamos para cá, ainda quando éramos só Élis e eu, escutávamos todo o sexo do casal anterior a Samanta; eles eram um pouco escandalosos e se mudaram assim que Bella nasceu. Agradei bastante por isso. Imagina ter que explicar para minha filha o que eram aqueles barulhos? Não gosto nem de pensar no assunto.

— Você já vai começar com essa infantilidade, Samanta? Eu tenho que trabalhar para poder ganhar as eleições.

Escuto uma voz masculina do outro lado. Eles podiam discutir mais baixo, senão vão acabar acordando Bella.

— Se estou reclamando, é porque você ficou três meses fora, Eduardo. Eu quero aproveitar um pouco do meu namorado, aí você vem passar uma noite e já vai embora de novo.

— Sami, entenda, eu sou um político com intenções de vencer a eleição e não posso ficar esperando que meus eleitores votem em mim sem que eu bajule aquele povo nojento. Você já devia estar acostumada, sua vida sempre foi rodeada de políticos.

Que cara grosso! Do jeito que ele fala, fica parecendo que nem ao menos se importa com Samanta. Pelo pouco que a conheço, ela parece ser uma pessoa boa.

— Mas, Eduardo...

— Mas nada, cala a sua boca! — grita ele, fazendo tudo ao redor ficar tenso. Paro a leitura e, mesmo sabendo que é errado, aproximo-me da parede para ouvir melhor o que está acontecendo, pois está muito estranho.

— Já disse para você parar de me importunar com isso! — Algo se quebra, o que está acontecendo?

— Por favor, Eduardo, não.

Tudo fica em silêncio, e não sei o que aconteceu. Quando escuto a porta

do apartamento bater e o som de passos pelo corredor, tomo a atitude de ver o que aconteceu. Ao abrir a porta, vejo um homem de terno ir em direção à escada. Não consigo ver seu rosto, mas só pelo terno caro sei que ele não é da mesma classe social que eu.

Dou duas batidinhas na porta de Samanta e nada acontece. Volto a bater um pouco mais forte, mas não posso deixar Bella sozinha. Se ela não aparecer, terei que ir embora. Bato novamente e nada, nem um som que me indique que ela estaria se aproximando da porta.

— Samanta, está tudo bem? — pergunto, mas nada escuto.

Só que eu não sei ficar quieto, eu não posso deixar as coisas como estão, sempre tento ajudar o próximo e sempre me dou mal por isso. E mesmo sabendo disso, resolvo entrar sem ser convidado na casa da vizinha. Giro a maçaneta e percebo que a porta não foi trancada na hora que o tal Eduardo saiu. Entro na soleira do apartamento e chamo novamente:

— Samanta — sussurro.

— Vai embora. — Recebo um sussurro de resposta.

Quando direciono meu olhar para a sala, vejo Samanta no chão, encostada à mesinha de centro, com o rosto baixo. Tem uma taça quebrada no chão com um líquido âmbar espalhado pelo piso. Da outra vez que vim aqui, não reparei, mas o apartamento tem vários quadros pelas paredes e vários porta-retratos com fotos dela e um outro homem, um casal de senhores e muitas dela sozinha.

Eu me aproximo lentamente de Samanta e abaixo, ficando da sua altura. Percebo que ela está chorando, seus ombros se sacodem e aí entendo o que aconteceu. Pego seu queixo lentamente e, ao trazer seu rosto de encontro ao meu, o mundo para, o meu coração dispara e eu começo a tremer de raiva, vejo seu lábio cortado e um tom vermelho em sua face. O ódio toma conta do meu ser e ferve nas minhas veias.

O miserável bateu nela.

Capítulo 4

Não consigo me manifestar, meu corpo está congelado pelo ódio. Samanta tem um rosto lindo, que agora está com um hematoma estragando toda a sua beleza. Seus olhos estão vermelhos e não param de deixar as lágrimas escorrerem.

— Como você consegue ficar com esse cara? — perguntou, sem conter o ódio fervente em minhas veias.

— É complicado — sussurra, fazendo com que eu fique com ainda mais ódio.

— Quem é esse cara? Eu posso fazer algo, vamos à polícia — digo, levantando.

— Não, você tá louco?! Não vamos à polícia! — diz ela, segurando meu braço no impulso.

— Mas ele te agrediu. — Afago seu rosto sem permissão, mas não consigo controlar minha mão.

— Não interessa, nós não vamos à polícia. Você nem deveria estar aqui. Cadê a sua filha, você deixou ela sozinha? — Ela eleva o tom de voz.

— Eu a deixei sozinha para ver se você precisava de ajuda. Percebi que precisava mesmo.— Nunca falei tantas palavras juntas, com os dentes trincados de ódio.

—Não deveria se intrometer na vida dos outros! Sai daqui e esquece o que você viu! — O seu sussurro me entristece. Não sei o motivo, mas não quero me afastar.

— Samanta, sei que não tenho nada com sua vida, mas isso é errado, você não pode deixar que ele te agrida e saia como se fosse a coisa mais normal — digo, contrariado.

— Caio, não torna as coisas mais difíceis. —Ela deixa mais algumas lágrimas escorrerem por seu rosto.

—Se precisar de um apoio, é só me chamar. A gente não se conhece, mas eu sei o que é sofrer opressão e abusos, quero só te ajudar. — Mesmo não gostando de contatos com estranho, sinto uma necessidade de colocar Samanta entre meus braços e acalenta-la, mas não faço isso.

Saio do apartamento dela dando uma última olhada em sua direção e sentindo raiva; não dela recusar minha ajuda, mas sim de deixar um agressor a solta.

Nunca fui a favor de abuso em nenhuma forma; já sofri muito com isso para não ajudar alguém que precise. Porém, as pessoas que são agredidas, principalmente as mulheres, preferem se esconder em suas conchas e fingir que é perfeitamente normal levar um murro de um homem, um ser que é bem mais forte que ela. Eu entendo que algumas sentem medo, mas, mesmo assim, precisam tomar a coragem necessária para denunciar seus agressores.

Olho Bella em sua cama, dormindo como um anjo. Gostaria de voltar a minha infância e ter a paz que ela tem, mas, já que sou o adulto nessa casa, tenho de enfrentar os monstros que existem nesse mundo.

Tomo um banho rápido e deito em minha cama. Eu não deveria estar remoendo o que acabou de acontecer, mas estou e isso não é nada bom: se já estava encantado com Samanta, agora que percebi o que ela sofre, posso tentar mover o mundo para ajudá-la, basta somente ela querer.

— Dona Matilde, qualquer coisa a senhora me liga, que eu dou um jeito de ir até vocês.

— Meu filho, pode ficar tranquilo. Sempre te mantereii informado.

— Caio, você sabe o quanto amo minha neta, não deixarei que nada aconteça com ela — pronuncia Alfredo. Ele nunca foi muito meu fã, mas sei que por Bella ele morreria.

— Obrigado — digo aos pais de Élis.

Entrego Bella a ela, mas antes dou um abraço bem apertado em minha filha e um beijo em sua testa.

— Até mais, meu bem.

— Até mais, papai.

— Te amo mais que o infinito.

— E eu te amo um tantão de infinitos. — Os braços de Bella contornam meu pescoço e com isso deixo um último beijo em sua testa.

Eles entram no carro, e Bella me dá tchau com suas mãozinhas pequenas. Sorrio e vejo-os partir. Tomara que façam uma boa viagem.

Meu coração fica apertado, mas sei que é só por eu ser um pai coruja e por essa ser a primeira vez que a minha filhinha ficará longe dos meus braços por tantos dias. Quero dizer, a primeira vez depois que aquela mulher nos deixou...

Um vento forte bate em meu corpo, por isso resolvo subir e me trancar em meu casulo mais uma vez. Sem Bella, será ainda mais monótono; eu só saio de casa por causa dela aos domingos. Sem ela, não há necessidade de fazer isso.

Assim que entro no corredor do meu apartamento, encontro Samanta. Ela me encara, mas eu logo desvio o olhar e continuo o trajeto até o meu apartamento. Ela está me evitando desde o fatídico dia, e eu estou dando o espaço que ela quer.

Ao passar por ela, sinto o seu perfume, algo doce com floral, um cheiro único para uma mulher única. Ela é linda, com um estilo sem igual. Um corpo pequeno, mas com curvas encantadoras.

Fecho a porta e me jogo em meu sofá. Ela estava bonita pelo pouco que olhei – com um vestido preto de renda e um casaco por cima dos ombros, além da bota que pega até a coxa –, deve estar indo para algum lugar. Só eu que fico escondido em meu apartamento em uma sexta à noite.

As pessoas tacham todos os homens de muitas coisas e, na maioria das vezes, são coisas ruins. Eu até concordo que a maioria deles são uns seres inomináveis, mas sempre tem uma exceção; eu sou um dos que é caseiro, que sempre foi fiel à esposa e que cuida muito bem da filha.

Acho que deveria ser um pouco diferente, talvez eu não me sentiria tão sozinho, porém as pessoas em sua maioria são insuportáveis, então é melhor não lidar com elas. Sem contar que o preconceito está arraigado no coração da maioria dos seres humanos e, quando descobrem o meu espectro, já começam a me tratar diferente. Na verdade, isso não é um problema e hoje entendo muito bem isso, mas a sociedade não vê como eu vejo, ela que é o problema.

Escuto o barulho de saltos se aproximando; eles passam pela casa de Samanta e param em frente à minha porta. E o famoso "toc, toc" soa. Eu não queria ouvir esse som, sei que é ela. Sei que, se abrir a porta, estarei me conectando ainda mais a ela, com quem eu não conversei mais de duas horas. Isso é tão errado. Não posso sentir essa conexão com minha vizinha.

— Eu sei que você só queria ajudar e eu fui uma idiota. Abre essa porta e conversa comigo. — Ela pensa que estou com raiva dela, mas é totalmente o contrário, eu só não quero me conectar ainda mais a ela.

Não me movo. Ela não pode ter esse poder sobre mim. Ela continua batendo até me irritar.

— O que foi, Samanta? — pergunto assim que escancaro a porta.

— Eu fui uma idiota, desculpa — pede com uma voz tão meiga, que quase não sei o que responder.

— Não precisa pedir desculpas, você não me fez nada. Eu que devo pedir desculpas. Apesar de achar que todos deveriam se intrometer quando acontecem injustiças.

— Eu sei que tentou ajudar. É só que eu... — ela para por um momento, tentando achar a palavra certa a ser usada e, quando essa palavra sai de sua boca, não parece certa — ... *amo* o Eduardo e não quero vê-lo na pior, sem contar que eu não posso sujar a imagem dele com esses pequenos defeitos. Ele vai se lançar candidato daqui a alguns dias, então...

— Olha, você vai me desculpar, mas bater em uma mulher não é um “pequeno defeito”, é um crime — digo, impaciente.

— Tudo bem, não vamos discutir sobre isso. Você está aqui sozinho? — diz.

Essa garota é muito louca! Nem me conhece e faz cada pergunta fora de hora. Acho que não ensinaram para ela que cada momento precisa de um *timing* diferente.

— Bella foi viajar com a avó. — Mesmo assim respondo seu questionamento.

— Deixa eu me desculpar com você? — Ela sorri. Não consigo ficar sério e retribuo o sorriso. — Estou de saída com algumas amigas para uma boate nova que abriu. Se quiser ir, tem espaço no carro.

Uma proposta tentadora se o meu desânimo não falasse mais alto.

— Não. Muito obrigado, não faz a minha praia.

— Hum... Primeiro homem que vejo falando que uma balada não “faz a praia”. — Ela solta uma gargalhada. — Bom, se quiser, é na boate Buarde que vamos. É só falar que você é amigo de Samanta Lins, que eles te deixarão entrar na área VIP.

— Pode deixar, mas eu não irei.

Assim que digo isso, ela abre ainda mais o sorriso de dentes brancos e perfeitos – aquela covinha em sua bochecha é uma perdição – e diz:

— Tô tentando me redimir com você, além de querer ser sua amiga, e você não está ajudando. Assim complica, viu, Caio.

Essa garota só pode ser bipolar.

— Se eu mudar de ideia, você saberá que estarei lá.

— Ok. Deixa-me ir, minhas amigas estão me esperando.

Ela, de repente, beija meu rosto – o salto das botas deve tê-la ajudado a alcançar – e sai depois de dar uma piscadela com o seu olho direito.

Nunca encontrei alguém tão bipolar.

Samanta Lins. Um nome bonito.

Volto para o meu sofá e fico mexendo em meu celular, olhando algumas pessoas nas redes sociais. Todos estão se divertindo em algum lugar e eu em casa, curtindo uma bela fossa.

As horas passam e eu não consigo esquecer o beijo em meu rosto. O que essa garota está fazendo?

Pego meu celular e digito o nome da boate no buscador da internet, logo descubro que ela não fica tão longe de onde moramos e é aí que decido dar uma chance ao azar. O que de pior pode acontecer se eu for a essa boate? Nada!

Chego à boate e vejo a fila de pessoas. Se ficar esperando nela, nunca conseguirei entrar. Vejo muitas pessoas bonitas e posso perceber, pelo estacionamento da boate, que é classe A. Eu nunca poderia pagar para entrar em um lugar desses. Decido chegar no segurança que barra as pessoas na entrada e falo que conheço Samanta e, assim que digo seu nome, eles liberam a passagem.

O pessoal da fila diz alguns palavrões, mas eu não saí do conforto da minha casa para não poder entrar nessa barulheira, que já está me deixando tonto. Devido ao meu espectro, lugares com muitos movimentos e com muito barulho tendem a me deixar um pouco desorientado, por isso, faço o máximo para me controlar.

Percebo que a porta que entrei leva direto para a área VIP, o que me separa da superlotação que está lá embaixo.

Procuro por Samanta no meio das pessoas que estão na área VIP, mas não consigo encontrá-la. Longos minutos se passam, e eu já estou querendo ir embora. Não deveria ter dado ouvidos a uma maluca que não conheço muito bem.

Saio da poltrona em que estava sentado e caminho em direção à saída, até que alguém segura minha mão. Viro para ver quem é, e lógico que só podia ser ela.

— Não acredito que você veio.

— Você me convenceu — falo um pouco alto devido ao som estridente

que reverbera pela boate.

— Que ótimo, agora poderei conhecer você melhor.

Sei que Samanta não quis dar a entender que estava com segundas intenções, mas mesmo assim fico sem graça com o que ela diz. Abaixo minha cabeça e encarar meus sapatos parece ser muito interessante

— Eu não quis...

— Eu sei — digo antes que ela fique ainda mais constrangida. Volto a olhar em seu rosto.

— Que bom — diz Samanta com seu sorriso contagiante. — Vem, quero lhe apresentar minhas amigas.

Assim vou com ela. Chegando perto do bar, conheço três mulheres, Bia, Andressa e Amanda, tão lindas quanto Samanta. Elas são bastante divertidas e, pouco a pouco, consigo soltar algumas gargalhadas com os papos que elas revelam na roda.

Tinha bastante tempo que eu não me divertia tanto, sinto-me revigorado e, por incrível que pareça, feliz. Uma palavra que há muito tempo eu não pensava.

Felicidade é algo que eu sempre acho que não tenho, ainda mais depois de tudo que aconteceu em minha vida. Felicidade é algo que nunca mais pensei que passaria por minha cabeça. Porém, essas garotas me fizeram rir e me sentir feliz pela primeira vez depois de muito tempo.

A música alta e contagiante me faz ter vontade de dançar – mesmo que ainda esteja me incomodando um pouco –, mas nunca teria coragem de fazer algo do tipo, por isso dou mexidas leves em minha cabeça.

Samanta volta do banheiro e balança a cabeça negativamente.

— Pega alguma das garotas e vai dançar e para de ficar balançando a cabeça igual a um calango. — Consigo gargalhar da comparação horrenda a que fui submetido.

— Uau, eu sou um calango! — Continuo a gargalhar.

— Eu não disse que era.

Olho dentro dos seus olhos e não sei o que me motivou a dizer o que acabou de sair da minha boca. Mas tenho certeza que não estou em meu estado normal.

— Não quero dançar com nenhuma garota que não seja você.

O sorriso de Samanta diminui drasticamente, ela olha ao redor e depois para mim.

— Não sei se seria uma boa ideia — diz, sem graça.

— Por que não seria? — questiono, aproximando-me dela.

— Eu tenho namorado, Caio. — Ela se afasta.

Mas eu seguro em seu braço e sussurro em seu ouvido:

— Eu nunca pedi mais que uma dança.

— Você pode não ter pedido, mas talvez a culpada sou eu, que quero mais que uma dança.

Ela solta o seu braço da minha mão e some no meio das pessoas que estão na ala VIP.

O que acabou de acontecer?

Balanço a cabeça para desviar meus pensamentos. Quando resolvo me despedir das meninas que continuam no bar, Bia se aproxima antes que eu chegue a elas.

— Vou te dar um aviso. — Escuto atentamente, para que o som alto não me faça perder nada do que ela falará. — Eu amo a Sami, ela é minha melhor amiga e sei o quanto é infeliz com aquele homem que diz a amar. Só ela que não percebe como ele é um cara escroto. Eu gostei de você, não me faça mudar minha opinião.

— Eu não sei do que você está falando — faço-me de sonso. Acho que me fazer de desentendido nesse momento é melhor do que assumir que eu estava a fim de provar o sabor dos lábios de Samanta.

Ela levanta levemente sua sobrancelha e me encara. Olho para o outro lado, evitando o seu olhar acusador. Logo despeço-me o mais rápido que posso dela e das outras meninas que estavam mais distantes.

Saio da boate e o vento frio faz com que eu respire novamente um ar mais puro do que o que estava lá dentro.

Caminho em direção ao meu carro e penso que algo está diferente dentro de mim. Assim que chego à porta do automóvel e destravo o seu alarme, escuto passos se aproximando. Viro para ver o que é, mas não tenho tempo, pois logo levo um soco no olho, fazendo com que eu me desequilibre e caia para trás.

Estou desnortado pelo soco, mas nada impede quem está me agredindo de continuar com chutes em minha barriga, vários e vários chutes. A dor dilacerante passa por meus músculos fracos, espalhando-se por todo o meu corpo.

Havia bastante tempo que eu não levava uma surra dessas. Como no

colegial, não sei o que fazer para me defender e a única coisa que consigo fazer é gemer de dor.

Quando a pessoa que me agride percebe que, se continuar, vai acabar me matando, ela para e abaixa. Eu consigo abrir os olhos lentamente para ver quem é. Não sei se é porque estou tonto, mas tenho certeza que o homem que me agrediu é o segurança da entrada, que me liberou para a área VIP.

— Eduardo te mandou um recado. — Após ouvir essas palavras, tenho certeza de que não estou alucinando e, sim, é o segurança da entrada.

Ele se distancia, deixando-me deitado na calçada. Levanto lentamente com dores por todo lugar. Sinto dificuldade para respirar e tenho medo de ter quebrado alguma costela.

Quando consigo ficar em pé, minutos depois, abro a porta do carro e sento no banco para poder respirar com mais calma. Não sei se conseguirei dirigir até em casa devido à dor que estou sentindo em minhas costelas. Por fim, decido esperar a dor amenizar um pouco para continuar meu caminho.

Quem é esse cara? Como ele pode ter tanto poder, que consegue fazer com que o segurança de uma boate me espanque assim? Além de bater em mulheres, ele consegue ser covarde a ponto de mandar pessoas a seguirem para saber o que ela anda fazendo.

Sinto ódio, mas não de Samanta, nem do segurança, muito menos do tal Eduardo. Sinto ódio de mim que, depois de tanto sofrer com agressões, ainda não aprendi a me defender.

Isso vai mudar, cansei de ser feito de saco de pancadas.

Capítulo 5

Estou deitado em minha cama na manhã fria de sábado e não quero nem pensar em me mexer para que a dor não volte a dar o ar da graça. Se respirar um pouco mais forte do que estou fazendo, sei que todos os meus músculos machucados voltarão a doer e a latejar.

Consegui sair da porta da boate uma hora depois de entrar no carro e vim bem devagar, pois qualquer movimento brusco que fizesse sentia tudo se rasgar.

Tomei algumas aspirinas para a dor amenizar, mas nem elas conseguiram fazer com que melhorasse. Tento levantar-me, mas arrependo-me no mesmo momento, pois, assim que eu sento lentamente na cama, sinto ainda mais dor. *Se você está machucado, qualquer movimento fará com que sua dor aumente, mas parece que, quanto mais lento os movimentamos, mais dor sentimos.*

Vou ao banheiro e tiro toda a minha roupa com cuidado para não me machucar ainda mais; coloco a água bem quente para relaxar os músculos. A água consegue levar um pouco da dor embora, e tão logo começo a me sentir um pouco melhor, saio do box e paro em frente ao espelho, passando a toalha por meu corpo. Ao ver minha imagem no espelho, sinto ainda mais ódio.

Os socos que levei pelo corpo deixaram vários hematomas e nas costelas está ainda pior. Tento evitar olhar para o meu corpo, pois isso não é nada saudável. Saio do banheiro, visto uma roupa leve e tomo mais remédios para dor, só assim consigo fingir que não levei uma baita surra na noite passada.

Vou para cozinha e olho para o relógio que fica acima da geladeira; são nove horas. Eu teria dormido muito se não fosse a dor dos machucados ter me impedido de dormir por mais de dez minutos.

Além disso, escutei barulhos no apartamento ao lado por volta das quatro da manhã, sinal de que Samanta estava em casa.

Não sei o que deu em mim, mas senti desejo por ela ontem. Ela estava muito linda. E quando disse que tinha vontade de outras coisas além de dançar comigo, fiquei louco. Acho que suas palavras despertaram um desejo em mim que já estava há muito tempo esquecido. A conexão que estava

sentindo por ela só aumentou, dando-me vontade de fazer várias coisas com ela que seriam impróprias até para os meus pensamentos.

Tento esquecer isso, afinal, ontem recebi um recado meio doloroso do seu querido namorado e não estou a fim de encontrá-lo por aí, não por agora. Quando eu disse que estava cansado de ser o saco de pancadas alheio, estava falando a verdade.

Conheço uma academia aqui perto da minha casa que tem tudo o que preciso. Acho que uma das melhores coisas a se fazer é uma arte marcial, que irá me ensinar a me defender quando precisar. E sei também que até para minha condição um exercício físico é bom, pois trabalhar meu sistema neural ajuda muito no meu dia a dia.

Sei que terei de deixar a Bella ainda mais tempo com a babá, mas é por uma boa causa. Não posso deixar minha filha crescer e ver que seu pai não dá conta de se defender.

Meu celular toca e atendo rapidamente, pois é dona Matilde. Mas graças a Deus está tudo bem com eles, e Bella está se divertindo. Fico mais relaxado por saber que minha filha está bem e, ao escutar sua voz pelo telefone, fico feliz. Ela precisava desses momentos de distrações, ainda bem que dona Matilde me convenceu a deixá-la ir.

Assim que desligo o celular, escuto algumas batidas na porta do meu apartamento. Não sei quem é, mas espero que não seja Samanta. Ela não pode me ver assim.

A pessoa não desiste fácil, pois continua a bater mais forte na porta. Às vezes, me arrependo de não ter um olho mágico para ver quem me perturba. Só que o destino adora nos pregar peças. Assim que escancaro a porta, vejo-a lá, esperando com um sorriso enorme, a baixinha que tanto perturba minha mente, mas logo o seu sorriso morre. Acho que a expressão de terror em seu rosto é devido ao roxo em meu olho e ao pequeno corte no supercílio. Ainda bem que ela não viu como está a minha região torácica, ou abdominal.

— O que aconteceu com você? — pergunta ela com a voz em pânico e se aproxima, tentando tocar em meu rosto.

— Acho melhor você não fazer isso — digo, afastando-me.

— Não me diz que... — Pela compreensão em seus olhos, percebo que ela sabe muito bem quem fez isso. Irrito-me, pois ela sabe que o homem é violento e ainda continua com ele.

— Só vai embora, Samanta, acho que não podemos ser amigos. — Faço

uma pausa e digo: — Eu nem te conheço, não sei nada sobre o que você faz, não sei se o seu namorado é algum assassino, e eu tenho uma filha para cuidar. Então, acho que você não deve voltar a se aproximar de mim ou da minha filha. — As palavras sem noção escapam da minha boca, mesmo eu não querendo dizer nada disso.

— Eu não sabia... — Interrompo-a novamente.

— A culpa não é sua, só tenha cuidado.

— Mas, Caio...

Fecho a porta em sua *cara* sem piedade. Na verdade, estou morrendo de ódio por tê-la tratado assim, mas não posso conversar com alguém que namora um cara que mandou me espancar.

Só que odeio ser uma pessoa boa; a expressão dela não sai da minha cabeça e, quando chego na cozinha, já me arrependi de tudo o que disse a ela. O quão idiota eu fui? Volto mais que depressa – bom, ao menos em meu estado passos lentos apressados são depressa – para a porta e abro. Vou bater no apartamento ao lado até ela me perdoar pelo que disse. Mesmo que eu não a conheça ou não deva explicações a ela, odeio ser injusto com as pessoas, já sofri injustiças demais para tratar alguém tão mal.

Porém, mal piso para fora e esbarro em Samanta.

Ela não foi para o seu apartamento?!

— Eu sou um grande idiota, desculpa.

— Eu também sou, você que deve me desculpar. — Ela me olha e continua: — Eu não consegui voltar para casa, estava pensando em como ia fazer você me ouvir.

Os olhos marejados que ela direciona a mim fazem com que eu perca toda a pose de homem raivoso. Afasto-me da porta e deixo ela passar. Depois de fechar a porta do apartamento, pergunto:

— Quer algo? Café, suco, água... — Ela sorri timidamente e nega.

— Só quero conversar. — Assinto e sento no sofá de frente para ela, tentando fazer com que ela não perceba que estou ainda pior. — Bom, não sei o que aconteceu, mas desde o dia que te conheci, gostei de você e queria muito ser sua amiga.

— Bom, mesmo eu sendo o pior amigo que alguém pode ter, a gente pode ser amigos, mas para isso acho que precisamos nos conhecer mais. — Sei que disse que a queria afastada, mas pela primeira vez em anos sinto-me bem em conversar com alguém.

— Eu concordo com você.

Sorrio de lado e, mesmo sentindo dor, tento não demonstrar para que ela não se sinta ainda mais culpada.

— Eu começo, então. Tenho vinte e oito anos, sou formado em sistemas de informação, trabalho em uma empresa que me paga razoavelmente bem, não sou rico, como você pode perceber, mas dou conta de sustentar minha filha. Já fui casado, hoje não mais. — Quando chego nesse assunto, tento desviar, mas Samanta é mais rápida.

— Por que não mais?

— Não quero falar disso. — Abaixo minha cabeça, mas ela persiste.

— Se vamos ser amigos, a gente deve trocar confidências! Eu vou contar tudo para você e depois voltaremos na parte onde você parou.

Levanto minha cabeça para prestar atenção no que ela vai dizer e assim que começa a falar, percebo que pode existir pessoas tão fodidas quanto eu, ou até mais.

— Meus pais morreram em um acidente de carro quando eu tinha dez anos, então fui morar com meus avós, meus únicos parentes vivos. Meu avô foi um político bastante conhecido em Minas Gerais. Ele é dono de várias terras lá no estado e bem respeitado por todos. Ele tem vários amigos nesse meio político, que eu odeio. Não que eu odeie as pessoas, mas odeio o meio político, ele sim faz as pessoas se tornarem monstros que não podemos conter. Eles sempre me trataram muito mal. Às vezes, quando queriam que eu fizesse algo para eles, me tratavam bem. E eles pagaram minha faculdade. Só que eu nunca quis fazer parte desse meio e, como eu disse, meu avô tem muitos amigos no meio político, e eis que o Eduardo é filho de um desses amigos. Ele vai se candidatar para senador e... — Ela para por um momento e continua. — Ele era um cara bom.

"Eduardo sempre me tratou bem, namoramos desde os meus vinte anos, então estamos quatro anos juntos. Mas não aguentava mais aquele clima, em que tinha que me portar de acordo com o que a mídia achava certo para a neta de um ex-governador e para a futura mulher de um político renomado.

“Foi assim que aceitei a proposta de vir trabalhar em uma creche daqui... Acho que não contei, sou formada em pedagogia e não podia nem mesmo exercer a minha profissão, pois o meu avô, com seu pensamento machista, sempre disse que eu tinha que ser sustentada por ele, que eu não deveria trabalhar enquanto morasse em sua casa senão eu o estaria desonrando. A

minha família é tóxica, mas é a única que tenho, por isso tento seguir as coisas que eles impõem. Mas acabou que eu não consegui mais ser a neta perfeita de um ‘coronel’.”

Quando ela diz que é formada em pedagogia, meu coração dispara. Será que tenho a sina de conhecer pedagogas que irão destruir minha vida? Abaixo minha cabeça, passando a mão pelo cabelo, e ela continua:

— Sabe, o Eduardo era muito carinhoso comigo, mas esse ano ele está estranho, ele nunca tinha encostado a mão em mim. Não sei o que aconteceu naquele dia, mas quando vi já estava no chão com a boca sangrando. E nem precisei que você me dissesse que esse roxo em seu olho tem algo a ver com ele, pois percebi no mesmo momento que ele era o culpado. Como que ele se transformou em um monstro desses? — *Eles sempre começam bons, mas mostram sua verdadeira face*, penso.

— As pessoas tendem a nos enganar constantemente. Muitas só têm esse objetivo na vida: fazer com que o outro ser humano sofra. — Olho Samanta, que está ainda mais linda hoje sem toda a maquiagem que vi no dia anterior. Como alguém consegue ficar mais linda sem maquiagem? Continuo assim que vejo que ela está esperando que eu me manifeste mais: — Sua vida é tão fodida quanto a minha.

— Eu acho que é meio impossível. Quando eu disse que me mudaria para São Paulo, meu avô disse que, se eu viesse, eu poderia me desconsiderar neta dele. Ele não me ajudou em nada, e mesmo assim eu vim e estou conseguindo levar a vida, um passo de cada vez, sem o apoio da minha família.

— É só você acreditar que tudo dará certo. — Ela sorri, e eu tomo coragem de abrir o meu coração por uma única vez.— Casei com a minha primeira namorada, tivemos uma filha. Três anos depois, descubro que ela sempre me traiu com esse cara e que a minha filha...

Paro por um momento. Não consigo me conter e deixo uma lágrima escorrer por meu rosto. Eu tinha prometido que nunca mais choraria por causa de Élis, mas não choro por causa dela e, sim, por saber que Bella um dia pode não me considerar seu pai verdadeiro.

— Bella não é minha filha. — Escuto a sua surpresa, mas não tenho coragem de levantar o rosto para ver sua expressão de pena; odeio essa expressão, não quero vê-la no rosto de alguém que, até então, não sabia da merda da minha vida. — Élis me traiu enquanto namorávamos e ela

engravidou da Bella. Acabou que eu me casei com ela acreditando em uma mentira, mas nunca me arrependeria de ter tido a Bella. Eu a amo como se fosse realmente minha e nada mudará isso.

Não consigo mais continuar a falar. O choro toma conta de mim, minha garganta fecha e a única coisa que faço é soluçar. Samanta se aproxima de mim e segura minha mão. Não me envergonho de ela ver meu sofrimento, não a conheço tempo o suficiente, mas sinto uma liberdade inexplicável com ela.

— Se a Bella está com você, cadê a mãe dela? — questiona Samanta, um tempo depois de um silêncio necessário para eu me acalmar.

Olho para ela com meus olhos marejados.

— Nunca mais diga que ela é a mãe, eu já te disse isso. Ela abandonou a filha pra fugir com o amante. Abandonou aquela menina linda como se ela fosse lixo, pra fugir com a porra de um homem. Eu dei tudo que ela quis e o meu amor, mesmo com minhas limitações, foi verdadeiro — continuo abrindo meu coração, mas antes que volte a falar, Samanta indaga.

— Quais limitações? — A curiosidade estampada em seu rosto diz para eu não contar, mas não sigo esse conselho e termino de abrir meu coração com uma desconhecida.

— Eu tenho autismo. Não sou totalmente dependente, mas ainda tenho limitações. — Foco bem em seus olhos para ver o julgamento, porém não vejo nada disso, por esse motivo continuo: — Eu amei tanto ela, que quando tudo aconteceu, parecia que eu tinha sido esfaqueado bem no peito.

— Desculpa, ela não merece ser chamada de mãe — diz ela, deixando uma lágrima escorrer por seu rosto. Não contenho minha mão livre e encosto em sua bochecha, secando a lágrima.

Samanta paralisa, olhando-me. Vejo seus olhos dançarem por meu rosto, até pararem em meus lábios. Tento tirar minha mão de sua pele, até que ela a segura no mesmo local e se aproxima de mim ainda mais.

E agora quem está paralisado sou eu. Deixo que se aproxime; sua respiração batendo em meu rosto, seu nariz se encosta no meu lentamente, seus olhos castanhos procuram os meus e, assim que encontra, pede permissão, e eu concedo, até que seus lábios se ligam aos meus. O beijo é leve, é como um reconhecimento de terreno. Sinto a vontade incontável de aprofundar o beijo assim que ela se afasta.

Ela ainda está perto o bastante para eu sentir sua respiração. Como foi

que comecei a desejar minha vizinha? Quando comecei a olhar para os seus lábios e achá-los perfeitos para mim?

Eu tomei poucas decisões em minha vida e me arrependi da maioria delas. Pode ser que me arrependa da decisão que tomarei nesse exato momento, mas eu preciso tomá-la para saber o que o futuro me reserva.

Tiro minha mão do rosto de Samanta e puxo sua cabeça pela nuca de encontro a minha, fazendo com que nossos lábios se liguem em instantes, com isso um beijo voraz começa. Beijar ela é mil vezes melhor do que beijar Élis, parece que sua boca foi feita especialmente para a minha. A sua língua lê a minha de uma maneira diferente do que eu me lembrava com Élis. Realmente não tenho muitas experiências na vida, mas Samanta poderá ser uma das melhores que terei.

Envolvo minhas mãos em seu cabelo para aprofundar ainda mais o desejo que cresceu em meu ser. Mordo seu lábio inferior e volto a chupar sua língua, mas nesse momento ela me lembra que estou com muitas dores, pois, quando desce suas mãos pelo meu corpo, gemo de dor em sua boca, e ela percebe. Abruptamente, Samanta abandona nosso beijo e o choque passa por sua face.

— Caio, não é só o seu rosto que está machucado, não é? — pergunta com sua boca vermelha e inchada por causa do beijo.

— Esquece isso — peço, acariciando sua bochecha.

— Deixa eu ver, Caio.

Deixo minha mão cair em minha coxa, derrotado, percebendo que o momento que tivemos passou devido a um gemido idiota que não pude segurar.

Ela aproxima sua mão da barra da minha camisa e a levanta.

— Meu Deus! — Sua voz temerosa só demonstra o quão feio está meu corpo.

Digamos que o meu corpo não está nada bonito, que ele está totalmente roxo e com algumas bolhas de sangue internas.

— A gente precisa ir ao médico.

— Não vou a um médico, está tudo bem.

Samanta se levanta rapidamente e me encara, demonstrando toda a braveza que existe em seu corpo pequeno. Cruza os braços e levanta a sobrancelha direita. Se ela não estivesse com uma expressão tão assustadora, eu faria uma piada, mas acho que levaria um soco se fizesse e dos socos eu posso fugir por um tempo.

— Vamos ao médico agora, Caio.

— Tudo bem. — digo para evitar que ela queira me bater.

Levanto e vou ao meu quarto trocar de roupa, enquanto isso escuto a porta se fechando. Aonde essa louca deve ter ido?

Quando pego minha carteira e volto para sala, Samanta entra em meu apartamento com um moletom preto e uma calça jeans escura, não posso esquecer do tênis. Parece uma menininha vestida assim.

— Vamos? — pergunta ela, jogando a bolsa no ombro. — E eu dirijo.

— Ok — concordo, derrotado.

Quando foi que eu me tornei capacho de outra mulher? Não sei. Mas a única coisa de que tenho certeza é que os lábios de Samanta são inesquecíveis. Preciso prová-los pelo menos mais uma vez. Se eu levar outra surra por isso, não irei me importar; para ter aquela boca novamente na minha, eu entraria na frente de um tiro.

Capítulo 6

Depois de irmos ao hospital e confirmarmos que nada estava quebrado, só um pouco machucado, voltamos para o nosso prédio com uma pilha de remédios, mas pelo menos minha dor amenizou bem mais depois que tomei uma injeção.

Samanta para seu carro na garagem e eu logo desço. Não sei como vamos ficar agora, depois daquele beijo, mas sei que ela tem namorado e isso não é nada bom, principalmente porque esse beijo despertou algo em mim. Eu estava bastante motivado a continuar assim, mas eu sempre tenho que pensar com calma.

Tenho uma filha para cuidar e, às vezes, as mulheres podem ser as piores pessoas a se confiar. Não que esteja julgando, é só que eu fui traído por uma e o trauma me assusta. Afinal, confiei minha vida em uma e ela conseguiu acabar com tudo. Assim que paramos na frente do meu apartamento, olho pra ela.

— Você vai querer entrar?

— Vamos ficar estranhos depois do que aconteceu? — pergunta ela, adivinhando o que eu estava prestes a dizer.

— Samanta, eu não vou mentir, adorei te beijar, mas eu não posso esquecer que você tem um namorado e que ele mandou me dar uma surra. Eu tenho uma filha e não quero colocá-la em risco por causa dos meus desejos.

— Como você preferir, Caio. — diz Samanta, meio tristonha. — O sentimento do beijo é recíproco e, quanto ao Eduardo, não sei o que vai ser, só sei que no momento não posso terminar meu relacionamento com ele. Você é um bom homem e um ótimo pai, saber sobre a sua história fez eu te admirar. Espero que um dia você tire essa tristeza que está estampada em seus olhos e seja feliz.

— Acho que você poderia repensar o fato de ficar com um cara como ele.

Sem ao menos expressar alguma reação, Samanta se aproxima de mim e beija o canto da minha boca, dá um leve sorriso e destranca a porta do seu apartamento, logo em seguida só o seu perfume está no ar. Entro em meu apartamento e caminho em direção a cama, estou exausto. Mas ficar deitado

sem ter Bella por perto faz meus pensamentos voltarem para anos atrás, quando dei meu primeiro beijo e apanhei pela garota ser a namorada do meu maior inimigo do ensino médio. Na faculdade, conheci minha esposa, que me fez feliz, muito feliz, até eu descobrir que ela nunca me amou de verdade. Agora tenho uma vizinha que mal conheço, que mexeu de uma forma totalmente estranha comigo. Nunca tinha acontecido algo assim, de desejar uma mulher tão rapidamente. O pior é que ela tem namorado. Se ela não tivesse esse relacionamento, acho que eu poderia até deixar de lado o meu problema com a Élis e tentar algo com ela.

Só que não tem como. E se a grande maioria for como aquela ingrata da Élis? E se Samanta for uma que faz parte da grande maioria?

Droga! Ela namora um monstro e não quer terminar com ele. Poupe-me. Homens que não sabem se controlar não precisam ter a imagem limpa, têm que se sujar mesmo para nunca mais voltar a cometer esse tipo de atrocidade. Não sei o que pensar, só sei que eu a desejei, que eu queria provar de novo aqueles lábios. Pelo menos uma última vez. *Caio, Caio, para de se meter em encrenca.*

Uma semana se passou desde o dia que beijei Samanta. E as coisas meio que ficaram diferentes; não a vejo desde então. Falta uma semana para Bella voltar para casa e eu já estou louco de saudade. Minha vida sempre está na mesma rotina, casa e trabalho, trabalho e casa. Às vezes, tem algum filme no cinema que me agrada e eu paro duas horas da minha vida para ver tal filme. Mas nada mais que isso.

Passo em frente à academia que fica a duas quadras de casa e resolvo estacionar o carro para ver se tem algo que me agrada. Quando vejo as lutas marciais no cartaz, já sei o que vou fazer. Exercícios físicos sempre ajudaram com o espectro, então acho que isso será uma ótima iniciativa para o meu ser. Depois de resolver tudo, estou matriculado nas aulas de boxe, que começarão no dia seguinte. Sei que essa será uma nova etapa da minha vida. E por esse motivo saio feliz da academia.

Chego ao prédio e caminho para o meu apartamento, olho para a vaga de Samanta e tem outro carro ao lado do dela. Pelo modelo caro do automóvel, posso até imaginar quem seja. Não sei por que, mas isso me entristece. Sei que não temos nada e já tem dias que ela me deu o espaço que pedi, só que eu queria que ela não visse esse cara. Pela forma que ela fala dele, não existe

amor nesse relacionamento, mas ela se deixa ser enganada pelo sentimento de familiaridade e comodismo que tem com ele. *Não posso fazer nada para mudar o seu pensamento.* Passo em frente à sua porta e escuto risadas lá dentro. Pelo menos ela está feliz e não chorando igual da última vez.

Entro em meu apartamento e sento no sofá. De repente, toda a felicidade que eu estava sentindo por ter me matriculado em algo que faria eu me sentir útil se esvai. Olho para os poucos porta-retratos que tenho espalhado pela casa e o sorriso de Bella nas fotos é a única coisa que me tira do lugar triste em que me encontro.

Só o que passa por minha cabeça é que preferia estar sorrindo com Samanta no apartamento ao lado, eu queria ser a pessoa que a faz gargalhar desse jeito. Não consigo compreender o porquê de estar com esse sentimento.

Eu a conheci há pouco tempo e já sinto uma conexão inexplicável com ela. Tem algo estranho. Nem com Élis, que amei demais, senti algo assim. Balanço a cabeça para os pensamentos se dispersarem, mas eles não se vão. Eu vivi minha fase adulta em torno de uma mulher, meu mundo foi dela e ela conseguiu destruir tudo. Agora não consigo diferenciar o certo do errado, muito menos a fagulha que está surgindo dentro do meu peito.

Tenho medo de dar um passo em direção a alguma mulher e com isso cair em uma nova cilada. Pelo menos para alguma coisa Élis serviu, mostrou que muitas pessoas não são confiáveis, não devemos ter cem por cento de certeza com ninguém, todos merecem a migalha da desconfiança.

As risadas no apartamento ao lado me irritam ainda mais. Pego a chave do meu carro e saio de casa batendo a porta. Vou para o bar badalado do meu bairro. Não sou obrigado a ficar ouvindo a felicidade alheia sendo que de feliz eu não tenho nada.

Vou fazer algo que não faço há anos: ir para um bar e ficar lá sentado, observando o ambiente, na maioria julgando a forma como as pessoas se divertem. Fiz isso poucas vezes na faculdade e todas acabaram mal, mas não me importo. Se for para fazer eu me sentir melhor, farei muitos julgamentos da forma como bebem demais, como gritam demais e até mesmo brigam demais.

Depois de tomar muito refrigerante, penso em partir para o álcool, mas desisto. Sei que esse seria um problema muito maior, pois estou conseguindo ir bem sem me meter em nenhuma briga até o momento. Isso seria muito

ruim para o meu espectro. Passo meu olhar pelo bar. Avisto uma mesa com cinco mulheres, mas só uma chama minha atenção. Com cabelos longos e loiros, ela me lembra muito daquela infeliz da Élis. Ela vira seu rosto e me encara; na verdade, me pega a encarando, dá um leve sorriso e eu retribuo.

Levanto da minha cadeira sem ao menos pensar. Porém algo me trava; sei muito bem o que é, é o meu maldito espectro querendo me parar, pois muitas situações o trazem à tona, fazendo-o querer mandar no meu corpo, mas eu sou mais forte e assim que dou o primeiro passo, consigo dar os seguintes e vou em direção à loira, linda por sinal.

— Boa noite, meninas. — Todas respondem com seus sorrisinhos de mulheres lisonjeadas. Elas não me interessam, somente a que estou encarando. — Prazer, Caio.

— Prazer, Camila.

Entro com força dentro dela e faço-a gemer um pouco alto demais. *Assim a vizinha irá ouvir e eu não quero isso.* Beijo sua boca e continuo beijando, para impedi-la de gemer. Camila é muito boa em tudo que faz, estou cada vez mais próximo do meu êxtase.

Depois de conversarmos por longos minutos no bar, perguntei se ela queria ir ao meu apartamento, que não ficava muito longe dali. Foi uma das primeiras atitudes impensadas que tive em toda minha vida. Acho que era disso que eu precisava para tirar aquele sentimento estranho do meu peito. Consigo sentir uma paz crescente ao me liberar dentro de Camila. Mas dessa vez não cometi o erro de transar sem camisinha, para ninguém vir inventar que o filho é meu.

Deixo meu corpo cansado cair ao seu lado, e Camila se aconchega em meu peito. Já estamos no meio da madrugada, mas assim que o sol raiar quero que ela vá embora. Acho que preciso viver um pouco mais livre, por isso foi uma noite e nada mais. Meus olhos pesam e não consigo mantê-los abertos, fecho-os e durmo.

Porém, meus pensamentos me levam a um sonho distante, no qual vejo uma mulher chorando em um canto escuro. Tento me aproximar, mas existe uma parede de vidro que me impede de atravessar. Bato no vidro para tentar chamar a sua atenção, para pedir que se acalme e não chore. Mulher nenhuma devia chorar dessa maneira, de uma forma tão dolorida e profunda. Bato e bato no vidro, mas ela não escuta. Quando eu grito seu nome, ela olha para mim. Não lembro que nome gritei, mas quando Samanta vira o seu rosto

cheio de machucados em minha direção, assusto-me.

Acordo do pesadelo meio assustado e, atordoado, olho para todos os lados. Percebo que Camila não está aqui. Levanto da cama e a procuro nos lugares mais prováveis, cozinha e banheiro, até chegar na sala e ver que ela foi embora. Melhor assim, sem aquela despedida sem graça.

Vejo as horas e está quase na hora de ir trabalhar. Tomo um banho sem conseguir tirar o pesadelo da minha cabeça. Eu me arrumo rapidamente e na hora que estou saindo do meu apartamento, a porta ao lado se abre. Dou de cara com um homem bem-vestido, e Samanta está ao seu lado. Toda arrumada, acho que deve estar indo trabalhar.

Nunca nos esbarramos na saída para o trabalho, *tinha que ser justo hoje que tive aquele pesadelo?* Esse deve ser o tão poderoso Eduardo Marcorio. Eu o encaro e sei muito bem quem ele é, já o vi várias vezes na televisão com o seu pai, Fabrício Marcorio, dois políticos corruptos em quem as pessoas tendem a acreditar.

— Bom dia! — digo sem querer. Na verdade, eu queria era estragar o rosto desse covarde.

— Bom dia, Caio! — diz Samanta, sem graça.

— Ah, vocês já se conhecem? — pergunta Eduardo com um sorriso cínico; tenho certeza de que ele sabe quem sou... claro que sabe, ele mandou me dar uma surra.

— Ele é meu vizinho, tem uma filha linda — conta Samanta meio irritada.

Eduardo lança um olhar gélido em sua direção e a pergunta que toda vez vem a minha mente dá o ar da graça. *O que ela viu nesse cara? Na verdade, o que todas as mulheres que são agredidas por seus companheiros viram neles? Elas não entendem que isso é doentio?!* Balanço minha cabeça para os dois e me afasto, evitando que eu faça algo que pode ferir Samanta. Acho que ele faz de propósito para eu escutar, pois escuto sua voz aumentar um pouco o som:

— A noite foi maravilhosa. Você estava insaciável, meu amor.

Desço a escada mais que depressa, não quero ouvir o que ela irá dizer. Não sei por que me preocupo; eu estava com uma mulher linda em minha cama. Samanta tem todo o direito de estar com o namorado dela em sua cama.

Entro em meu carro e parto assim que os dois apontam no

estacionamento. Se ontem eu fugi do meu próprio refúgio para não ouvir a felicidade alheia, não será hoje que quero ver ao vivo e a cores, muito menos ouvir. A desanimação já tomou conta do meu ser, não preciso de mais cenas para ficar em minha mente o restante do dia.

Hoje começo uma nova etapa em minha vida e não posso deixar que isso estrague tudo que eu planejei.

Capítulo 7

O primeiro dia de treino foi bem cansativo, mas valeu muito a pena. Sei que meus músculos amanhã estarão detonados, só que tenho que pensar que é por uma boa causa.

Chegar em casa é aconchegante, mas ao mesmo tempo solitário. Estou morrendo de saudades de Bella, quero muito que ela volte de viagem. Essa semana parece não terminar para que eu possa ver minha menina linda.

Agora com o sangue mais frio após o treino, o cansaço já está me abatendo. Só de imaginar quantos lances de escada terei que subir, fico extremamente morto de preguiça.

Não percebo que tem alguém atrás de mim, até escutar:

— Está caçando disposição para subir essas escadas miseráveis?

Só podia ser ela.

— Pois é.

Não olho em sua direção quando ela para ao meu lado. Continuo observando a escada. Alguns dos moradores que nunca costumo ver descem, nos cumprimentam com um “boa noite” e seguem seu caminho. Depois disso, tudo fica silencioso e o constrangimento toma conta do ambiente.

— Está tudo bem? — Samanta resolve se manifestar.

— Tudo ótimo, e você? — Consigo sair do meu estado petrificado e a olho.

— Poderia estar melhor.

Franzo o cenho. Não consigo entender essa mulher. Ela poderia parar de falar em código comigo e me dar uma luz para eu saber o que fazer.

— Aconteceu algo?

Ela bufa e sobe as escadas apressadamente. Depois que a conheci, eu me tornei um cara com mais atitudes impensadas, por isso, esqueço das minhas dores musculares e subo as escadas de dois em dois degraus para alcançá-la. Assim que ela entra no corredor do nosso andar, consigo segurar o seu braço e chamar sua atenção para mim.

— O que foi isso? — pergunto um pouco alto demais.

— Tô cansada, eu te quero tanto que chega a ser assustador. Eu nunca

pensei em trair o Eduardo até te conhecer. Agora, toda vez que vejo o meu namorado, não consigo mais sentir a mesma emoção que sentia. Eu tenho nojo dele, tenho nojo de ser obrigada a ficar com ele, tenho nojo de ter que transar com ele por pura obrigação. Eu tenho medo dele — diz e começa a chorar. Pela primeira vez, sinto pena de alguém. Samanta está sofrendo. — E quando te vejo, pareço uma garota boba; meu coração dispara e sinto um frio na barriga inexplicável. Mas eu não posso terminar meu relacionamento, meu avô me odiaria mais do que já demonstra me odiar, e eu preciso pensar na minha família, mesmo que eles nem estejam se importando comigo. Eu estou entrando em um colapso mental...

Encosto-a na parede do corredor e seguro o seu rosto entre minhas mãos.

— Para de falar, não aguento ver o seu sofrimento — sussurro com o meu rosto a centímetros do dela. Seus olhos marejados fazem meu coração sangrar. — Eu não queria ser atingido pelo que estou sentindo por você. Eu te conheço há poucos meses e minha ex-mulher mostrou que eu não posso confiar plenamente nas mulheres. Mas você me faz ter vontade de mandar tudo a merda, mandar todas as minhas incertezas a merda e tentar mais uma vez... só que você é comprometida, e eu não sei o que fazer. Eu odeio ver você com ele. O Eduardo te machuca, e eu só sinto a necessidade de cuidar de você, isso me dá ódio.

Não consegui segurar o bolo de palavras que saiu da minha boca. Quando percebi, Samanta já estava me encarando de uma forma que não sei explicar, mas o desejo era nítido em seu olhar.

— Nem eu sei o que fazer — diz ela, puxando a minha cabeça em direção a sua e fazendo nossas bocas se chocarem.

O beijo começa lento. Minha mão desce lentamente para a sua cintura fina, prendo o seu corpo ainda mais ao meu. Posso não ser um cara extremamente musculoso, mas Samanta, com o seu corpo pequeno, fica como uma formiguinha perto de mim.

O desejo insaciável por mais toma conta do meu corpo. Pego-a em meus braços, fazendo com que suas pernas se prendam em minha cintura. Dou uma leve mordiscada em sua boca, e ela retribui com um leve gemido.

Nossas línguas dançam uma música erótica de reconhecimento e até o sentimento de saudade está impregnado no nosso beijo. Essa mulher é perfeita para mim.

— Não sei o que estamos fazendo — digo ao soltar seus lábios.

— Eu também não. — Samanta coloca uma de suas mãos em minha bochecha e diz: — Mas eu quero continuar fazendo essa loucura com você.

Balanço a cabeça negativamente, solto suas pernas da minha cintura e a coloco no chão.

— Você tem que deixá-lo. Você tem medo, mas deixa ele e vamos tentar algo, Samanta — digo a verdade.

— Eu quero, mas tenho medo de perder o último contato que tenho com a minha família por causa das minhas escolhas... — Interrompo-a.

— Se a sua família te ama, eles vão entender. Mas não irei ficar com você enquanto estiver com aquele ser.

Viro as costas e estou caminhando para o meu apartamento quando ela grita no corredor:

— Só uma noite! Só para gente saber como é estarmos juntos.

Olho para ela, incrédulo. Como ela pode me propor algo tão absurdo?!

— Você pirou?

— Não tenho culpa de estar sentindo algo incontrolável por você. A errada serei eu por trair meu namorado. Não ligo para isso. As mulheres sempre serão julgadas, mesmo que ninguém saiba realmente o que elas passam entre quatro paredes... Eu quero você, pois preciso conhecer algo melhor.

— Samanta...

— Caio. — Samanta se aproxima, segura minha mão e diz: — Só uma noite, aí nunca mais faremos isso. Me mostre como é estar com outro homem. Por favor, eu preciso disso. — As palavras sussurradas me deixam louco.

— Você vai me ferrar, garota.

Sei que cometerei um dos piores erros da minha vida nesse exato momento; nem o casamento com Élis foi tão errado quanto o que vou fazer agora. Puxo Samanta de encontro ao meu corpo e a beijo. Abro a porta do apartamento e a empurro para dentro, fechando a porta logo em seguida. Jogo a mochila que estava em minhas costas no chão, enquanto ela me encara com o olhar cheio de luxúria. Aproximo-me dela e grudo nossos lábios novamente, desço minha mão para suas coxas, dando o impulsionamento necessário para ela entrelaçar suas pernas em minha cintura. Caminho com

ela até minha cama, onde a jogo e, o mais rápido que posso, estou em cima dela, beijando-a novamente.

O beijo é faminto, necessário, perfeito. Acho que poderia pegar Samanta para mim e nunca mais devolvê-la para a sociedade, ela é muito maravilhosa.

Ela passa suas mãos por minhas costas e as desce até a barra da camiseta. Ajudo-a a tirar e faço o mesmo com a regata que ela está usando. Seu sutiã preto faz um contraste lindo com sua pele clara.

Beijo o seu tórax e desço meus lábios, beijando o seu seio até onde o sutiã permite. Ela volta o meu rosto para o seu, agarrando os meus lábios com a sua boca sedenta por mais beijos.

Sua mão vai de encontro a minha calça de malhação e começa a descê-la; assim que consigo me desvencilhar da calça, volto a beijá-la. Abro seu sutiã e venero seu corpo com meu olhar. Desço meus lábios para um de seus mamilos rosados e o sugo. Massageio o outro com minha mão, mas logo a desço, passando meus dedos por sua barriga magra. Levo minha mão para dentro da sua calça de malha para massagear seu clitóris. Quando Samanta solta seu primeiro gemido rouco de tesão, somos interrompidos por um toque baixinho de celular. Paro de beijá-la e Samanta ofega. Acho que esquecemos que tínhamos de respirar.

—Preciso atender — diz ela.

Suspiro contrariado.

— Claro que não precisa. — Enfio meu dedo em sua entrada, o que a faz soltar um grito. Masturbo-a, mas o telefone insistente não para. Retiro minha mão de dentro da sua calça e a libero para desligar o aparelho.

— Droga — diz após ver a tela do celular, que estava dentro da bolsa. — Alô!

Levanto lentamente e vou para perto dela, abraço sua cintura e beijo seu ombro. Ela deita sua cabeça em meu peito e continua a escutar o que a pessoa fala do outro lado da linha. Escorrego minha mão por sua barriga novamente, até o cós de sua calça. Assim que avanço um pouco mais minhas mãos para a sua entrada, para continuar a lhe dar prazer enquanto está no telefone, sinto seu corpo estremecer e Samanta muda seu comportamento da água para o vinho.

— Você tá o quê? — Uma pausa. — Eduardo, eu não posso ir... — Outra pausa e nesse momento eu sei que a nossa noite acabou. Retiro minha

mão de dentro da sua calça, afasto-me dela e olho para parede, para que a mágoa não seja tão visível em meu olhar. — Ok, pode deixar estarei aí em meia hora.

Samanta desliga o celular e o coloca na bolsa. Pega seu sutiã e sua blusa em cima da cama e os veste, tudo isso sem falar nada.

Olho para ela no instante que ela me encara com seus olhos marejados.

— Desculpa, mas eu preciso ir — diz com a voz embargada.

— Você sabe que não precisa. É só você dar um basta nessa relação que não te faz feliz em momento algum. Se fizesse, você não estaria desse jeito.

Ela nega e, cabisbaixa, pega sua bolsa.

— Acho que você estava certo, eu deveria ter lhe deixado em paz. Os compromissos políticos da minha família têm que ser mais importante que a minha felicidade, sempre foram. E eu tenho medo de fazer o contrário, já disse a você, pois sei do que eles são capazes.

— Samanta... — Ela me interrompe.

— Não diz nada, por favor. Me desculpa mais uma vez.

Dizendo isso, ela sai do apartamento, deixando-me louco de ódio. Como alguém pode colocar os sonhos de outras pessoas acima dos seus? Os nossos deveres para com a família precisam ter um meio-termo. Por que ela não percebe isso?

E o que ela quis dizer sobre saber do que eles são capazes? Isso faz com que um calafrio suba por meu corpo, pois só lembro do meu sonho, em que ela aparecia toda machucada. Não sei o que poderia fazer se a visse realmente daquela forma.

Sento na cama, derrotado. Eu tento repreendê-la por pensamento, mas eu sou igual a ela, sempre vivi preso dentro dos meus medos. Nunca encarei os garotos no colégio. Quando a família de Élis me obrigou a casar com ela, aceitei sem ao menos pensar no futuro. Quando ela me deixou, me senti novamente o fracassado que eu sempre fui. Nunca fiz nada para mudar isso.

Mas com Samanta eu sinto que posso mudar um pouco dessas minhas atitudes de derrota e começar uma nova jornada. Só que se ela sempre optar pelo bem-estar da família dela antes do próprio, não dará certo.

Como sou piegas! Agora mesmo dizia a ela que não seria o amante, e agora estou aqui, disposto a mostrar um novo caminho para ela, mesmo que

ela não deixe Eduardo nesse momento.

Que monstro estou me tornando?

Escuto a porta do apartamento ao lado se fechando e o salto batendo no assoalho do corredor. Ela preferiu ir até ele a ficar aqui comigo e ter a noite que ela tanto insistiu.

Ela nunca vai se libertar desse homem?

Pego meu computador e pesquiso sobre a sua família. Quando a família é conhecida, existem vários portais falando alguma fofoca. E a primeira manchete a ser lida é: *Samanta Lins abandona família*. Depois vejo outras, *Neta de Abelardo Lins se muda para São Paulo!*, *Crise na família Lins*.

A de baixo é ainda pior.

Sami Lins e Eduardo Marcorio, o casal do ano na política.

Depois de ver essas manchetes, percebo que Samanta é considerada mais uma marca bonita pela mídia para enfeitar o produto do que uma pessoa. Agora entendo o que ela diz sobre estragar a imagem da família. Muitos holofotes são direcionados para ela. Várias matérias contêm seu nome, nem que seja minúsculo por uma aparição ao lado do avô, até ser o centro das atenções. Pesquiso por mais alguns minutos sobre Samanta e a cada matéria lida me dá mais nojo dos jornalistas que as escrevem.

Só falta eles contarem quantas vezes ela foi ao banheiro.

Pesquiso o nome de Eduardo e aí tudo se encaixa.

Candidato a senador, Eduardo Marcorio está em uma coletiva de imprensa na cidade de São Paulo.

A manchete chama minha atenção, afinal tem poucos minutos que foi postada. Quando abro a página, percebo que é uma transmissão ao vivo. Aperto o play e começo a assistir.

— *Pretendo beneficiar ainda mais o trabalhador assim que ganhar.*

— *Candidato, além das propostas para os trabalhadores, o senhor pretende investir em mais alguma coisa?*

— *Claro... Só um segundo.*

Vejo Samanta se postando ao lado de Eduardo, que perceptivelmente a olha com desagrado. Ela se senta na cadeira disposta ao lado dele e sorri para as câmeras.

Logo a pergunta feita para Eduardo é esquecida, e outro repórter já vira sua atenção para Samanta.

— *Senhorita Lins, você pretende voltar para sua cidade natal após a vitória do candidato Eduardo?*

Eu sabia! Ela é como um prêmio para desviar a atenção de perguntas difíceis. Com ela lá, Eduardo não precisa se preocupar em responder os repórteres, ela mesma responde.

— *Não.*

Curta e grossa, dou um sorriso de lado. Mas quando a mão de Eduardo encosta nela, ela respira fundo e torna a dizer:

— *Não no momento. Devo ficar aqui para acompanhar Eduardo caso ele vença, mas em um futuro pretendo voltar para perto da minha família.*

Como assim, Samanta? Ela não pode mudar de opinião por causa de uma opressão da parte de Eduardo.

— *Você pretende seguir carreira política, como o seu avô?*

— *Não, eu deixo isso para o Eduardo.*

O metido sorri para ela e fica de pé.

— *Bom, como vocês sabem, eu marquei essa coletiva de imprensa para falar sobre algumas de minhas propostas. Mas ela também tem um intuito. Namoro a Samanta há quatro anos e a amo a cada dia mais. Fica em pé, amor.*

Samanta levanta com o cenho franzido e o encara.

— *Meu amor, te amei desde a primeira vez que te vi. Você é a mulher que mais amo e eu daria minha vida para você. Não consigo viver sem você, Samanta. Você aceita casar comigo?*

Todos podem estar achando incrível essa atitude, nunca vista antes, mas a expressão de desespero de Samanta não passa despercebida por mim. Ela olha para câmeras e depois para Eduardo. Ele armou tudo, sabia que na frente de todas as câmeras ela não recusaria. Samanta abaixa a cabeça e a levanta, sorridente.

— *Claro.*

É a única palavra pronunciada por ela antes de o anel de diamantes estar em seu dedo. Por que ela aceitou? Ela não percebe que ele só quer alavancar sua carreira política a usando?

Eles se beijam, e eu não dou conta de olhar nem mais um segundo para tamanha falsidade. Ela estava aqui, pronta para ter uma noite comigo, e agora está aceitando o pedido de casamento de um cara que ela claramente não ama.

Cansei. Ela que não venha com papo sobre tentarmos uma única vez. As coisas já eram difíceis quando ela era só a namorada de Eduardo, mas agora que é noiva será ainda mais complicado.

Coloco meu notebook na mesinha de cabeceira e caminho para o banheiro para tomar banho. Tenho que ter foco e levar minha vida por linhas mais calmas. Essas loucuras que ando cometendo com Samanta precisam parar e logo.

Foi bom o que quase fizemos hoje, porém agora ela é noiva de um homem que eu percebi manipulá-la de um jeito que, às vezes, quem está dentro da relação não percebe. Talvez eu a alerte sobre isso, só isso e nada mais. Farei isso amanhã; a última conversa que terei com ela será sobre isso. Depois, deixarei ela em paz para sempre.

Capítulo 8

Dona Matilde estaciona o carro em frente ao meu prédio e eu já começo a sorrir para a minha pequena, que está em sua cadeirinha no banco de trás. Como eu estava com saudade da minha fofura em forma de pessoa. Assim que ela sai do carro, pego-a em meus braços e a aperto.

— Ah, minha linda, estava morrendo de vontade de te apertar — digo para Bella.

— Papai. — Ela solta pequenos gritinhos misturados com gargalhadas quando faço cócegas em seu pescoço. Logo me abraça forte e beija meu rosto. Amo muito essa minha pequena parte do paraíso.

— Essa menina não parava de falar de você, Caio — diz Matilde ao me entregar a mala de Bella.

— Estava com saudade do papai, minha pequena? — Olho para Bella, que está em meus braços brincando com uma boneca nova. *Cadê a Mona?* Deve ter ganhando da avó e esqueceu o ser descabelado em algum lugar.

— Sim. — A sua voz doce sai, mas ela mal presta atenção em mim e sim na boneca. Coisas de crianças.

Coloco-a no chão enquanto converso com dona Matilde.

— Foi tudo bem a viagem?

— Sim. Tudo em perfeito estado, Caio. — Matilde olha para a neta e bagunça seu cabelo. — Ela amou a viagem, dá próxima vez vamos tentar ir todos juntos.

— Claro, assim que eu tiver algumas férias. — Penso, mas sei que por dentro ela também está pensando: “tomara que ele nunca aceite vir conosco”.

— Ótimo. — Ela beija o rosto de Bella e se despede de nós.

Pego Bella no colo para matar um pouco da saudade e coloco sua mala em meu braço desocupado.

— Como foi a viagem? — pergunto para Bella.

— Foi *malavilhosa*. Tinha golfinhos — conta ela, sorrindo.

— Que bom, meu amor.

Passamos em frente a porta do apartamento de Samanta, mas nem sinal dela. Desde o dia que ela ficou noiva, não tive mais oportunidade de vê-

la. Eu até queria ter falado tudo o que penso de Eduardo, no entanto, nunca mais a vi. Nem sei se ela voltou para o apartamento.

Percebi que nós éramos mais estranhos do que eu pensava no momento que eu queria ao menos lhe mandar uma mensagem e eu não tinha o seu número. Tudo que tivemos não passou de loucuras de um momento perturbado que aconteceu em nossas vidas.

Ela vai ser esposa de um político logo mais e eu continuarei a ser ninguém.

Passo vários minutos matando a saudade de Bella, até ela estar caindo de sono. Ela chegou tarde de viagem, deve estar extremamente cansada. Dou um banho rápido nela e lhe dou algo leve para comer em seguida. Minutos depois, ela está dormindo um sono tranquilo.

Ao colocá-la na cama de princesa que ela ama tanto, escuto barulhos no apartamento ao lado. O mais rápido que posso, abro a porta do meu apartamento e vejo que a porta da casa de Samanta está aberta.

Olho para dentro, mas não vejo ninguém. Dou duas batidas na porta de madeira e a chamo:

— Samanta? — Minha voz sai meio rouca por ter alguns minutos que não a uso.

Espero na porta para ver se alguém aparece e logo escuto passos.

Ela aparece com a expressão estranha, parece abatida e um pouco magra. Tem menos de uma semana que a vi, como pode ter mudado tanto assim?

— Você está bem? — pergunto, preocupado.

— As pessoas costumam cumprimentar as outras quando as veem. — Ela sorri sem graça e abaixa sua cabeça.

Não consigo evitar olhar para a mão dela onde está o anel que custa mais do que todos os salários que já recebi.

— Oi. — Tento desviar minha atenção da mão dela.

— Oi. — Seu olhar volta de encontro ao meu, mas ela costumava ter mais vida em seus olhos.

— O que foi, Samanta?

— Nada, Caio. Estou bem. — Suas palavras não me convencem em momento algum.

— Você sumiu por dias.

— Não sumi, só estava te evitando.

O que sai da boca dela faz um sentimento estranho despertar dentro de mim.

— Ah, bom. Só queria saber se estava bem. — Tento não demonstrar que aquilo me fez mal.

— Estou bem. Tenho de preparar um casamento, estou superelegrê. — O sorriso amarelo que ela me lança me faz perceber o tanto que está infeliz.

— Samanta, você não precisa fazer isso. Você pode muito bem ir contra tudo o que estão obrigando você a fazer. — Tento entrar no assunto que deixei para esclarecer quando a visse, mas logo sou cortado.

— Quem disse que eu não quero? Eu amo o Eduardo, vamos nos casar e seremos felizes. No fim do ano, terei de voltar para Minas Gerais, mas que problema tem nisso? Eu vou ser ainda mais feliz. — Tento argumentar, no entanto ela não permite. — Não precisa falar mais nada, Caio, pode ir.

Assinto uma única vez e volto para meu apartamento. O que aconteceu com ela? Por que está acabando dessa forma com sua vida?

Não posso sempre fazer o que as pessoas mandam. Eu sou o único que tem de acatar ao que as pessoas querem, cansei. Volto em direção ao seu apartamento e seguro a porta antes que ela feche.

Samanta me olha assustada, mas não me importo com sua expressão. Entro sem ser convidado e ela se afasta alguns passos.

— Eu vou dizer uma única vez e nunca mais falarei nada. — Respiro fundo, olho para ela e digo tudo que penso a respeito dela: — Você é uma garota linda, que merece coisas maravilhosas. Pelo pouco que te conheço, sei que você é uma pessoa do bem... bom, eu posso estar enganado, mas acho que não, enfim... e também é uma garota que prefere colocar a felicidade dos outros acima da sua. Mas isso está errado, Samanta, aquele homem não te ama, só está querendo casar com você para subir na carreira política. Mulher nenhuma merece isso, acorda, vai viver uma vida diferente. Para de seguir o que as pessoas querem que você siga. Seja independente, você se mudou para cá para fazer coisas diferentes e não seguir o que seu avô ou o Eduardo querem.

— Cala a boca, Caio! — Paro de falar assim que ela grita. — Quem você acha que é para querer dar conselhos na vida alheia? Você não é a melhor pessoa para falar palavras motivadoras. Pelo que sei, você é um fracassado. Então não venha me dizer que minha vida é um fracasso, você

não tem o direito.

As palavras dela me machucam mais do que quando Élis deixou-me aquela carta falando que tinha ido embora.

— Pelo menos estou tentando mudar, e você o que está fazendo? Sendo o capacho do vovô e do noivo. Seja feliz em sua vida infeliz, Samanta. Eu, por outro lado, procurarei algo melhor para fazer do que ficar vendo você se ferrar na vida. Como você disse, a minha vida já é ferrada o suficiente para eu me preocupar com a vida de merda dos outros.

O seus olhos estão marejados, mas não me importo. Seu arrependimento não fará eu me sentir menos pior. Volto para meu apartamento com ódio de ter sido tratado como um qualquer. Eu só queria ajudar, e ela só fez me humilhar.

Vou ao quarto de Bella ver se ela não acordou e, ao perceber que ela continua dormindo, caminho para o banheiro. Olho no espelho, vendo a imagem do fracasso a minha frente. Levanto minha mão e o reflexo também levanta. Sempre digo que estou cansado de tudo o que faço. Ou melhor, o que não faço. Sempre fico procrastinando a mudança que quero fazer em minha vida e nunca faço.

Talvez eu precisasse das palavras de Samanta. Ela conseguiu atingir o meu ego e agora sim eu vou dar um passo adiante.

Já comecei bem. Estou indo à academia três vezes por semana; as aulas de boxe estão me deixando mais esperto, com alguns reflexos que antes eu não tinha. Não posso dizer que estou bem, só tem duas semanas que estou fazendo, mas estou me sentindo muito bem depois que entrei e entendi o real motivo de uma arte marcial em nossa vida. Até meu espectro está quietinho no canto dele, não se manifesta como fazia antigamente.

Pego o meu aparelho de barbear e faço minha barba; sempre fui acostumado a deixá-la grande e malfeita. Mas agora quero ficar com uma aparência melhor. Deixo-a cerrada e bem rente ao rosto. Sinto-me até mais bonito, algo que eu não costumo me sentir.

Se eu quero mudanças, preciso sair do meu casulo. Pego meu computador e o ligo. Acesso minha rede social e abro o chat de Pedro. Quando Élis me deixou, ele tinha me oferecido um emprego em uma das empresas que tem aqui no Brasil, só que como eu estava na fossa, eu quis esquecer o que era trabalhar. Mas ele me deixou avisado que, se algum dia eu quisesse, era só falar com ele.

Como eu sou daqueles que nunca move nada para seguir caminhos diferentes, deixei a oportunidade passar. Mas agora eu não quero isso, quero mudanças grandiosas em minha vida. Cansei de ser o fracassado que todos me chamam.



Envio a mensagem, agora é só esperar. Tomara que ainda esteja em aberto, apesar de terem se passado muitos meses. Mas eu tenho esperança, pelo menos isso ninguém conseguiu tirar de mim. Então a esperança é a última que morre. Se não acontecer, é porque era para ser assim. Pelo menos eu tentei.

De agora em diante, minha vida será assim, com tentativas. Se eu fracassar, eu tentarei de novo. E continuarei tentando até ter o que eu desejo.

Chuto o saco de pancadas - enquanto o meu treinador Patrick observa - com toda a força possível e logo depois golpeio com um soco.

E assim eu vou para o fim da fila, para começar outra sessão de chutes e socos. Sempre fui um cara nerd, que nunca se importou muito em fazer exercícios físicos. Os maiores exercícios prestados eram os dos botões do controle do videogame ou do computador. Porém, não posso mentir: estou adorando essa minha nova rotina.

Bella fica mais tempo com a babá, e eu tenho pouco tempo para ela

durante três dias da semana. Eu sei que pode ser injusto com ela, já que tem só a mim, mas vou seguir um conselho que mamãe me passou, que era de simplesmente ter que tirar um tempo para mim. Eu também preciso viver e sei que sou um ótimo pai. Então as segundas, quartas e quintas, Bella fica menos tempo comigo; eu me redimo ao enchê-la de carinho nos outros dias da semana.

Continuo chutando o saco de pancadas com os pensamentos distantes. Tem exatamente três dias que enviei a mensagem a Pedro e até o momento não obtive resposta.

Ele sempre esteve muito ocupado depois que se mudou para o Canadá, converso muito pouco com ele. Porém preciso dessa resposta para dar um dos maiores passos em minha vida: sair da zona de conforto.

Assim que nosso treino termina, saio da academia e sigo em direção a casa da babá para pegar Bella. Quando chego, minha filha fica extremamente feliz.

Não prolongo muito nosso tempo na casa de dona Lourdes e logo estou a caminho de casa. Bella já está de banho tomado e já até jantou, por isso dona Lourdes é única, pelo menos para mim.

Depois de um dia cansativo, só quero dormir, mas lembro o tanto de coisas que preciso fazer antes de deitar e descansar em minha cama. Assim que chego ao meu andar, um perfume conhecido preenche o ambiente.

Não consigo me recordar de onde conheço tal fragrância, mas tenho certeza que é bastante conhecida. Quando viro em direção ao meu apartamento e vejo a pessoa parada em frente a nossa porta, fico estático.

Bella, que está segurando minha mão, a solta e não faz mais nenhum movimento. Não sei o que faço. *O que essa mulher está fazendo aqui?*

Não sei se é obra do destino, mas em seguida, para quebrar o meu modo petrificado, a porta de Samanta abre e ela sai vestida com uma roupa de malhar e uma garrafinha de água na mão.

Ela para ao ver a mulher em frente ao meu apartamento. Vejo tudo o que acontece de escanteio. Ela ainda não olhou para o meu lado, então posso perceber o olhar que lança para a desconhecida, o cenho franzido demonstrando a falta de conhecimento da pessoa.

— Posso ajudar? — pergunta Samanta.

— Não. Quem estou esperando já chegou. — Assim que o ser desprezível balança a cabeça na minha direção e na de Bella, Samanta

direciona o olhar para nós.

— *Mamãe*. — É a única palavra pronunciada por Bella depois de dois longos minutos.

Vejo Samanta arregalar os olhos. Élis sorri em nossa direção. E eu? Ah, eu não sei o que fazer, mas o ódio é o sentimento que predomina; a vontade que dá é de ir lá e matá-la com minhas próprias mãos.

Por que ela tinha que aparecer logo agora?

Estou sentindo-me tonto e sinto que vou ter uma crise. Eu estava tão bem, por que ela tinha que estragar tudo?!

Capítulo 9

Sinto-me hiperventilar; meu corpo está trêmulo e não sei o que fazer. Quero deitar em posição fetal e bater minha cabeça no piso até tudo perder o sentido, quero esquecer que estou a vendo.

Quando sinto Bella segurar minha mão, percebo que estou deixando o meu controle ser perdido. Um controle que não perdia há meses.

— Respira, papai. — Mesmo muito pequena, ela sabe que tenho algumas crises, já presenciou várias e mesmo assim nunca sentiu medo de mim.

— Vou ficar bem! — respondo, tentando me convencer.

Pego minha filha em meu colo e caminho em direção às duas mulheres que agora se encaram.

Ao chegar perto o suficiente para arrancar a cabeça de Élis, ela oferece os braços para Bella. Mas a minha filha já é muito inteligente desde pequena, ela vira o rosto e o esconde em meu pescoço, abraçando-o e quase me sufocando de tanto o apertar.

Mesmo assim não a afasto. Sei que ela está sofrendo nesse momento e ver o sorriso cínico no rosto da mulher que conseguiu destruir o coração da própria filha me faz ter ainda mais vontade de cometer um assassinato.

— O que você quer? — cuspo as palavras, percebendo que o controle está voltando e o ódio, aumentando.

— Vim ver como vocês estão — responde ela, sorrindo. Eu juro vou matá-la.

Sinto o corpo de Bella trêmulo e percebo que minha filha está chorando baixinho. Ela está quase completando quatro aninhos; esses quatro aninhos deveriam ser lembrados com felicidades e não com dores que a mãe fez a filha passar.

— Caio, me dá a Bella. — Escuto Samanta pedir.

Olho-a de esguelha e ela assente, passando-me a confiança que preciso para dar a minha filha a ela.

— Vai com a tia Samanta. — Bella tira o rostinho molhado de lágrimas do meu ombro.

Ela é branquinha, então tudo faz com que ela fique extremamente vermelha. Por isso, seu nariz, suas bochechas e até mesmo os seus olhos estão vermelhos como um pimentão.

Bella quase pula para os braços de Samanta e, assim que isso acontece, Samanta a leva para dentro de seu apartamento, fechando a porta em seguida...

— O que você quer? — Torno a repetir, travando os meus dentes para controlar o grito.

— Eu já disse. Estava passando por aqui e quis ver como vocês estão. — Sei muito bem que ela não veio por ter boas intenções. Ela sorri e volta a dizer: — Percebi que estão como sempre, sem nada de novo. — Ela para por um momento e observa minha roupa. — Na verdade, acho que você está fazendo algo de diferente, mas isso não me importa. Estou indo embora para Nova York hoje, queria dar adeus. Poderia pedir desculpas, mas seria da boca pra fora.

— Você não precisava ter se dado o trabalho de vir aqui.

— Eu sei, mas mesmo assim eu quis vir. — Ela fecha o sorriso. — Eu preciso entrar para pegar algumas coisas que esqueci aqui.

— Não tem nada seu aqui — profiro com ódio.

Élis se aproxima de mim e eu recuo alguns passos. Em vez de passar a impressão de que tenho nojo dela, acho que fiz parecer que queria que ela continuasse a se aproximar.

— Está com medo de ficar perto do meu corpo, Caio?

— Não! — respondo, decidido.

A porta do apartamento de Samanta se abre, e ela sai de lá como um furacão, colocando-se no meio de nós dois.

— Ou você sai daqui agora, por conta própria, ou irei te mostrar a saída. — Tento não a encarar, mas é quase impossível.

— Você arrumou um chihuahua, Caio. Que fofo.

Samanta solta uma gargalhada, assustando Élis e até mesmo eu; logo ouço a entonação da sua voz mudar.

— Você vai ver o chihuahua se transformar em pitbull.

Não sei como aconteceu, mas em questão de segundos um tapa forte estala no rosto de Élis, fazendo com que sua cabeça penda para o lado. Com o seu desequilíbrio, Samanta parte para cima dela sem dó. Élis cai no chão, e Samanta sobe em cima dela, socando-a sem dar tempo para que Élis se

defenda. Tenho vontade de deixar ela vingar toda a raiva que estou sentindo em seus socos, mas estou com medo de Élis revidar e ela apanhar.

Por isso, depois de alguns socos no rostinho que Élis tanto preza, eu tiro Samanta de cima dela.

— O Caio não pode te bater, mas eu posso. Agora suma daqui, sua vadia! E se um dia você voltar a incomodá-lo, eu juro que não ficará somente em alguns socos. Sai daqui! — diz Samanta, aumentando o tom da voz no final da frase.

Élis me olha com o rosto ensanguentado, e é difícil segurar o riso de vitória ao ver seus machucados. Sério, eu nunca fui de desejar o mal a uma pessoa, mas ela mereceu esses murros para pagar pelo menos um terço do que fez com a Bella.

— Você mudou, Caio. — É a única coisa que Élis diz antes de sair em direção a escada.

Eu mudei? Que bom então. Deixei de ser o seu capacho.

Samanta me olha e sorri, envergonhada.

— Desculpa, me descontrolei.

— Se for para se descontrolar com a Élis, pode fazer isso quando quiser — pronuncio, deixando a tensão sair um pouco dos meus ombros. — Cadê a Bella?

— Vou pegá-la.

— Espera. — Seguro a mão que ela usou para esbofetear Élis e vejo que está vermelha. — Coloca gelo para não inchar. — Encaro seus olhos que tanto me atraem, esperando sua confirmação.

— Vou pegar a Bella e coloco em seguida. — Samanta parece querer dizer algo mais, mas desiste.

Enquanto espero ela voltar com minha filha, não consigo me controlar e dou um soco na parede. Por que essa mulher tinha que aparecer agora? Eu não vou deixá-la levar o que restou da minha sanidade. Sou melhor do que ela.

— Papai. — Escuto a voz chorosa de Bella e viro em sua direção. — Cadê a mamãe?

Abaixo, ficando na altura da minha filha. Não aguento vê-la passar por tudo aquilo de novo.

— Meu amor, ela teve de ir embora de novo. Não quero ver você chorando por ela, tá bom? O papai te ama e sempre vai te amar. Tudo bem?

Ela assente e me abraça.

Samanta olha a cena com os olhos marejados. Despeço-me dela, que balança a cabeça.

Deito Bella em meus braços, mas ela continua choramingando; nem o seu leite, que ela tanto gosta de tomar antes de dormir, está resolvendo. Fico preocupado, ela nunca ficou tão emotiva assim.

Tento niná-la para ver se consigo controlar o seu emocional, mas não adianta, ela cochila e acorda chorando.

Eu odeio a Élis, ela só apareceu para estragar tudo o que consegui consertar aos poucos. Minha filha sofreu tanto no primeiro mês longe da mãe. Ela não dormia, só ficava chamando por Élis, e agora essa infeliz aparece só para estragar o coração da minha filha novamente.

Deito Bella em meu braço, tentando controlar o seu humor para ver se ela se acalma. Mas nada controla o seu desespero, e o medo toma meu corpo.

Horas se passam e ela não melhora. Já estou assim há bastante tempo, e minha filha não se acalma e não para de chorar. Olho para o relógio, que marca meia-noite, quando Bella pronuncia:

— Papai, tá doendo. — Ao ouvi-la dizer isso, começo a me descontrolar.

— Onde tá doendo, meu amor?

Mas ela não diz, só chora. Coloco a mão em sua cabeça e percebo que ela está mais quente que o normal. Vou até o seu quarto, pego o termômetro e coloco em seu braço, aguardando os minutos necessários. Quando tiro o pequeno aparelho, vejo que Bella está com 39 graus de febre.

Dou o remédio específico para abaixar a temperatura e aguardo. Dou banho nela para ver se ameniza, mas nada adianta. Mais uma hora se passa, até que verifico novamente sua febre e não abaixou nem sequer um grau. Ela continua reclamando que está doendo, mas não fala onde.

Cansei de esperar. Pego a mochila com suas coisas e a chave do carro. Ao passar na porta do apartamento de Samanta, não resisto e dou os famosos soquinhos na porta para chamar sua atenção. Sei que está tarde, só que estou sentindo que dessa vez não aguentarei segurar a situação sozinho.

Não sei se Samanta estava acordada ou esperando alguém bater à porta, mas não demorou nem ao menos um segundo até que ela a escancarou.

— O que foi? — pergunta assim que abre a porta.

— Não sei, estou levando ela ao hospital. Você poderia me ajudar?

— Claro, ouvi o choro dela, mas não queria te atrapalhar. — Ela solta um suspiro, percebendo minha expressão de desespero. — Deixa só eu pegar minha bolsa.

Samanta sai em disparada para dentro do seu apartamento e rapidamente volta com a chave do seu carro em uma mão e a bolsa na outra. Descemos para o estacionamento, e ela destranca a porta do seu carro quando decidimos que o meu não seria necessário. Entro no banco de trás com Bella em meu colo, não a largo em nenhum momento.

Digo qual hospital ir e Samanta dirige para lá. O hospital não fica tão longe, mas também não é tão perto, costumo levar uns trinta minutos quando levo Bella ao seu pediatra. Mas em incríveis quinze minutos estacionamos em frente ao hospital. Não reclamo de Samanta ter avançado alguns sinais, pois eu teria feito o mesmo se estivesse dirigindo.

Chego a recepção e me identifico, agradeço mentalmente por ter um ótimo plano de saúde nesses momentos. Assim que entramos na ala de emergência, a pediatra de plantão vem nos atender por estar com menos fluxo de crianças nessa madrugada.

— O que foi com ela, pai? — pergunta a médica.

Explico toda a situação para ela, que examina a Bella; em alguns momentos, apertando a sua barriga; em outros olhando seus olhos.

— Vou encaminhá-la para fazer um Raio X do abdômen e para uma tomografia. Nesses casos é preferível a mãe entrar com a criança, pois ela se sente mais segura — diz a pediatra, olhando para Samanta.

— Ah, não, eu não sou mãe dela — explica Samanta mais que depressa.

— Ah, me desculpe.

Passado o momento de constrangimento, partimos para fazer o primeiro exame, que demora alguns minutos, pois Bella não quer largar minha mão. No entanto, logo conseguimos fazer o segundo exame, sem contar o de hemograma.

Os resultados demoram alguns minutos e isso me deixa angustiado. Bella não para de dizer que está doendo e a febre não passa em momento algum. Assim que os resultados ficam prontos, levo-os para a Doutora Janaina o mais rápido que posso enquanto Samanta segura Bella.

A pediatra examina bem os exames e confirma com a cabeça, sem expressar nenhuma reação. Tudo bem que eu acabei de entregar um monte de

papéis a ela, mas eu quero uma resposta e o seu silêncio me faz perder a paciência.

— Dá para a senhorita me falar algo, minha filha não está aguentando de dor.

Ela me encara e diz com toda a calma do mundo, como se fosse normal o que sai pela boca dela:

— Teremos que encaminhá-la para a sala de cirurgia o mais rápido possível.

O mundo desaba.

Perco o meu chão.

Meu coração dispara.

Sinto meus olhos lacrimejarem.

Não sei o que está acontecendo comigo, mas perco a fala, perco tudo, parece que perdi a vida, mas ainda consigo entender que tudo está ruindo. Vejo quando Samanta pergunta o porquê de ter que operar Bella. Acho que ela faz a pergunta, pois não consigo sair do meu estado de choque. Parece que nem ao menos no meu corpo estou.

Escuto algo como apendicite, mas o único movimento que consigo fazer é olhar para minha filha se contorcendo de dor. Minha pequena. Meu tudo!

Não, de novo não. Eu conheço essa reação, não posso passar por isso na frente delas, não nesse momento. Mas não consigo; meu corpo começa a balançar, porém acho que tenho outra salvadora em minha vida, pois tudo para quando sinto a mão de Samanta tocando em meus braços e ela olhando em meus olhos.

— Senhor Caio — chama a médica.

— Caio. — Samanta ergue um pouco voz e isso é o que eu precisava para sair do meu estado catatônico.

Respiro fundo, como se o ar não entrasse em meus pulmões há algum tempo, e emito:

— Sim?

— Precisamos encaminhá-la para a sala de cirurgia o mais rápido possível, pois quanto mais demoramos, mais riscos a Bella corre.

— Faça o que for possível, mas deixe minha filha bem, por favor — peço, olhando no fundo do olho de Janaina.

— Pode ficar tranquilo, farei o possível.

Dizendo isso, começamos a fazer alguns exames necessários para a cirurgia. Samanta não sai do meu lado em nenhum momento e, em alguns casos, ela até conversa com Bella de uma forma acalentadora para deixá-la calma.

Assim que tudo está pronto, eles vestem uma roupa de hospital na minha pequeninha, que já está em uma maca, segurando minha mão e olhando fundo em meus olhos.

Seus olhos cheios de lágrimas e dor me desabam por dentro, mas me mantenho firme e não me deixo cair por fora. Não posso demonstrar minha fraqueza a ela, isso só faria com que ela se desesperasse ainda mais.

— Papai, tá doendo — diz ela com a voz fraca.

— Vai ficar tudo bem, o papai está aqui com você. Agorinha a dor passa. Confia no papai.

Ela mal concorda e volta a gemer de dor. Se eu pudesse, tiraria tudo o que ela está sentindo e colocaria em mim; eu não preciso de tanta saúde, já que minha filha está assim, tão debilitada. Ela não merece mais um fato desses na vida.

Uma das enfermeiras que está organizando tudo para a cirurgia se aproxima e diz:

— Não sei se a doutora Janaina já o informou, mas o senhor pode estar presente na hora da aplicação da anestesia, mas durante a cirurgia terá que aguardar na sala de espera.

— Eu quero ficar com minha filha — digo com um tom contido, não quero assustar Bella.

A enfermeira começa a responder, mas um doutor vestido com uma roupa diferente de Janaina se aproxima e diz para eu acompanhá-lo. Chegamos a um canto do corredor e ele se apresenta.

— Olá, sou o doutor Matheus, cirurgião pediátrico do hospital e cuidarei da cirurgia da sua filha. — Assinto e deixo ele continuar a falar. — Escutei um pouco da sua conversa com Amanda, por isso quero explicar como tudo acontecerá.

O doutor me explica nos mínimos detalhes o que farão na cirurgia e o porquê de eu não poder ficar no mesmo ambiente nesse momento. Afinal, eu posso fazer com que a cirurgia dê errado por causa de infecções e até mesmo desespero na hora que estiverem se concentrando na cirurgia. Ele diz que farão a cirurgia por laparoscopia, que são três cortes pequenos de um

centímetro, o que fará Bella ter uma recuperação mais rápida e uma cicatriz mínima. Acho que ele tentou amenizar todo o drama dizendo essas palavras, mas não consigo não pirar ao saber que mesmo assim minha filha estará em uma mesa de cirurgia

Como estão enganados; nada deixa um pai calmo ao saber que seu filho ficará em uma sala sem a supervisão dele e somente aos cuidados médicos.

Minutos depois, nos encaminhamos para a sala de anestesia, onde vejo minha filha cair lentamente na sonolência depois de terem colocado um aparelho no seu rosto, liberando a famosa anestesia “cheirinho”, que amedronta mais eu do que ela. Quando seu sono forçado se torna profundo, sua pequena mão solta da minha lentamente e é nesse momento que a primeira lágrima cai.

Fui forte até quando pude para não deixar minha filha perceber o quão desesperado estou. Choro, sentindo-me impotente por não poder fazer nada por minha menina. Estou preocupado, com medo e com sentimentos conflitantes. Quero tanto que minha pequena fique bem.

Eles a levam e eu sou forçado a esperar na sala de espera.

Caminho e parece que meus pés estão presos com âncoras, pois estou sendo sugado para baixo. Encontro Samanta na sala de espera. No momento que fomos aplicar a anestesia, ela teve que nos deixar. Ao perceber o meu desespero, ela se aproxima de mim.

— Não fica assim. Tudo ficará bem. Daqui a pouco a cirurgia termina. — Sua voz calma de nada adianta, meu desespero não passa.

Sento no banco da recepção, e Samanta senta ao meu lado, puxando minha cabeça para deitar em seu ombro, e é com esse toque de carinho que desabo por completo, chorando igual a uma criança. Desesperado por isso ter acontecido com minha filha justo hoje, que o dia já tinha sido ruim.

Quando terei paz de espírito e poderei viver em paz com Bella?

As lágrimas caem e eu só peço a Deus que minha pequena princesa fique bem.

Samanta passa suas mãos por meus cabelos, confortando-me, e nesse momento é disso que preciso, de alguém para me acompanhar nessa dor. As ações dela hoje só provam o quanto ela é uma pessoa boa, e eu prezo isso nos seres humanos.

Em pensamento, fico pedindo a Deus que minha filha saia bem dessa cirurgia. Nesse momento, não há nada que eu possa fazer a não ser confiar

que tudo ficará bem.

Capítulo 10

O relógio parece correr ao contrário. O tempo está cinza, sem alegria, totalmente morto. Sinto o carinho em meus cabelos, mas mesmo assim sinto-me a pior pessoa do mundo. Minha filha já está há meia hora dentro de uma sala de cirurgia, recebendo cortes em um lugar específico do corpo, e eu não estou lá para... *Para fazer o quê?* Eu não ajudaria, só atrapalharia, mas eu queria muito ver o rostinho da minha pequena. No entanto, pensando melhor, foi até bom ficar aqui. Se eu tivesse uma crise dentro da sala de cirurgia, poderia colocar a vida da minha pequena em risco.

O sentimento de impotência não sai do meu corpo. A única coisa que está melhor são minhas lágrimas, que pararam de cair há algum tempo, mas o resto parece que piora a cada segundo. O ar está difícil de entrar em meus pulmões. Eu me conheço o suficiente para saber que me acalmarei somente depois que ver minha filha bem e fora de risco.

— Ainda bem que você se acalmou um pouco — sussurra Samanta, próximo ao meu ouvido.

— A casca do homem que sou está calma, mas o meu interior está se desmoronando.

— Você sabe que a culpa não é sua, não é mesmo?

— É de quem, Samanta? — Saio dos seus braços, consertando a minha postura na cadeira.

— Isso está fadado a acontecer com qualquer um, Caio. Você não pode se culpar pelo corpo humano conter várias bombas relógio que, às vezes, resolvem explodir e nos colocar em risco.

Suas palavras conseguem me fazer perceber que realmente a culpa não é minha, só que mesmo assim não consigo tirar totalmente o peso dos meus ombros. Olho para Samanta, que retribui da mesma forma, e só agora percebo que depois de tudo que discutimos dias atrás, ainda não conseguimos nos manter afastados.

Desde que essa mulher apareceu na minha vida, existe uma conexão inexplicável e eu sinceramente não entendo o que acontece. Parece destino: nos momentos mais oportunos, ela está lá para me apoiar. Algo sempre me

leva a ela. Não importa as ofensas que jogamos um na cara do outro, ainda estamos aqui, nos apoiando.

— Samanta, muito obrigado. — Não contenho o sentimento em minha voz.

— Não precisa me agradecer, sei que faria o mesmo por mim.

Nossos olhos não desgrudam um do outro. Somos como a gravidade, que sempre está nos deslocando para longe do nosso porto seguro, mas ao mesmo tempo nos força a voltar para o ponto inicial. Saio dos meus devaneios assim que ela diz:

— Preciso te contar uma coisa. Eu iria te falar hoje, na verdade eu estava saindo para correr quando tudo aconteceu. Bom, eu ia correr, pois só assim penso com clareza. — Ela suspira, morde o lábio e volta o seu olhar para o meu. — Não quero que você fique com raiva de mim por tocar nesse assunto agora que você está passando por essa dificuldade. Mas se eu não falar, não terei coragem e eu tô quase explodindo com vontade de falar, então eu vou falar.

Ela volta a travar a conversa e começa a apertar seus próprios dedos. Pego suas mãos e a seguro, fazendo com que ela volte a me olhar.

— Pode dizer. — Tento acalmar seu ser, que está gritando desespero. Até solto um leve sorriso ao perceber o seu embaraço.

— Eu decidi terminar tudo com Eduardo.

Não consigo acreditar no que ouvi. O que aconteceu com o “não posso sujar o nome da família”? Será que ela finalmente resolveu viver os seus sonhos e esquecer os outros, que não dão importância a ela?!

Assim que abro minha boca para questioná-la, Janaina e Matheus se aproximam, fazendo com que eu deixe esse assunto para uma outra hora mais oportuna.

Antes mesmo de os dois se expressarem, eu já saio perguntado de Bella.

— Como minha filha está?

Os dois parecem ser treinados, pois o sorriso afável se abre no mesmo instante nos lábios deles.

— A cirurgia foi ótima. Daqui a pouco ela será encaminhada para o quarto e aí você poderá ficar com ela — diz o Doutor Matheus e isso me deixa em paz. O peso da incerteza saiu do meu coração, deixando-o mais tranquilo.

Escuto Samanta comemorar o sucesso da cirurgia; logo ela segura minha

mão, e eu a olho e abro um sorriso cúmplice. Não sei se teria conseguido passar por essa barra se Samanta não estivesse ao meu lado. Ela foi uma das peças principais para eu não entrar em colapso enquanto Bella corria risco de vida em uma sala cirúrgica.

Assim que os médicos saem, consigo respirar um pouco melhor, mas ainda estou preocupado; não vi minha filha e só acredito que ela está bem quando a vir.

Quando uma enfermeira nos informa que podemos entrar no quarto, meu coração parece que irá sair pela boca. Eu só espero que ela realmente fique bem.

Caminhamos para o quarto de Bella e, tomando uma certa coragem, seguro a mão de Samanta no caminho. Ela sorri levemente, mas não desgruda nossas mãos. Só nos soltamos quando chegamos ao quarto de Bella.

Ao ver Bella deitada naquela cama, dormindo tranquilamente, sinto uma vontade imensa de abraçá-la forte, mas não faço isso. Chego bem perto de sua cama e dou um leve beijo em sua testa. Ela ainda está sob o efeito da anestesia, deve demorar um pouco mais para acordar.

— Caio, agora que Bella já está segura, eu terei que ir. Eduardo está indo lá pra casa para conversarmos e eu não quero me atrasar.

Acabou que, com toda a euforia da cirurgia ter dado certo, não conversamos mais sobre o assunto. Assinto sem dizer nada, aproximo-me lentamente dela, levo minha mão ao seu rosto e o acaricio. *Quando foi que comecei a gostar dela?*

Deposito um beijo em sua testa e volto a acariciar a sua bochecha macia.

— Assim que tudo tiver bem com a Bella, nós conversamos a respeito do assunto que você tanto queria falar. Saiba que estou feliz por você ter tomado essa decisão.

— Sim! — Ela sorri. — Eu também estou.

De repente, ela me abraça, parecendo mais um abraço de despedida do que de até logo. Sinto vontade de impedi-la de ir, mas não posso fazer isso com ela. Samanta tem que começar a trilhar seu caminho, e eu serei a pessoa que apoia seus saltos. Não serei como sua família, que faz questão de obrigá-la a fazer o que não quer.

— Volto mais tarde para ver a Bella. — Dizendo isso, dá um beijo na bochecha de Bella e, antes de sair do quarto, diz: — E claro, para ver você. — Seu sorriso é contagiante.

Mas ela ainda me deixa atônito com essas revelações. Ela logo sai do quarto, deixando somente seu perfume no ar. Sento na poltrona do quarto e observo Bella dormir lindamente. Espero que corra tudo bem com sua recuperação. E agora ainda tenho Samanta, que terminará o relacionamento e talvez poderá começar algo incrível comigo.

Meus pensamentos são interrompidos assim que o Doutor Matheus entra no quarto junto com a Doutora Janaina.

— Como havíamos comentado, a cirurgia foi um sucesso, no máximo em três dias ela poderá voltar para sua casa. As únicas precauções são que, durante um mês, ela evite fazer movimentos que forcem demais o seu corpo e que coma alimentos mais leves; depois te passarei uma lista do que poderá ser a dieta dela este mês — informa o doutor Matheus.

Eles a examinaram, e vejo que sempre Janaina anota tudo o que foi falado em seu prontuário. Matheus se despede e sai, mas Janaina continua a pedido meu para conversar com ela.

— Pode falar, senhor. — Sempre educada.

— Então, queria tirar uma dúvida. Minha filha estava bem e foi só a mãe dela aparecer essa noite para que tudo comesse a ficar estranho. Você acha que pode ser por causa da mãe dela? — digo as palavras com os dentes trincados, afinal só de imaginar Élis em minha casa novamente me dá vontade de perder o controle.

— Os sintomas da apendicite costumam aparecer lentamente e quem não tem experiência na área quase nunca percebe antecipadamente. Quando descobre, é quando as crianças ficam como Bella ficou. Mas se ver a mãe for alguma situação traumática para Bella, pode ser que tenha sido o ponto final que precisava para piorar os sintomas, e aí ela começou sentir as dores.

Fecho minha mão com tanta força, que acho que poderia arrancar meus próprios dedos com a raiva que se instala em meu corpo. Sempre aquela maldita estragando tudo.

— Mais alguma coisa, senhor? — pergunta Janaina.

— Não, muito obrigado. — Tento manter a calma que me falta.

A porta do quarto se fecha assim que Janaina sai. Volto para a poltrona e respiro, contando lentamente os números existentes, para fazer com que isso controle minha fúria.

Samanta

Chego ao nosso prédio e vejo que Eduardo já chegou. Eu queria ter chegado antes dele, mas não consegui. Não poderia deixar Caio naquela situação no hospital.

No entanto, o que eu disse é verdade: cansei de ser o estepe da minha família e não me casarei com Eduardo só para salvar sua eleição. Eu me casaria com ele a qualquer momento se eu o amasse, só que não o amo. Então isso é um problema.

Quando me mudei para São Paulo, foi para fugir de tudo que me atormentava em Minas Gerais. Mas não adiantou de muita coisa. Meu avô com todo seu domínio fez com que eu me sentisse um monstro por deixar Eduardo.

Eu queria já ter terminado essa relação há muito tempo, mas não consegui devido a minha família e a Eduardo. Sempre segui o que me mandavam, mas eu cresci e quero seguir o meu caminho. Então, ao saber da vaga disponível na creche, mudei-me o mais rápido que pude e fui contratada.

Lógico que fui obrigada a ouvir meus avós dizendo que, se eu pisasse pra fora da casa deles, eu não poderia voltar nunca mais. Ok! Então não volto, não sentirei falta em momento algum. Mas, desde a minha mudança, eles ainda tentam me fazer voltar para Minas. Afinal, aqui eles não poderiam controlar meus passos.

Pensei que estava livre deles, mas não estava. Eduardo conseguiu convencer-me a dar mais uma chance ao nosso relacionamento, foi por isso que continue com ele; na verdade, as ameaças que ele fez a mim foram o motivo real para continuar com ele, mas hoje não deixarei ele me manipular tão facilmente.

Quando vi Caio no seu apartamento, todo sexy, com uma carinha de homem inocente, mas que pode demonstrar ser tão pecaminoso como um anjo caído, pensei que tinha morrido e ido para o paraíso. Sua barba bagunçada era um charme que nem mesmo ele pensaria que fosse. E mesmo agora, depois de mudar seu visual, ele continua uma perdição.

Ele é um cara incrível, nunca conheci alguém tão incrível e inteligente como ele. Um pai sem tamanho, um homem bom, que aguentou tanto da vida.

Caio seria um homem que eu lutaria até o fim da vida para ter. Por isso não consegui resistir quando dei o primeiro beijo nele: eu queria mais e estava disposta a dar tudo a ele, meu corpo e minha alma. Sinto uma grande conexão com ele desde o primeiro dia que o vi e o desejo foi crescendo. Mas fui impedida de entregar tudo a ele, fui coagida a ir naquela coletiva de imprensa para ser pedida em casamento.

O pânico me dominou e as câmeras só demonstravam que, se eu recusasse, as consequências seriam piores para mim e eu acabei aceitando, porém, agora que estou longe dos holofotes, posso muito bem falar que não aceito; e eu não aceito mesmo. Não amo mais o Eduardo, sinto um desejo enorme por Caio, quero ver onde esse desejo me leva. Quero viver uma experiência nova, diferente e sem igual. Coisa que nunca vivi com Eduardo.

Chego ao corredor do prédio e vejo um dos seguranças de Eduardo. Com toda certeza ele deve estar dentro do meu apartamento com a cópia da chave que dei a ele. *Terei de tomá-la se quiser viver em paz.*

Abro a porta e o vejo sentado no meu sofá, sua expressão fechada me mostra que ele não está de bom humor.

— Onde você estava? — Como pensei, seu humor está péssimo. Olho para o relógio; são sete da manhã, passei a noite toda no hospital.

Sento no sofá ao seu lado e conto sobre o que aconteceu com a filha de Caio. O que mais me irrita é que Eduardo nunca se importa com a vida dos outros, somente a dele importa. Então sua falta de empatia com o caso de Bella me tira do sério.

— Você poderia falar algo — falo, exasperada, levantando-me.

— O que você quer que eu fale? Você passa mais tempo com esse seu vizinho do que comigo, e pelo visto agora a filha dele te cativou de uma maneira impossível de competir.

— Eduardo, não viaja. Estou evitando Caio ao máximo, mas eu tenho empatia pelas pessoas.

— Sei, sei bem como está o evitando. O exemplo de você chegar às sete da manhã é ótimo para o “estou evitando”. — Ele imita minha voz e abre aspas no final. — Faltei a uma reunião que tinha às seis para te ver, estou sentindo saudades. — Ele se aproxima e tenta me beijar, desvio o rosto e ele

fecha ainda mais a expressão.

— Precisamos conversar.

Ele me ignora completamente. Quando desvio novamente do seu beijo, Eduardo segura meu rosto, apertando-o um pouco forte demais, e força sua boca na minha. Ele me empurra em direção ao sofá de uma forma desnecessária. Quando consigo livrar minha boca, consigo expressar minha revolta.

— Quer parar? Você está me machucando — digo em vão, pois ele não para, força seu corpo ainda mais no meu e agarra minha boca novamente sem minha permissão.

Não consigo mexer minhas pernas nem minhas mãos; ele me prende com seu corpo no sofá, impedindo que eu faça qualquer movimento. Ele sempre foi mais forte que eu. Somente com uma mão, ele consegue abrir minha blusa, e eu começo a me desesperar. Se ele continuar desse jeito, eu o acusarei de estupro: eu não quero e ele está me forçando.

— Eduardo, ou você para agora ou eu juro que chamo a polícia!

Assim que as palavras saem da minha boca, ele se afasta de mim, mas eu vejo a raiva em seus olhos. Ele pode até estar com raiva, mas eu estou com nojo! Quem ele pensa que é para tentar forçar algo comigo? Já não basta o pedido de casamento forçado.

— Você é uma vagabunda! Como ousa dizer algo assim? — pergunta ele.

— Eu disse para você parar e você não me escutou! O que você acha que passou pela minha cabeça? — Tomo uma respiração e digo as palavras que estão entaladas em minha garganta. Levantando novamente para mostrar minha altivez para ele: — Não dá mais, Eduardo. Eu não te amo mais e eu não me casarei com você. Eu tentei fazer tudo o que você e meu avô quiseram, mas eu não consigo mentir tanto. Desculpe-me, não sou fantoche de ninguém.

Olho para ele, pensando encontrar uma expressão de derrota ou até mesmo raiva, no entanto não encontro nenhuma das duas. A expressão que vejo em seu rosto é como a de um assassino.

Vejo que cometi um erro ao entrar no meu apartamento sozinha, disposta a terminar tudo com um homem que já me bateu. Dessa vez, não tem ninguém para eu gritar por socorro... Da última vez, eu não precisei gritar por socorro: o Caio veio me salvar. Ele realmente é um salvador que nem deveria se preocupar com o próximo, só que mesmo assim se preocupa.

Agora não tem ninguém; o vizinho mais próximo fica do outro lado do corredor, bem distante, e nem as paredes finas poderão fazê-lo ouvir.

Eduardo avança em minha direção e o soco em meu rosto é só o primeiro de muitos que irei receber essa noite. O gosto metálico do sangue em minha boca irá aumentar ainda mais, até chegar a um ponto que não darei conta e começarei a vomitá-lo. Mas os chutes em minha barriga serão os piores.

Acho que a vida diferente que eu queria ter ao vir para São Paulo não acontecerá mais. Afinal, estou aqui tem pouquíssimo tempo e agora tudo está sendo destruído. Sei que o fim irá chegar e eu não poderei fazer nada para evitar. Contra Élis, eu fui forte, afinal tive treinamentos básicos, mas contra um homem que tem quase o dobro da minha altura? Sem chance.

No fim, quando a dor já é insuportável, eu vejo a escuridão; a escuridão que eu esperava. Pelo menos nela a dor cessou e eu poderei dormir para tentar esquecê-la.

Capítulo 11

Os três dias de internação acabaram e minha filha poderá ir descansar no conforto do seu lar. Ela não reclamou de dor em nenhum momento após a cirurgia e isso me deixou muito feliz. A única coisa que me deixou um pouco intrigado foi Samanta não ter voltado ao hospital. Ela disse que voltaria assim que resolvesse os seus problemas com Eduardo.

Fiquei preocupado, tentei até mesmo ligar para seu celular, cujo número ela me deu antes de sair do hospital, mas deu somente desligado. Tento não pensar que talvez Eduardo possa ter a convencido de ficar com ele. Balanço minha cabeça em negação, não querendo acreditar nos meus pensamentos, enquanto arrumo a pequena mochila com as coisas de Bella.

Vejo o doutor Matheus entrar no quarto. Depois de alguns minutos examinando a Bella, ele a libera para ir embora. Minha pequena sorri e bate palmas toda feliz. Bella odeia hospitais.

Assim que entramos no táxi, começo a sussurrar uma música infantil para minha filha. A viagem é um pouco mais demorada do que a nossa vinda, afinal Samanta veio como uma louca para o hospital há três noites.

Chegamos ao nosso prédio. Estou feliz por minha filha estar bem, o peso que estava sentindo nos últimos dias está começando a deixar meu coração.

Subir com Bella e as suas coisas pela escada nunca foi tão prazeroso, mas ver o brilho de saúde em suas bochechas me deixa extremamente feliz. A dor e a angústia em meu coração passaram e agora só me sinto aliviado por Bella estar bem.

Nesses três dias até dona Matilde e o seu Alfredo foram visitar a neta, mas Samanta não, e isso me deixou extremamente preocupado.

Caminho até a minha porta e olho para a porta ao lado, não escuto nem um sinal de vida. Bato em sua porta antes de entrar com Bella, mas, mesmo aguardando por alguns minutos, ninguém aparece para abri-la.

Entro e deixo a Bella no sofá. Guardo suas coisas e logo preparo o café da manhã recomendado pelo médico. O seu repouso durará um mês e isso fez com que eu avisasse em meu emprego que ficarei afastado durante esse tempo.

— Está tudo bem, meu amor? — Ela balança a cabeça, comendo sua maçã sem nem ao menos olha para mim.

Assim que ela termina de comer, me entrega o pratinho.

— Comi tudo, papai. — Ela sorri, o que me faz sorrir também.

— Ótimo! — Assim que guardo o seu prato, retorno a sala e pego-a em meu colo nem acreditando que está tudo bem com minha pequena. Estou ninando-a quando percebo que ela pegou no sono; coloco-a em sua cama, beijo sua testa e a observo por alguns momentos. O doutor Matheus disse para eu observá-la, pois caso ela tenha febre, terei que retornar ao hospital para ver se está tudo bem com o pós-operatório. Quando soube que essa pequena princesa não era realmente minha, meu mundo desabou, mas não por ela não ser minha: eu a amava como um verdadeiro pai, porém meu mundo desabou por ter sido enganado durante anos e nem ao menos perceber.

A princípio, não consegui acreditar em Élis, mas eu tinha que tirar essa dúvida, por isso fiz um exame de DNA, que me provou que Bella não era realmente minha. Ah, mas o amor que sinto por ela fez aumentar ainda mais, porque ela pode até não ser de sangue, mas é de alma e, às vezes, a alma é mais importante que o sangue. Pego de exemplo a Élis, que a abandonou e era mãe dessa pequena princesa.

Essa doença só veio para provar ainda mais que eu amo tanto a Bella, que daria minha vida pela dela. Não precisava pensar nem por um segundo. Se eu tivesse que ter passado por toda aquela dor, eu passaria só para não a ver sofrer como sofreu.

Saio do seu quarto sorrindo, lembrando de quando ela nasceu e tudo parecia ser cor-de-rosa; eu só conseguia chorar e admirar a pequena obra-prima que Deus trouxe ao mundo.

— Caio, acorde.

— Quê, amor? — A sonolência não me deixa abrir os olhos.

— A bolsa estourou, Caio! — Escuto o grito de desespero de Élis e no mesmo segundo estou de pé.

Corro e pego tudo que já estava pronto para fazer a cesariana no dia seguinte. Mas pelo visto a pequena Bella queria vir antes da hora. Eu sempre quis que minha filha se chamasse Isabela, mas Élis odiava a ideia de colocar um nome na criança para depois só a chamarem pelo apelido. Por isso, em comum acordo, decidimos colocar Bella, pois assim não seria apelido e sim

o seu nome. Então que fosse o nome de uma das princesas mais conhecidas da Disney, afinal essa era uma princesinha da vida real que chegava ao mundo.

Lembro até hoje que, às três e meia da manhã, em vinte e nove de novembro, Élis deu à luz a uma menininha que tinha uma garganta potente. Eu estava ao seu lado – morrendo de medo de ter uma crise e ao mesmo tempo emocionado –, segurando sua mão, mas a soltei no momento em que ouvi aquele choro estridente.

Caminho em direção ao doutor, que perguntou se eu queria cortar o cordão umbilical; aceitei no mesmo momento. Cortei como me ensinaram e voltei a admirar aquela menina branquinha, de olhos castanhos e cabelos claros. Uma obra-prima.

Enrolaram-na em uma manta e a colocaram no peito de Élis, que deu um pequeno beijo na criança, mas eu estava admirado o suficiente para querer segurar Bella para sempre e nunca mais soltar.

Lágrimas escorreram por meus olhos; as lágrimas de felicidade que me deixaram ainda mais encantado com aquele momento. Segurei o seu dedinho, e ela agarrou como se nunca mais fosse soltar, e assim o amor de pai e filha começou e nem mesmo o sangue poderá mudar.

A água quente cai em meus músculos, e eu relaxo. Passei três dias tomando banhos rápidos no hospital para não ficar muito tempo longe da Bella; eu mereço demorar um pouco mais nessa água que está maravilhosa.

Escuto batidas na porta e quero morrer por alguém estar atrapalhando algo que deveria ser sagrado: *o meu banho*. Saio do banheiro enrolado na toalha

As pancadas não param. Enxugo o corpo e caminho o mais rápido que posso para a porta. Enrolo a toalha em minha cintura e pego um roupão, colocando-o por cima do meu corpo. Mais uma batida, e então eu consigo alcançar a porta; destranco-a e a escancaro, pronto para falar para a pessoa desesperada ter um pouco mais de calma ao quase quebrar a porta dos outros, sendo que tem um bebê repousando.

A intenção é dar uma bronca na pessoa do outro lado da porta, mas assim que a abro, sinto o ar faltar em meus pulmões. Nem parece ser a mesma pessoa que vi há três dias; o brilho de felicidade que via em seus olhos não

existe mais. Só consigo ver tristeza. O rosa saudável de suas bochechas não pode ser mais visto; a palidez nos lugares que não estão machucados é visível.

Posso ver por sua respiração pesada que tudo em seu corpo dói. A lágrima escorre por sua bochecha. Pego lentamente em seu corpo, tentando evitar machucá-la ainda mais. Posso imaginar quem tenha feito isso e o ódio me consome.

O pesadelo que tive com ela não chega nem perto do estado deplorável em que ela se encontra aqui em minha frente.

— Você tem de denunciá-lo — digo, acalutando seus cabelos.

— Não posso.

Recuso-me a acreditar que depois de tudo ela ainda irá defendê-lo.

— Samanta, eu não posso acreditar no que estou ouvindo. — Afasto-a do meu corpo. Vejo ela se retrair quando seguro em seu braço e o solto, evitando encostar em alguma parte machucada. — Você ainda está noiva dele? Por isso está o protegendo?

— Não é isso, é só que...

— Não me venha com desculpas esfarrapadas — interrompo. — Você ao menos foi ao médico para ele ver se não machucou nada internamente?

Ela assente, dizendo que o ruim só está por fora; por dentro, tudo está tranquilo, e eu continuo com ainda mais raiva. Como uma mulher pode ser tão boba a ponto de não denunciar um homem que a agrediu? Ela tenta falar, mas a impeço:

— Você sabe o mal que faz à sociedade ao deixar esse homem livre?

Ela assente, chorando. Nego novamente com a cabeça, tentando não acreditar no que estou vendo. Não a convindo para dentro. Não quero mais vê-la assim e não poder fazer nada. Afinal, não adianta eu denunciar e a vítima não dizer a verdade. A polícia não pode abrir um B.O. assim e com isso o caso é encerrado antes mesmo de começar.

— Eu não consigo te ver assim e não poder fazer nada, entende? Não quero deixá-la entrar e ficar olhando para seus machucados. Ver você sentir dor e não querer ir à polícia denunciar esse monstro. Eu te levo, Samanta. Mas para de acobertar esse cara.

— Eu não posso, você não ouviu?! — Seu grito sai dolorido e isso parte meu coração, mas infelizmente não posso deixar essa situação como está.

Não admito injustiça, ainda mais crimes. Ela está sendo violentada

fisicamente e quer continuar protegendo o agressor.

— Por que você não pode?! — retribuo o grito, esquecendo de abaixar o tom de voz por Bella estar dormindo.

Ela não conta, só chora. Tenho vontade de parar de fazer isso com ela por causa do seu estado, mas se eu parar, ela nunca vai ter coragem de denunciá-lo.

— Eu não posso deixar você entrar aqui enquanto defende esse homem.

Ela olha para os meus olhos e a dor que vejo neles não é a dos machucados e sim a da mágoa. Eu sei que posso ser um grande imbecil às vezes. Mas os meus planos já mudaram de direção, irei atrás daquele agressor e revelarei todo o seu crime para a mídia.

— Você pode até não fazer nada, Samanta, mas eu farei. Não ficarei aqui de braços cruzados, vendo você ser agredida e não fazer nada.

— Não, por favor, tudo que lhe peço é para não agir de cabeça quente. — O desespero é nítido em sua voz.

— Você está defendendo um criminoso! — grito novamente.

— Não. Só estou tentando me proteger. — Ela faz uma pausa e fala novamente: — Proteger você e a Bella.

Franzo meu cenho sem entender o que ela está querendo dizer. Ela, percebendo minha reação, continua a falar.

— Depois que Eduardo me espancou, eu disse a ele que iria denunciá-lo. Ele ligou para meu avô e horas depois ele estava aqui. Não só ele, mas a minha avó também e a reação deles foi de dizer que: se eu denunciasse o Eduardo, eles mesmos, sangue do meu sangue, acabariam com a minha vida e com a do homem com quem eu estava tendo um casinho. Me desculpa.

O seu choro agora é mais doloroso, e eu entendo tudo: a família dela conseguiu destruir tudo que ela sonhava. Até com essas ameaças descabidas. Desisto de repreendê-la e a puxo para dentro com cuidado, fecho a porta, caminho lentamente com ela para o sofá. Sento-a em meu colo e a acalento como se fosse Bella em meu colo.

— Vai ficar tudo bem. Depois quero saber tudo que foi falado a você. — Ela assente, e a deixo chorar para tirar a dor do seu peito, afinal a do corpo demorará a passar.

Deixo que o ódio tome conta do meu ser. Eu sou uma pessoa muito boa, mas agora eles pisaram na minha ferida. Eles conhecerão o verdadeiro Caio, um homem que pode acabar com eles sem ao menos sair de casa, somente

acessando tudo o que eles têm pela internet. Eu farei isso, o cara com *autismo* que ninguém dá nada por ele!

Samanta

A dor é forte e não consigo me levantar. Os chutes que levei em meu estômago fazem com que eu fique encolhida no chão, sem conseguir me mover. O gosto de metal toma toda minha boca, por isso sei que estou sangrando. Minha cabeça lateja. Não consigo raciocinar muito bem, mas ao longe escuto minha boca soltar as palavras por vontade própria:

— Irei te denunciar! — Mal falo e levo outro chute em meu estômago. O chute faz com que eu vomite algo irreconhecível.

Vejo a sombra de Eduardo se movimentando em minha sala; o nojo toma conta do meu corpo. Se eu conseguisse me mover, eu o mataria agora mesmo. Juro que pegaria uma faca e enfiaria em seu coração. Eu devia ter terminado essa relação no momento que percebi não o amar mais.

E quando percebi isso? Bem antes de me mudar para cá, antes de conhecer um homem incrível. Eu ainda morava em Minas Gerais. Sabia da manipulação que todos faziam comigo, por isso quis ar fresco e me mudei para São Paulo.

Só não esperava conhecer um homem perfeito. Sempre fui daquelas que acreditava não existirem homens pelos quais valesse a pena lutar. Mas estava enganada. Em algum canto do mundo pode ter algum homem que faça valer a pena, que faça você se sentir especial, que não te trate como um lixo.

Caio não é só um rostinho bonito na multidão, ele nunca passa por cima de ninguém. Ele é bonito por dentro e por fora, não estipula regras, só tenta viver sua vida em paz. Eu o admiro de formas inimagináveis; ele cuida da filha sozinho; a garota nem ao menos é filha legítima dele, mas mesmo assim ele prova que é um homem digno, que a ama como se fosse sangue do seu sangue.

Tenho certeza que o traste do Eduardo jogaria a garota em um orfanato, como se fosse um ninguém, mesmo que fosse sangue dele.

Escuto-o falando ao telefone, mas não consigo ouvir quem seja. A dor me leva a lembranças antigas.

Como sempre, mais um jantar de políticos em que eu terei que fazer pose de fofinha para eles. Eu preferia estar em qualquer lugar, menos aqui. Odeio tudo que envolve política, não quero me comportar de maneira que não habitual; a política é tão falsa que até em um jantar nós temos que fingir ser quem não somos.

Desço as escadas e fico ao lado de vovó Maria Clara, esperando os convidados pararem em nossa frente para nos cumprimentar. Sério, Deus?!

São muitas pessoas, meu avô disse que seria um jantar simples, sei. Será uma festa, isso sim, não param de chegar pessoas. Abaixo a cabeça e fico observando o vestido engomado que estou vestindo. Odeio ser formal, prefiro mil vezes um estilo todo despojado a esses vestidinhos estufados.

Não nasci pra ser fofa e cheia de frufu, por que as pessoas não entendem isso? Ah, Bia me entende, minha melhor amiga e confidente. Mas quando digo pessoas, eu me refiro ao vovô e à vovó.

— Atrapalho o seu encantamento por seu vestido? — Escuto uma voz aveludada ser direcionada a mim.

Levanto meu olhar e vejo um homem todo lindo, bonito, uma perdição de lindeza; com olhos azuis e cabelos claros, é quase um príncipe.

— Acho que não — pronuncio, erguendo uma sobrancelha para ele. Observo que minha avó saiu do meu lado e eu nem ao menos percebi.

— Ela nos deixou a sós — diz o cara lindo ao perceber que estou a procurando. — Ah, sou Eduardo.

Estende sua mão para me cumprimentar; retribuo o gesto e sorrio com o canto da boca para ele.

— Samanta, muito prazer.

Se eu soubesse que aquele maldito olhar de um azul profundo e aquele sorriso encantador iriam se transformar no monstro dos meus piores pesadelos, eu nunca teria aceitado aquele aperto de mão.

Nunca em minha vida teria aceitado ir àquela cachoeira com ele no dia após o jantar.

Acordo com minha avó me chamando.

— Sami, acorda.

— Deixa eu dormir mais um pouco, vó — peço, voltando a cair no sono.

— Não deixo, não. Eduardo está lá embaixo. Anda logo. Acorda.

Levanto o mais depressa possível da cama e corro o mais rápido que posso para o banheiro. Não que eu esteja criando expectativa, mas se ele está lá embaixo e minha vó me chamou, deve ser pra algo relacionado a mim. Paro no meio do caminho e a olho.

— Ele veio fazer o que aqui? — pergunto, rezando para estar certa e que ele esteja aqui por mim.

— Veio acompanhar o pai dele em uma reunião com seu avô, mas ele perguntou por você.

Ela abre um sorriso tão grande, que me faz pensar que ela se transformará no coringa em um futuro próximo. Nem me importo de descer as escadas de pijama, mesmo com minha vó recriminando a minha atitude.

Quando chego ao andar de baixo, vejo Eduardo olhando a única foto dos meus pais que temos na casa. Eu era bem pequena e estava entre eles. Bia tem a mania de dizer que eu sou o Harry Potter, que perdeu os pais cedo demais e tem uma família disfuncional. Mas ao menos eu não durmo no armário embaixo das escadas e os meus avós não são tão ruins quanto os tios de Harry. Bia sempre tem o poder de viajar legal nas coisas.

Ao perceber que está sendo observado, Eduardo se vira e me encara dos pés a cabeça. Estou com calça de moletom e uma camisa de banda de rock, daquelas bem velhas. Sim, esses são os melhores pijamas.

— Uau, nem parece a mesma pessoa que eu encontrei ontem. — Ele sorri.

Que sorriso lindo!

— A gente faz o que pode. — Dou de ombros e me aproximo dele.

Ele se aproximou de mim e pegou em minha mão, dando um beijo casto. Por um momento, me senti dentro de um livro de romance histórico ou de um filme de princesa, mas não estava, era real: eu tinha encontrado o meu príncipe.

— Quer dar um passeio? — pergunta Eduardo, e eu assinto sem dizer uma única palavra. — Que tal na cachoeira? O sol está ótimo e eu trouxe roupa de banho.

O sorriso que abro é tão grande, que tenho certeza que é parecido ao que minha vó me deu minutos atrás. Eu amo a cachoeira, mas quase nunca

tenho tempo de ir lá. Em questão de segundos, falo para Eduardo esperar que vou me trocar.

Corro escada acima e entro no meu quarto como um furacão em busca do que eu desejo. Abro minha sacola de banho e jogo uma toalha dentro e uma saída de banho também.

Pego meu melhor biquíni e o visto, depois pego uma das minhas bermudas desfiadas e a coloco, por fim finalizando com uma outra camisa de banda. Óculos de sol é essencial e protetor também, afinal minha pele branca agradece. Quando estou terminando de me arrumar, minha avó entra no meu quarto.

— Você sairá assim com o Eduardo, Samanta?

— Sim, vó, qual o problema?

— Você está horrível, assim ele não se interessará por você.

A raiva toma conta do meu corpo.

— Eu não sou um pedaço de carne que todos ditam a regra de como tem que ser o abate, ou até mesmo qual o lado bom para o corte! Então me poupe dos seus comentários que não acrescentam nada em minha vida, vó. Eu amo a senhora, mas você e meu avô precisam aprender que eu tenho gostos diferentes do de vocês em relação a roupas, principalmente em relação à política. Eu não sou a moeda de troca de vocês.

Mal termino de falar e o tapa estala em meu rosto. Nem vi quando ela se moveu, mas o peso da sua mão ardeu no meu rosto. Minha avó sempre foi assim: se eu fazia algo que não lhe agradava, ela sempre revidada com algum tapa em alguma parte do meu corpo.

Eu os amos, não posso dizer que não, mas devido às atitudes deles o amor vai acabando. Coloco a mão em cima de onde sinto a ardência do tapa em minha bochecha e a encaro com meus olhos rasos de água, mas não derramarei nenhuma lágrima, tenho orgulho suficiente para isso.

Minha vó não demonstra se arrepender em nenhum momento, ela se aproxima e diz:

— Você pode até não trocar de roupa, mas você vai sair e será uma ótima companhia para o Eduardo! E o agrade do jeito que ele quiser! Ele é uma parte importante para essa família de hoje em diante, você me entendeu, Samanta?

— Sim, vó! — digo somente isso, pegando minha bolsa e descendo as escadas. Peço a Deus que não deixe meu rosto mais vermelho do que já está,

pois isso sim seria um grande problema.

Eu deveria ter começado a ir contra a minha família no momento em que me obrigaram a fazer tudo o que Eduardo quisesse; no momento em ele passou a ser muito importante para eles, mesmo que eu nunca soubesse o porquê. Mas logo Eduardo e eu começamos a namorar; ele se aprofundou mais na política, e eu fui ficando cada vez mais obrigada a ter uma imagem a zelar para não estragar o nome da família.

— Sim, infelizmente tive que fazer. Ela disse que não queria mais nada. Ficou feio. Se ela denunciar, colocará tudo a perder. Fico no aguardo.

Escuto Eduardo responder, mas ele logo sai da sala e não sei com quem está falando. Minutos depois, o seu segurança entra na sala, hesita por um momento, mas logo se aproxima de mim, pegando-me com todo cuidado e me levando para o quarto. Não sei o que está acontecendo, mas não tenho nem forças para reclamar.

Assim que ele me coloca na cama, desmaio e acordo tempos depois, com uma voz conhecida me chamando.

— Acorda, Samanta — diz meu avô.

Consigo levantar lentamente e me sentar; minha vó está nos pés da cama, encarando toda a minha fisionomia. Eduardo está na porta do quarto.

— O que você ainda está fazendo aqui? — direciono-me a ele.

Ele dá de ombros, solta um sorriso sarcástico e sai do quarto.

— Samanta, eu não tenho tempo para as briguinhas suas e do Eduardo. Por que teve que irritar o rapaz? — pergunta meu avô.

— O senhor chega aqui, me vê nesse estado e, ao invés de me defender, está me repreendendo? — Tento soar o mais revoltada que posso. Afinal, é o cúmulo eu estar sem forças para nada e eles ainda estarem do lado de Eduardo.

— Eu sei que a culpa é sua. Eduardo é um rapaz muito bom, você que sempre foi a problemática. — Escutar essas palavras sair da boca do homem que deveria estar esfolando Eduardo nesse momento faz com que meu coração doa de uma forma inexplicável. Eles costumavam me amar quando eu era pequena. Mas foi só ter uma idade certa para que eles resolvessem me usar de moeda de troca.

— Saiam da minha casa — digo somente.

— Não vamos sair até você nos escutar. — Essa foi a deixa para

minha avó abrir a sua boca.

— Você sabe que o Eduardo é candidato, você não pode estragar a imagem dele, por isso vamos a proibir de falar com alguém sobre o que aconteceu — fala vovô com os dentes cerrados.

Se eu não estivesse sentada na cama nesse exato momento, eu teria caído para trás. Como é que é? Eles não querem que eu o entregue à polícia?

— Como?

— Você ouviu, não se faça de besta — fala minha vó mais uma vez.

— Vocês não podem me impedir de fazer uma denúncia contra ele — digo.

— Podemos sim e vamos. — As palavras do meu avô só mostram o quanto ele é um grande imbecil por preferir a política à família.

— Saiam da minha casa e esqueçam que um dia eu fui parte da merda da família de vocês! Eu irei à polícia assim que eu der conta de me movimentar.

— Samanta, se você for à polícia, eu juro que aquele rapaz que mora aqui ao lado sofrerá várias consequências por suas atitudes, incluindo a filhinha dele. Agora faça o que você quiser.

Ele acena sua cabeça e sai do meu quarto, deixando apenas minha avó para finalizar com suas palavras amargas:

— Você deveria ter morrido junto com seus pais. Ficou viva só para importunar nossa vida! Agora pense bem se você quer ir à polícia, pois você sabe que seu avô não está brincando.

— Como vocês conseguem defender o lado errado? — sussurro sem acreditar no que ouvi.

— A única que está errada é você, querida.

Ela sai do quarto, deixando-me sozinha com minhas amarguras. Bia sempre me disse que minha família não prestava, mas eu nunca quis acreditar nela. Eu sempre quis acreditar que eles me obrigavam a ser quem eles queriam que eu fosse só por me amarem e se preocuparem com sua imagem.

Nunca vi avós tão ruins. Na verdade, vemos algumas notícias na TV, mas sempre imaginamos que isso acontece só nas famílias dos outros e que nunca atingirá a nossa. Eu fui boba, me ceguei para o que acontecia debaixo do meu nariz. Fui burra de pensar que eles me amavam.

Choro por estar impedida de fazer algo contra Eduardo. Não posso colocar a vida de Caio em risco, muito menos a de Bella. Eles já sofreram

tanto... Se eu for o motivo de mais um de seus sofrimentos, não irei suportar. Algo me conectou a eles desde a primeira vez que os vi; o sentimento que tenho por eles é muito grande para dar um passo em falso e fazê-los sofrer ainda mais.

Escuto a porta da sala bater e sei que estou sozinha. Meus planos eram terminar tudo com Eduardo e voltar ao hospital, querendo começar uma nova vida, dar um passo para a felicidade que eu tenho certeza que irei encontrar com Caio. Porém, não consigo nem ao menos andar direito; como aparecerei em um hospital toda machucada assim? Os médicos irão querer saber o que aconteceu e, quando eles constatarem que foi agressão, irão chamar a polícia, e aí tudo pode desmoronar.

Ajeito-me na cama com dores suficiente para não levantar nem para procurar um remédio. Consigo me encolher e chorar; chorar por tudo que eu sempre quis fazer e sempre fui proibida. Por ter uma família que nunca se importou comigo, por minha avó preferir que eu houvesse morrido junto com meus pais. Por eles acharem que a culpa é minha por estar apanhando. Como eu posso ter uma família assim?!

Uso toda minha força para pegar meu telefone, que está ao lado da cama, e ligo para Bia. Ela é enfermeira, conseguirá me ajudar. E mesmo que queira denunciar Eduardo, ela não o fará por mim. Depois de dizer que está vindo, eu me perco em meus pensamentos.

Só não liguei para Caio, pois não quero o colocar em risco. Sempre critiquei aquelas mulheres que escondiam por anos os maus tratos que sofriam, mas agora as entendo. Às vezes, para salvar quem é importante para você, é melhor você sentir a dor calada.

Na primeira vez que Eduardo me esbofeteou, eu não quis denunciá-lo, pois pensava que ele era uma pessoa boa. Fui enganada. Deveria ter feito isso quando Caio me incentivou, no entanto preferi acreditar que foi só uma vez. Esse é o problema das pessoas: se aceitarem uma vez, pode acontecer a segunda vez.

Agora entendo quando as pessoas dizem que não podemos criticar quem sofre abuso calado. As circunstâncias nem sempre são favoráveis a você.

Capítulo 12

Consegui fazer com que Samanta dormisse. Percebi, pelo seu estado, que dormir era algo que não estava em sua rotina durante os dias em que estive no hospital com a Bella. Observo-a respirar com certa dificuldade deitada em minha cama. Se as circunstâncias fossem outras, ela estaria perfeita no lugar em que sonho que ela esteja há tempos.

Faço um café bem quente; meu humor está lastimável e acho que só o café poderá me acalmar. Pego meu notebook e caminho para o sofá. Antes de começar a pôr meu plano em prática, preciso saber de uma coisa. E exatamente como eu pensava, Pedro me respondeu, falando que posso começar a trabalhar quando eu quiser. Eu serei um dos coordenadores de uma das suas empresas aqui em São Paulo. Ele confia em mim a ponto de deixar toda uma empresa em minhas mãos.

Como eu já estava disposto a sair do meu atual emprego, essa é só mais uma oportunidade para eu ficar o tempo necessário com Bella até que ela se recupere, sem me importar de ser demitido, pois já tenho minha opção de trabalho.

Respondo o mais rápido que posso. Lógico que aceito o emprego, assim eu poderei ter contato com quem quero. Explico para ele toda a situação que aconteceu nos últimos dias com Bella e, por sorte do destino, ele está on-line dessa vez. Batemos um papo legal, até ele perguntar se eu já tinha arrumado alguém para aquecer os meus cobertores.

Bate-Papo



C

Não exatamente.

Nossa, Caio, para de fazer suspense e fala o que é o "exatamente".

P

C

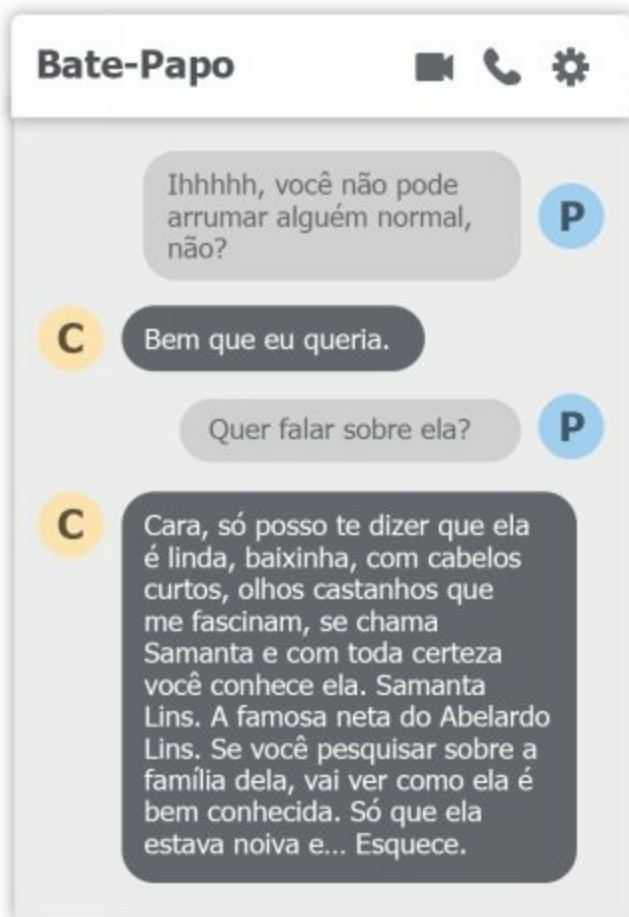
Tem uma garota que despertou o meu interesse e nesse momento ela tá dormindo na minha cama.

Quer dizer que vocês...

P

C

Não, larga de ser perverso. Ela se mudou aqui pro lado de casa e desde então surgiu aquela coisa, sabe? Só que ela é tão fodida quanto eu.



Resolvo abrir o jogo com ele. Pedro sempre foi um ótimo amigo; mesmo distante, a nossa conexão ainda continuou forte. Sei que em alguns

momentos peço em nossa amizade, não divido a maioria das minhas dores com ele. Mas homem é assim, não é como mulher, que conta tudo uma para outra. Homem sempre é mais fechado em relação aos sentimentos. Entretanto, agora não consigo; o que pretendo fazer com essas pessoas que acabaram destruindo o brilho dos olhos da Samanta será maior do que eu e preciso do apoio de alguém que entende do assunto tanto quanto eu.



Despeço-me de Pedro ao ver Samanta parada no corredor da sala. Quando fecho o notebook, olho de cima a baixo e sinto mais ódio ainda. Ela odiará saber o que irei fazer com sua família. Ou talvez me apoie. Afinal eles não ameaçaram só a mim, eles a colocaram em risco tanto quanto eu.

— Você não dormiu nada — digo a ela.

Samanta caminha em minha direção e senta ao meu lado. Pega minha mão e segura entre as suas. E logo coloca sua cabeça em meu ombro. Não sei o que está acontecendo.

— Tive um pesadelo.

Suspiro. Imaginei que isso pudesse acontecer: traumas sempre fazem com que nossos pensamentos fiquem conturbados e atrapalham até o nosso sono. Algo que deveria ser sagrado para qualquer ser humano que passa pelo que ela passou.

— Vai ficar tudo bem.

Abraço seu pequeno corpo e beijo o alto da sua cabeça. Seus braços rodeiam minha cintura e sua cabeça descansa em meu peito. O conforto que sinto com isso me faz perceber que estou mais do que certo por tentar livrar Samanta de uma vez por todas de sua família. Pode ser que tudo que eu faça prejudique não só a mim, mas a ela. Por isso devo contar a ela tudo que estou planejando. A justiça do nosso país é mais falha que tudo, então eu sei que estou dando murro em ponta de faca. Mas a expressão “irei expor eles” não sai da minha mente e eu irei mostrar ao país o quão ruim podem ser as pessoas que eles idolatram. O quão ruim são as pessoas que eles escolhem para governar uma cidade, estado, país.

— Samanta — digo calmamente para não a assustar.

Ela levanta a cabeça do meu peito e encara meus olhos. Seu rosto está totalmente diferente de quando a vi a primeira vez. Tudo está com algum arranhão ou um hematoma.

— Você pode não concordar com o que irei fazer, mas eu vou fazer. Sei que é sua família, mas eu não deixarei eles saírem impunes pelo que fizeram com você e muito menos deixar eles me ameaçarem e ficar de braços cruzados.

— Não entendi. — diz ela, demonstrando surpresa e ao mesmo tempo confusão.

— Irei investigar cada passo do seu avô e de Eduardo, irei *hackear* tudo o que eles usam e, quando eu tiver provas suficientes, irei procurar algum repórter, sites de notícias e espalharei tudo sobre eles, além de soltar nas redes sociais, onde tudo se espalha rapidamente. Eles não irão saber de onde tudo saiu, mas quando perceberem, já será tarde demais, o nome deles já estará no lixo, onde sempre deveria estar.

Por um momento, eu espero que ela tente me impedir, que fique brava por eu querer destruir a imagem tão bonitinha que a família dela passa à imprensa e às pessoas. Mas o seu sorriso é algo que eu não esperava.

— Eu só permitirei que você faça isso se me prometer que nós três ficaremos bem, afinal eu não fui à polícia para deixar vocês seguros. Então a Bella tem que ficar segura. Não posso deixar você fazer algo assim, Caio, e depois colocar a Bella em risco. Nós dois podemos suportar o que vier deles, mas a Bella não, então... — Coloco meu indicador sobre seus lábios, controlando suas palavras, pois percebi que ela já estava começando a se

desesperar.

Quando ela se cala, eu me aproximo do seu rosto e encosto os meus lábios nos seus. O beijo é lento, seus lábios machucados não aguentariam algo mais violento, mas a sede que tenho dos seus lábios me dá vontade de esquecer que ela está machucada e atacar sua boca, mas me controlo.

Seus braços envolvem minha nuca, fazendo com que seu corpo cole mais ao meu. O beijo continua, minha mão sobe por sua cintura, o desejo toma conta do meu corpo e acabo apertando minhas mãos mais forte do que deveria. Seu gemido me faz afastar.

— Me desculpe, acho que me empolguei.

— Tudo bem. Isso vai passar e quando passar não quero que você se controle.

Ela sorri, mostrando seus dentes brancos. No fundo, posso ver que seus olhos voltaram a ter um pouco de brilho, um pouco do que ela perdeu quando me deixou no hospital cuidando de Bella.

Passo a mão carinhosamente em seu rosto.

— Eu deveria ter te encontrado antes. Parece que você é ideal para mim, Samanta. Eu não me arrependo de ter minha filha, mas me arrependo do momento em que conheci Élis. — Suspiro e continuo: — Você não precisa ficar preocupada, ninguém vai saber que fui eu que revelei tudo sobre seu avô e Eduardo, sei bem esconder meus rastros. Acho que por isso tenho o Q.I. tão alto. Vou te proteger e quero tentar algo com você.

Não sei de onde surgiu tanta coragem para dizer essas palavras, mas, quando percebi, já estava no ar aquele gostinho de vitória. Eu estava em uma batalha interna, sem saber o que estava passando em meus sentimentos e descobri no momento que essas palavras saíram da minha boca.

— Eu também quero tentar algo, te conhecer melhor. Não adianta tentar me afastar, eu sempre acabo voltando e ficando ao seu lado. Os meses desde que me mudei para cá foram uma montanha-russa, mas a única coisa de que eu tinha certeza é que eu te encontraria no corredor na maioria das noites. Ou que ouviria você brincando com a Bella do outro lado da parede. Você sempre estava lá e isso fez eu querer tentar algo, algo de diferente. Eu me mudei de Minas para mudar a minha vida, mas mesmo assim todos os meus problemas vieram comigo, só você fez tudo ser diferente e era o diferente que eu desejava. Obrigada.

— Eu não fiz nada — digo, envergonhado.

— Fez sim. Às vezes, não são as coisas grandiosas que mudam a vida de uma pessoa, mas sim as palavras. Podem ser poucas palavras que tiram a pessoa do fundo do poço em que ela se encontra. Você fez isso. Você me tirou da minha monotonia.

— Você fala isso, Samanta, mas quem trouxe um pouco de diversidade à minha vida foi você.

— Isso não é uma disputa de quem salvou quem, a única coisa que importa é que agora eu quero ser sua, que você me conheça e fique comigo.

— Samanta retribui o carinho que fiz em seu rosto passando seus dedos finos pelo meu, acariciando meus lábios com seu indicador.

Somos interrompidos quando escuto Bella me chamar. Levanto do sofá e caminho para ver minha filha.

— Oi, meu amor, acordou?

— Acordei, papai — pronuncia Bella com sua voz sonolenta. — Oi, Sami — diz ao ver Samanta atrás de mim.

— Oi, lindinha — responde Samanta e, como sempre, ela detém toda a atenção de Bella para ela; minha filha estica os braços em um pedido para que Samanta a pegue. Mas antes que ela possa pensar em pegá-la, eu a impeço.

— Meu amor, a Samanta não pode pegar você, porque ela está dodói. Tá bom?

Ao falar que Samanta está machucada, Bella olha para ela e acena, falando as coisas mais fofas que uma criança poderia pronunciar:

— Você tem que ganhar um beijinho pra sarar. — Quando a pego em meus braços, Bella faz biquinho para beijar Samanta. Ela se aproxima de nós, e Bella dá um beijo em sua bochecha, voltando a dizer: — Pronto, agora você melhora.

Abro um sorriso e minha filha, que de boba não tem nada, diz:

— Papai, beija ela também pra ela melhorar. — Crianças têm um pequeno defeito de fábrica. Todas elas vêm com aquela carinha de gatinho de botas, que garante que ganhem tudo o que pedem. É exatamente essa carinha que Bella está fazendo.

— Claro. — Dou um beijo no rosto de Samanta e Bella sorri para mim. — Agora vamos comer alguma coisa? Porque você dormiu por horas e não se alimentou bem.

— Sim. — O entusiasmo de Bella faz eu me sentir melhor; seu pós-

operatório está melhor do que pensei. Ela não está reclamando de dor e isso já é o suficiente para me acalmar.

Faço uma comida leve para Bella, um peixe grelhado e verduras assadas, pois ela não pode comer nada pesado demais, muito menos gorduroso, por causa da cirurgia. Assim que coloco a comida no prato, vejo Samanta se levantar do sofá onde estava assistindo à TV com a Bella.

— Acho que vou embora — diz quando chega no balcão da cozinha.

— Fica aí, janta com a gente. — Sorrio para ela.

— Nem precisa insistir, não queria ir embora mesmo, estava só tentando não atrapalhar.

— Você não atrapalha.

Ela sorri e volta para a sala, sentando-se ao lado de Bella novamente.

Se não tivesse tantos problemas acontecendo ultimamente, poderia dizer que estou feliz. Na verdade, estou feliz por ela ter passado o dia todo conosco. Esses momentos foram agradáveis e são aqueles momentos que guardamos dentro da nossa mente. Podemos estar sofrendo por dentro, mas nós dois tivemos um dia bom, então às vezes nos desligamos da realidade, nem que seja por um pequeno dia, é a melhor coisa que precisamos para dar o passo seguinte. O passo que tanto precisamos.

Arrumo a mesinha pequena de Bella, que fica próxima à TV, pois ela insistiu para assistir ao desenho enquanto comia. Como estou a mimando por causa da cirurgia, permiti que ela comesse na sala.

— Aqui, meu amor. — Entrego o prato para Bella. — Vem comer. — Estendo a mão para Samanta, que a pega de bom grado.

Ela caminha comigo para a cozinha e, assim que chegamos, eu a encosto na bancada, numa direção que não dá para a Bella ver. Beijo seus lábios com vontade; acho que chegou o momento de admitir que sinto algo forte por ela. Não admitirei para ela, mas eu já tenho que admitir para o meu ser.

Ela retribui o beijo de forma calorosa, acho que esqueceu até dos seus machucados. Não consigo desgrudar meus lábios dos delas até que ela separa nossas bocas para respirar.

— Ainda não viramos seres que não precisam de respiração — sussurra de forma sexy, com os lábios vermelhos do beijo que dei nela.

— Acho que me precipitei.

— Adoro suas precipitações.

Eu sorrio, mas logo ele se desvanece.

— Você está mesmo disposta a deixar a máscara da sua família cair?

— Sim, por quê?

— Porque eu não terei piedade. Você não quer denunciá-los por medo do que podem fazer, mas eu não os perdoo por fazerem isso com você. Agressões devem ser denunciadas.

— Mas eles nos ameaçaram, não tem como. Você não pensa na segurança de Bella?

— Claro que penso, mas é errado...

— Ei. — Dessa vez, quem coloca o dedo em minha boca para me calar é Samanta. — Está tudo bem. Você disse que eles não irão saber quem fez isso com eles. Então estou disposta a tudo, não entenda mal. Eu não estou achando bom você revelar quem eles realmente são, afinal são minha família, mas eles só me provaram que eu nunca fui e nem vou ser alguém importante para eles. Então, estou achando bom por eles não poderem saber quem é devido a segurança da gente. Só por isso.

— Então nós vamos acabar com eles.

— Vamos, sim.

Capítulo 13

Os dias foram passando. Pedi demissão do meu antigo emprego assim que Bella recebeu alta da sua recuperação e comecei em uma das filiais de Pedro aqui no Brasil, a famosa Carll Systems, uma empresa responsável por criar sistemas internos para empresas.

Tenho uma sala somente para mim. A empresa funciona sem eu ter que ficar me preocupando com todos a cada minuto. Estou bem melhor. Não sei como minha vida deu essa reviravolta tão grande, mas de uma coisa eu tenho certeza: depois que Samanta surgiu em minha vida, tudo mudou.

Eu mudei, mesmo que não tenha dado passos muito longos, eu dei alguns que fizeram toda a diferença. Aquela diferença que eu precisava para sair do estado letárgico em que me encontrava.

Bella está ótima, parece que nem sofreu uma cirurgia há um mês e meio. Todos os dias, quando a busco na babá, ela está ainda mais alegre. E posso dizer que um pouco dessa alegria é por Samanta todo dia dar um beijo de boa noite nela.

Nunca quis dar esperanças a minha filha de ter uma segunda mãe, mas é impossível não permitir que Samanta faça esses pequenos agrados a ela. A felicidade de Bella é visível e o que um pai quer mais que tudo na vida? Ver sua filha feliz.

Mas não é só a felicidade de Bella que Samanta está trazendo para a minha vida novamente. Ela também está trazendo a felicidade para o meu ser. Estou me apegando mais rápido do que eu pensei que poderia me apegar. Depois de meses, consegui sentir interesse por uma pessoa que já demonstrou ser maravilhosa.

Uma pessoa doce, carinhosa. Estou adorando passar algumas horas do meu dia com ela. Seus ferimentos já melhoraram, mas o que me deixa melhor mesmo é saber que a família dela não irá a importunar mais. Eduardo foi questionado há algumas semanas sobre o relacionamento dos dois e ele disse que acabou. Até a mídia largou um pouco do pé de Samanta.

A única coisa que eles não sabem é que meu plano já está em prática. Todos os seus computadores já estão com um vírus espião, que observa todos

os passos que eles dão, por e-mail, contas bancárias e muito mais.

Ao conseguir me conectar aos computadores, as primeiras coisas que descobri foram algumas contas na Suíça, nas quais era guardado o dinheiro extraviado dos cofres públicos. O avô de Samanta está envolvido em tudo. Por isso sempre tentaram se manter juntos, para nenhum dos dois roubar menos e sim juntos.

Hoje é sexta-feira, e convidei Samanta para sair. Estamos nos dando bem e ainda não tivemos a oportunidade de aproveitar plenamente os nossos momentos juntos, pois sempre tenho que dividir a minha atenção com ela e Bella. Não quero que minha filha ache que eu estou a trocando por Samanta em momento algum; quero que ela continue gostando de Samanta.

Por isso, dona Matilde irá levá-la para dormir em sua casa. Liguei para ela e perguntei se ela poderia fazer esse favor a mim. Como ela ama a neta, aceitou no mesmo momento. Então agora estou reservando uma mesa em um dos restaurantes mais badalados de São Paulo. Sei que eu e Samanta demos o passo para nossa relação começar a fluir, mas hoje quero pedi-la em namoro para finalmente oficializar esse nosso romance, que começou de repente e que hoje já sinto que é uma das coisas mais maravilhosas que aconteceram na minha vida.

— Sim, para dois. — Pauso um momento, ouvindo a atendente passar as informações necessárias para fechar a reserva. — Ok. Muito obrigado!

Desligo o telefone e volto minha atenção para alguns documentos que estão dispostos em minha mesa; são documentos de autorização para o desenvolvimento de alguns aplicativos internos para as empresas contratantes dos nossos sistemas.

Quando termino de ler todos, autorizo alguns e cancelo outros. Na medida que leio esses documentos, vejo os que serão rentáveis para a empresa e alguns não trazem nada de interessante para o crescimento da Carll, então são excluídos do orçamento imediatamente.

— Sabrina, leve esses documentos para o Carlos. Estou indo embora, qualquer coisa estou no celular.

— Sim, senhor.

Sabrina é minha secretária. Extremamente eficiente, ela me ajudou no início, até me adaptar com as coisas.

Chego ao estacionamento e entro no meu carro; aproveito para mandar uma mensagem para Samanta, avisando que iremos sair. Logo dou

partida e saio em direção ao nosso prédio. Assim que chego, vejo que seu carro não está na sua vaga de costume. Samanta chega bem mais cedo que eu devido à sua carga horária ser menor na creche.

Começo a estranhar, pois ela também não respondeu minhas mensagens e ela sempre responde na mesma hora. Algo está errado.

Pego o celular e ligo para ela.

— Alô? — Sua voz assustada confirma que algo está errado.

— O que aconteceu? Onde você está? — A angústia toma conta do meu peito.

— Estou aqui no meu apartamento. — Posso perceber o choro em sua voz.

— Como assim, seu carro não está na vaga.

— Eu sei, sobe aqui para eu te contar.

Desligo o telefone sem nem ao menos esperar ela terminar de falar, nunca subi as escadas tão rápido. Quando chego em frente à sua porta, entro sem bater, pois já sabia que estaria aberta.

— O que aconteceu? — Encontro-a no sofá, tomando um copo de água.

Seu rosto está todo vermelho; a maquiagem dos olhos, borrada, e as lágrimas desciam por sua bochecha.

— Roubaram o meu carro! — Sento ao seu lado e a puxo para o meu colo.

— Como assim, roubaram o seu carro?

— Não sei. Estava no sinal e pararam dois caras em uma moto ao meu lado. O de trás desceu já apontando a arma para mim e falou pra eu descer. Assim que desci, eles levaram o carro. O meu celular estava no bolso do meu casaco e foi a única coisa que consegui salvar.

— Não fica assim, vivemos em uma cidade violenta. Isso acontece, meu bem.

— Eu sei, Caio. Mas a gente vem passando por tanta coisa, que parece azar. — Sua voz angustiada me entristece.

— O que importa é você estar bem. — Ela assente e beija meus lábios. — Você já resolveu as pendências com o seguro do seu carro, já fez o B.O. dos documentos? — questiono.

— Sim, tudo arrumado.

Olho em seus olhos amedrontados e meu coração se parte ao meio

mais uma vez. Quando penso que tudo irá melhorar, vem outra desventura da vida e nos faz dar um passo para trás.

— Ei, tenta não ficar tão assustada. Já passou.

Acalmo Samanta do jeito que posso, não sei nem como me portar nessa situação. Nunca sofri um assalto e não sei como deixar alguém confortável depois desse ocorrido.

— Vi sua mensagem de relance, você marcou um jantar? — A voz de Samanta é baixa.

— Sim, mas tudo bem. Deixamos para outro dia.

Ela levanta do sofá com o rosto inchado pelo excesso de lágrimas derramadas.

— Não. Eu não vou deixar isso estragar a nossa noite.

— Mas...

— Não, nós vamos. Vou me arrumar. Espero que quando eu estiver pronta, você também esteja. — Sorrio para ela e só consigo imaginar onde ela estava escondida esse tempo todo!

Saio do seu apartamento o mais rápido que posso. Separo uma calça jeans escura e uma camisa marrom de linho com manga cumprida – o frio em São Paulo deu as caras –, além de um sapato esporte fino. Tomo meu banho e me arrumo. Homem sempre é mais rápido para se arrumar do que as mulheres, por isso vinte minutos depois já estou no apartamento de Samanta e nem sinal dela. Olho-me no espelho que fica no corredor do seu quarto: estou elegante e vejo que meus olhos castanhos perderam a tristeza que sempre permeava neles.

Ouçó ruídos vindos do banheiro que fica no quarto de Samanta, mas não ousa me intrometer onde não fui chamado. É verdade que tenho uma vontade louca de espiar o seu corpo nu no banho, mas me contenho. Contento-me a ficar apenas com as lembranças daquela noite em que quase dormimos juntos, mas, como sempre, Eduardo nos atrapalhando.

Saio do corredor e volto a sala, perco-me em pensamentos diversos até que sinto o perfume adocicado misturado com floral se espalhar por todos os cantos, além de sentir também a sua presença antes mesmo de ela dizer algo. Ao me virar, deparo-me com a perfeição em forma de pessoa, uma obra de arte não chega aos seus pés.

Seus cabelos estão soltos e um pouco maiores do que quando a conheci, seu vestido preto, que vai até metade de suas coxas, realça sua pele

branca e o salto alto a deixa ainda mais perfeita.

— Gostou? — pergunta ela com sua voz doce.

Não respondo, mas caminho para perto dela. Coloco uma mão em sua cintura e a outra alisa seu rosto. Assim que ela fecha os olhos ao receber meu carinho, eu toco meus lábios nos seus. O beijo começa calmo, mas em questão de segundos está quente e agressivo. Nossas bocas se entregam a uma dança sensual, quase erótica.

Não contenho meus movimentos e desço minha mão para sua bunda, apertando-a com força. O gemido que sai dos seus lábios me deixa mais que animado: me deixa louco de tesão. No entanto, quando encosto o volume das minhas calças em seu corpo, Samanta se afasta.

— A gente tem uma reserva nos esperando. — Respiro com dificuldade e só assinto, pois por um momento fico sem palavras.

O sorriso diabólico que ela me lança só me prova o quanto ela consegue ser uma diaba e mesmo assim continuar com a fisionomia de um anjo. Ela sai porta afora rebolando e deixando-me para trás. Assim que a alcanço, digo:

— A propósito, amei o seu visual.

— Obrigada! — Ela pega minha mão e caminhamos em direção ao estacionamento do nosso prédio.

Vamos ver o que esse jantar nos reserva.

— Aqui é maravilhoso, adorei... — diz Samanta pela centésima vez.

Tenho que concordar com ela: o lugar é maravilhoso, extremamente aconchegante e a comida, divina. Não poderia ser diferente: o restaurante fica no décimo primeiro andar do primeiro prédio modernista de São Paulo, com uma vista ainda mais incrível da Praça da República e do centro da cidade. Entendo completamente seu encantamento com a arquitetura maravilhosa do restaurante.

Nesse momento, estamos esperando a sobremesa que Samanta pediu. Antes mesmo de escolher o nosso prato principal, ela já havia me dito que comeria a pavlova com creme de iogurte e mascarpone. Agora, depois de

termos nos fartado com a comida francesa, estamos esperando a tal sobremesa, e claro que Samanta está ansiosa ao meu lado.

Assim que o doce aponta do outro lado do restaurante, vejo seus olhos brilharem. Eu até gosto de doce, mas essa mulher é extremamente viciada. É como dizem por aí: as magrinhas são as que mais comem mesmo.

A sobremesa é posta à sua frente, e eu só peço para o garçom trazer a conta. Logo que ele sai, escuto o som de prazer saindo dos lábios de Samanta.

— Você precisa provar isso aqui. Não é possível que exista algo tão perfeito quanto isso.

Olho para ela e só posso imaginar tudo ao contrário. Existe perfeição, sim, e ela está à minha frente, com o canto da boca sujo de creme de iogurte. Eu me aproximo dela e digo:

— Existe sim. — Beijo o canto da sua boca, provando o doce que está nela. Tenho que concordar que é uma delícia, mas não me importo em momento algum com o doce e sim com ela.

Vejo-a ficar sem graça e não me importo; ela conseguiu mudar muita coisa em mim, principalmente o meu lado mais atirado. Já consigo tomar as decisões sozinho sem que alguém tenha que fazer algo por mim antes.

Espero longos minutos até Samanta terminar de comer o doce. Logo depois saímos do restaurante.

— Muito bom aqui, deveríamos fazer isso mais vezes — diz ela.

— Quando você quiser. — Sorrio para ela. — Quer estender a noite? — pergunto assim que entramos no carro.

— Estou exausta e ainda um pouco abalada com tudo que aconteceu hoje, acho que prefiro ir pra casa e assistir a um filme com você, ou até mesmo uma série. — Assinto e logo completo.

— Ótima ideia.

O caminho para casa é mais rápido que o esperado. Viemos o caminho todo cantando alguma música que tocava e eu não me lembro de ter me divertido tanto dentro de um carro como me diverti com a desafinação de Samanta. Meu Deus, ela é linda, mas não pode abrir a boca para cantar, pois

vai acabar deixando todo mundo surdo.

Saímos do carro e grudamos as nossas mãos, indo em direção a escada.

— Meu ouvido está doendo até agora, acho que você perfurou meu tímpano — implico.

— Nossa, que engraçado. Morri de rir — diz ela, dando um soco de leve na minha barriga com a mão livre.

Paramos em frente ao seu apartamento, e eu espero que ela encontre as chaves para podermos entrar. O plano é assistir a algo que não seja terror, pois Samanta odeia qualquer coisa assustadora. Assim que entramos, fecho a porta atrás de mim, tranco-a e, quando me viro, não tenho tempo nem ao menos de reagir: Samanta pula em meus braços, agarra meus cabelos e logo sua boca está sugando meus lábios.

Não penso muito; entrelaço suas pernas em minha cintura, encostando-a na parede ao lado da porta. Mordo seus lábios e volto a entrelaçar nossas línguas. Passo minha mão por suas pernas, subindo a barra do seu vestido. Assim que chego em sua bunda, percebo que ela veste uma calcinha minúscula.

Separo nossos lábios e minha respiração ofegante mostra o quanto estou necessitado dela.

— Você já estava com segundas intenções — afirmo, olhando seus olhos brilhosos.

— Eu preciso de você dentro de mim — sussurra, sorrindo em seguida diabolicamente.

Colo nossas bocas novamente, puxo seu corpo, colando-o ainda mais no meu, e carrego-a para o seu quarto. Vou sem ver o caminho e por sorte conseguimos chegar a cama sem esbarrar ou quebrar algo.

Deito-a na cama lentamente, sem desgrudar nossos lábios. Suas mãos sobem por minhas costas, levando minha blusa junto; tiro-a e a jogo longe. Samanta força o seu corpo, obrigando o meu a cair de lado e, o mais rápido que pode, ela está em cima de mim, tirando o seu vestido. Assim que o seu corpo fica livre da malha preta, seus seios nus aparecem, e agradeço aos céus por ela estar sem sutiã. Grudo minhas mãos em seus seios e os massajeio, fazendo seus mamilos se eriçarem.

Ela volta a me beijar enquanto massajeio seus seios, que são perfeitos com seus mamilos rosados.

Samanta desabotoa minha calça o mais rápido que pode, e a ajudo a tirá-la. Ela não se faz de rogada, já puxa a calça e minha boxer junto, para não ter demora. Volta a beijar minha boca com mais fúria e a única coisa que nos impede de estarmos conectados é sua calcinha.

Mas, surpreendendo ainda mais, Samanta se afasta de minha boca e desce seus lábios por meu peito, logo chegando na barriga e não para por aí... Quando chega no local de destino, desce seus lábios por meu membro, o que faz um gemido rouco sair da minha garganta sem permissão. Ela suga e passa a língua de forma compassada em meu membro, deixando-me ainda mais louco.

Acho que esperamos demais para conhecer nossos corpos por inteiro e agora que temos essa oportunidade, estamos famintos um pelo outro. Samanta sobe sua cabeça e olha diretamente para meus olhos. Sem conseguir controlar meu desejo, deito-a na cama e retribuo o carinho com meus lábios onde ela mais necessita, arranco sua calcinha de forma bruta e logo provo seu sabor.

Seus gemidos tomam conta do quarto, o que me deixa com ainda mais tesão. Assim que percebo ela liberar seu primeiro orgasmo, tiro minha boca de sua intimidade, voltando a chupar seus mamilos. Ouço quando ela abre a gaveta do criado-mudo que fica ao lado da cama, retira um pacote de preservativo e o abre rapidamente.

Paro de apreciar os seus seios, deixando que ela coloque o preservativo em mim, o que me deixa cada vez mais ansioso e cheio de tesão. Aproveitando minha posição, ela une nossos corpos em um só. Seus movimentos são lentos enquanto o seu corpo começa a reconhecer o meu. Nossos olhos não se desgrudam um segundo e, não aguentando mais a velocidade que ela está impondo, giro-a na cama e fico por cima novamente; já deixei seu lado dominante falar mais alto vários minutos, agora é a minha vez de mostrar o que posso fazer. A primeira estocada na nova posição é profunda, dura e cheia de vontade.

— Caio, eu nunca conheci alguém tão incrível como você — sussurra Samanta entre gemidos.

— Você é a parte incrível. — Continuo estocando mais fundo e grudo nossos lábios sem conter a necessidade de senti-los mais uma vez.

Com isso, finalizamos nossa noite, com muitos beijos, arranhões nas costas, gemidos, gritos de prazer e várias estocadas cada vez mais violentas,

que trouxeram momentos incríveis de prazer a nós dois.

O filme foi esquecido por algo melhor, foi deixado de lado para nos amarmos e me mostrar que agora eu quero Samanta para sempre, custe o que custar. Ela foi feita especialmente para me completar.

E a cada conexão do nosso corpo sinto que o meu sentimento por ela cresce desenfreado, e nesse momento, se eu usasse as palavras “eu te amo”, não estaria dizendo da boca para fora. É um sentimento real que tomou conta do meu corpo.

Capítulo 14

Recebo beijos em todo o meu peito, sinto braços me abraçando e o perfume que exala de Samanta faz eu perceber que não foi um sonho, que foi real. Samanta está beijando meu rosto e mordiscando minha orelha de tempos em tempos.

— Bom dia, dorminhoco — diz ela.

Abro os olhos lentamente e vejo a visão do paraíso: ela está com seus cabelos revoltos e o rosto ainda um pouco amassado devido ao sono, mas não deixa de ser extremamente sexy.

Muitos dizem por aí: *nossa, como podem mentir tanto falando que uma mulher é sexy ao acordar?* Ah, se todos que falam isso soubessem como é prazeroso ver a mulher com cabelos revoltos e o rosto de sono, mostrando que você passou a noite com ela e lhe deu prazer uma boa parte dessa noite...

— Dormiu bem? — pergunto, abraçando-a e beijando seus lábios levemente.

— Como não dormia há muito tempo. — Samanta beija meus lábios e volta a acariciar meu corpo.

— Tô com vontade de ficar a manhã inteira aqui, abraçadinho com você.

— Nossa, assim você me deixa morrendo de vontade. Uma pena que a manhã já acabou, mas podemos passar a tarde assim, coladinhos um no outro.

— Como assim, a manhã já acabou?

— Bom... Já são uma da tarde.

— Meu Deus, eu tenho que buscar a Bella! — digo, levantando-me rapidamente. Olho para Samanta. — Você quer vir?

— Pensei que você não ia perguntar — diz ela, levantando tão apressada quanto eu. — Ah, mas antes vamos tomar banho juntos.

— Uma proposta irrecusável.

Já ouvi dizerem por aí que, quando está calmo demais, tudo tende a piorar, mas eu não imaginava que seria tão rápido. Assim que saímos para o corredor, encontramos o jornal da cidade, cuja capa era uma foto enorme do jantar que Samanta e eu dividimos ontem, de um momento que nos beijamos, mas a manchete é muito pior do que a imagem mostrando o nosso momento íntimo.

Samanta Lins é vista com o pivô de sua separação!

— Como eles têm a coragem de fazer isso?! — esbraveja Samanta pela milésima vez desde que entramos no carro. — Você não é culpado de nada. Por que eu não tenho paz, Caio?! Por que meus pais tinham que morrer e me deixar com essa família maluca, que só faz estragar minha vida?

Paro o carro no acostamento no momento que Samanta começa a chorar.

— Samanta, para com isso, meu bem, não fica assim. Não deixa isso te atingir dessa forma. — Seguro seu rosto e limpo as lágrimas que deixam suas bochechas manchadas devido a leve maquiagem que ela passou.

— Eu quero que tudo fique em paz, e eles não me deixam, Caio. A mídia às vezes consegue ser pior do que minha família. Os pais dos meus alunos já não querem que eu dê aula para os seus filhos devido ao tanto de notícia em que meu nome apareceu nos últimos meses. Como que vou fazer agora, com mais uma?

Encaro seus olhos sem saber o que falar. Infelizmente ela é muito conhecida para eu tentar apagar essa imagem que todos têm dela. Se eu pudesse, mudaria tudo e a deixava longe dos holofotes, mas infelizmente a mídia é um monstro e sempre está atrás de uma fofoca; nesse momento, eles estão focados em Samanta e no seu término com Eduardo. Mesmo que tenha passado alguns meses, eles ainda fazem de tudo para a notícia se tornar interessante e chamar mais atenção de alguém.

— Fica calma. Por que você não me contou o que estava acontecendo na creche? — indago, afinal ela pretendia me contar sobre isso quando?!

— Não veio ao caso. Você está focado em descobrir os podres da minha família e eu não queria te ocupar mais ainda com os problemas que estão acontecendo em minha vida.

— Você deveria ter me contado, Samanta, você não precisa me

poupar do que está acontecendo na sua vida. Se eu estou enfrentando toda essa barra, é porque eu quero estar ao seu lado e te ver bem. Então não omita as coisas de mim.

— Não foi minha intenção. — Ela suspira e volta seu olhar para o meu. — Desculpa.

— Tudo bem, só não faça isso de novo; de mentiras já basta o relacionamento que tive com Élis. — Acaricio seus cabelos e continuo: — Sobre os pais dos alunos, infelizmente não está ao nosso alcance isso, mas eu tenho certeza que tudo dará certo.

— Eu vou acreditar em você!

— Que bom, agora eu vou ligar o carro e vamos continuar o nosso caminho sem pensar nos babacas dos paparazzi. Ok? — Continuo encarando seu olhar até ver sua expressão relaxar.

— Ok! — Ela lança um sorriso frágil em minha direção e isso basta no momento.

Estaciono o carro na porta da casa de dona Matilde. Assim que descemos, Samanta segura minha mão. Adoro quando ela faz isso, é como se o seu corpo estivesse conectado ao meu e mostrasse ao mundo que não podemos viver sem ter o toque do outro sobre o nosso corpo.

Dona Matilde abre a porta assim que tocamos a campainha. Ela sorri para mim e para Samanta, mas percebo que olha intrigada para Samanta, principalmente ao nos ver de mãos dadas. Acho que para ela é uma surpresa, afinal tenho quase certeza de que ela sempre imaginou que, por causa de minhas limitações, eu nunca arrumaria ninguém depois de sua filha.

Assim que ela nos convida para entrar, Bella nos vê e sai correndo com seu corpinho fofo em nossa direção. Ela abraça Samanta, que se abaixa e a pega no colo.

— Oi, anjinho, estava com saudade.

— Eu também, fiquei sentindo falta do seu beijinho de boa noite.

— Ah, meu amor, hoje eu juro que te conto uma história e te dou um beijo grandão de boa noite, tá bom?

Bella assente e volta para os brinquedos espalhados pela sala da casa dos avós.

— E o seu Alfredo? — questiono ao sentir a ausência do avô da minha filha.

— Ele teve que ir a Santos, resolver um problema na fábrica. — Assinto,

compreendendo sua ausência: a fábrica de móveis que a família de Élis possui sempre foi a prioridade de Alfredo. — Caio, você pode me acompanhar até ao meu escritório para conversarmos em particular? — Saio dos meus pensamentos com a pergunta de dona Matilde.

Ao término de sua fala, Samanta dá um sorriso amarelo, assentindo para eu ir.

Caminhamos para o escritório e, assim que sento na poltrona, dona Matilde começa a falar com calma. Ela sabe que não pode se exaltar comigo, pois odeio ser pressionado e se eu sentir em algum momento que ela está tentando me oprimir, posso ter um dos meus ataques nervosos e como já tem tempo que não tenho um desses, peço a Deus mentalmente para ela não destravar essa comporta que há muito tempo fechei.

— Caio, meu querido, quem é aquela moça? — Sinto o sarcasmo em sua voz.

— Ela é Samanta, como eu havia falado para você ontem pelo telefone, dona Matilde.

Não entendo seu questionamento, afinal ela não tem que saber nada da minha vida.

— Caio, você viu como Bella está próxima dela?

— Vi sim e adoro vê-las se dando tão bem. — Não sei se foi o que eu disse, mas dona Matilde se exalta, fazendo meu nervosismo aumentar.

— Não podemos deixar isso acontecer! A Bella já passou por muitas perdas em pouquíssimo tempo! Se essa garota for embora, ela não vai aguentar. Você precisa dar um fim a esse relacionamento...

— Dona Matilde, Samanta não é como Élis — falo, tentando me controlar.

— A minha filha foi uma irresponsável, Caio, entendo que você possa se relacionar com outras pessoas, mas nós nem conhecemos essa moça, ela pode fazer mal a minha neta e você já está a levando para dentro da sua casa...

Ela continua falando, mas eu já não escuto mais, não consigo, pois o seu nível de estresse me deixa nervoso, fazendo com que eu rompa a barreira que estava controlando.

Foram muitos acontecimentos nos últimos meses e eu consegui suportar forte, mas eu precisava só de mais uma gota para transbordar e a fala de dona Matilde, mesmo que não seja nada demais, fez com que a gota que faltava caísse.

Tento controlar, mas não consigo, é mais forte do que eu. Queria ser como alguns autistas que já conheci, que davam conta de controlar seu emocional e só tinham crises dentro de casa. Eu, pelo contrário, sempre tive meus momentos na frente da sociedade julgadora.

Percebo que ela para de falar assim que vê que coloco a mão nos ouvidos, tentando fazer com que tudo pare. Está tudo conturbado; pensamentos do passado, presente e até mesmo o que pode acontecer no futuro...

— Para, só para, para, só para... — sussurro, balançando meu corpo para frente e para trás.

Não sei como, mas alguns segundos depois eu caio no chão e fico balançando meu corpo. Eu posso ter um autismo mais controlado do que muitos autistas, mas dependendo de tudo que acontece, até o mais controlado tem os seus momentos de crise.

Não consigo me conter; continuo sussurrando coisas incompreensíveis e começo a socar minha cabeça, pois sinto que essa é a melhor forma para extravasar meu nervosismo. Minutos depois, sinto uma mão afagar minha cabeça, passando-me tranquilidade. Essa mesma pessoa levanta minha cabeça e a deita em seu colo sem deixar de tentar me passar tranquilidade.

Aos poucos, deixo de sussurrar as palavras e paro de me movimentar; direciono poucos socos aos meus ouvidos, mas sou impedido pela pessoa amorosa. Minha respiração volta ao normal e meu coração vai se acalmando. Paro minha mão no meio do caminho, cessando com os socos.

Ao perceber que minha salvadora é Samanta, abraço sua cintura. Seus afagos em meus cabelos fazem com que meus olhos se encham de lágrimas e logo as deixo escorrer, caindo em uma devastação profunda de soluços e lágrimas.

— Fica calmo, meu amor, está tudo bem. Não precisa chorar. — Suas palavras doces fazem com que mais lágrimas escorram de meus olhos.

Eu nunca quis ter tido uma crise em sua frente, mas, infelizmente, às vezes não consigo controlar meus instintos. A vergonha toma o meu corpo e sou dominado pelo medo de ser desprezado pela única pessoa que me quis mesmo com todas as barreiras que enfrento.

— Desculpa. — É a única palavra que consigo pronunciar depois de longos minutos.

— Não precisa me pedir desculpas, meu amor. Tá tudo bem, não aconteceu nada. — O beijo que Samanta me dá no alto da cabeça serve para

que o medo de perdê-la deixe meu corpo, fazendo com que eu me sinta mais leve.

Sento-me no chão e fico de frente para Samanta. De repente, fico inseguro de olhar em seus olhos e encontrar o desprezo, ou até mesmo a vergonha, mas ela faz o improvável e levanta meu queixo, fazendo com que meus olhos se foquem nos seus, que parecem pérolas negras e brilhosas com o seu castanho escuro. Eu consigo, mesmo que por alguns segundos, soltar um leve sorriso para tranquilizar a ela e a mim mesmo.

O olhar dela, diferente do que Élis já me direcionou nesses momentos, é de pura compreensão e amor. Não resisto e abraço Samanta, tentando mostrar a ela como foi importante tudo que ela fez por mim nesses poucos minutos.

Depois de tudo que passei hoje e Samanta ter continuado ao meu lado, eu consigo chegar a uma conclusão: eu realmente a amo. Esse sentimento veio ainda mais rápido por Samanta. Eu sinto que daria minha vida para ela, só para vê-la feliz.

Dona Matilde se desculpou de todas as formas, mas eu não a culpo por ter se exaltado ao se preocupar com os sentimentos de Bella. Entretanto, os incansáveis pedidos de desculpas já estavam me deixando nervoso novamente.

Por isso, saí de lá o mais rápido que pude. Samanta pediu para voltar dirigindo, coisa que a deixei fazer, pois eu ainda não sabia como estavam meus pensamentos para dirigir.

— Papai! — chama Bella em sua cadeirinha no banco de trás.

— Sim, meu amor? — respondo, olhando-a.

— Quero pizza. — Ela me lança um sorriso lindo e não tem como recusar nada a ela com toda a felicidade que só o seu rosto demonstra.

— Então, próxima parada, pizzeria.

Bella faz algazarra no banco de trás, e nós começamos a rir de suas artimanhas para me agradecer pela pizza. Sinto que, depois de todas as lamentações desse dia, finalmente poderemos curtir o sábado sem mais interrupções.

Samanta e eu juntamos nossas mãos e sorrimos um para o outro. Acho que agora realmente encontrei minha metade do paraíso, minha garota apaixonada, meu tudo, meu infinito.

Capítulo 15

— Precisamos conversar — diz Samanta assim que coloco a Bella na cama.

Sua expressão séria faz meu coração disparar. Só consigo imaginar que entendi tudo errado e, mais cedo, ela não gostou de ver minha reação, de me ver perder o controle.

Sento no sofá e abaixo minha cabeça; de repente sinto-me muito exausto para ficar em pé e encará-la. Sei que a palavra “fim” está perto de sair de sua boca e não sei se estou preparado para aguentar tudo que pode vir daqui para frente. Posso estar sendo um pouco dramático, mas Samanta já se tornou algo especial em minha vida, e não pretendo ficar sem ela nunca mais.

— Caio — chama ela e se ajoelha em minha frente, tornando impossível meu olhar não encontrar o seu. — Por que você está assim? Eu só quero conversar. Não precisa ficar assim, amor.

Não consigo me manifestar, minha garganta está fechada. Até tento pronunciar algumas palavras, mas não consigo. Sua mão pousa em minha bochecha, fazendo eu sentir o seu toque extremamente reconfortante.

— Caio, eu percebi como você ficou hoje quando conseguiu controlar as suas emoções e instintos. E eu não sei por quê, mas me senti na obrigação de falar algumas verdades a você.

Eu ainda não respondo, e Samanta continua:

— Eu não sou ela. Eu não sou aquele monstro da sua ex-mulher, que abandonou a própria filha e que teve a capacidade de abandonar um homem tão bom quanto você. *Eu não sou ela*. Eu nunca te julgaria por ter perdido o controle, eu nunca teria nojo de você nem nada do tipo, principalmente por saber que em alguns momentos você não irá conseguir controlar seus sentimentos, por tudo ficar embaralhado na sua mente, fazendo você ficar como hoje. Eu sou a pessoa que preferiu abandonar uma família fodida de várias formas pra ficar ao seu lado, pra estar aqui nos momentos que você precisar, como hoje. Eu tô aqui pra provar a você que posso ser melhor do que aquele lixo que te deixou. Não gostei da forma que você me olhou hoje, quando se controlou, como se eu fosse ter raiva de você por aquilo ter

acontecido. Eu nunca teria. Eu sempre vou ficar como fiquei: ao seu lado, tentando te acalmar. Sabe por quê?

Quando ela pergunta, só consigo negar com a cabeça.

— Porque eu estou apaixonada por você. Porque, desde que te vi pela primeira vez, senti algo diferente surgir dentro de mim. No começo, não era amor, era só atração, mas se tornou amor no momento que vi o cara maravilhoso que você é, que cuida de uma criança sozinho, mesmo tendo várias limitações. Caio, esses meses junto com você só me fizeram ver o quanto quero fazer parte da sua vida e da Bella. Então, nunca mais pense que irei te abandonar por você ter uma síndrome de autismo. Eu te amo, Caio, e aceito você com todas as suas limitações, aceito a sua filha maravilhosa e só peço que você aceite as minhas limitações. Eu não sou perfeita, ninguém é, mas se você me aceitar, estou disposta aceitar tudo que vem de você.

Não sei quando consegui começar a pronunciar as palavras novamente, não sei quando minha garganta destravou, mas sei que foi como um lampejo do nada e as palavras saíram de minha boca:

— Quando te conheci e vi tudo que você passava, me senti péssimo e ao mesmo tempo com ódio por você permitir que aquelas pessoas te machucassem tanto. Não sei também quando meu sentimento por você começou a mudar, mas hoje eu vi que eu também te amo, Samanta. Eu moveria o mundo pra te deixar feliz. Estava morrendo de medo de você terminar tudo por causa do que aconteceu hoje. Eu não saberia seguir adiante se você me abandonasse. Eu te amo, Samanta, e aceito as suas pequenas limitações, e eu agradeço por você me amar...

Mal termino de fechar minha boca, e Samanta pula em cima de mim. Ela senta em meu colo e sela seus lábios nos meus, beijando-me de forma apaixonada, aquele beijo lento que demonstra o sentimento de paixão que estamos sentindo nesse momento. Aquela dança lenta de lábios e língua se amando e prometendo que cada beijo a partir de hoje será ainda melhor. Passo as mãos por sua cintura, continuando o beijo, que muda seu ritmo e se torna urgente.

Meus lábios descem por seu pescoço, fazendo sua pele se arrepiar; ela morde o lóbulo da minha orelha, soltando um leve gemido assim que chupo seu pescoço.

— Caio — sussurra Samanta ao mesmo tempo que geme. — Vamos para o quarto.

Continuo descendo meus lábios por seu pescoço e logo subo eles para dar uma leve mordiscada em sua orelha.

— Caio. — Samanta me empurra. Olho em seus olhos cheios de luxúria e ela continua. — Vamos para o quarto agora.

Quando deixo o raciocínio atingir minha mente, lembro-me que tem uma criança que pode acordar a qualquer momento e ver a cena que estava prestes acontecer.

Sem dizer nada, pego Samanta em meus braços e a levo para o meu quarto, fechando a porta para termos privacidade.

Em questões de segundos estou arrancando suas roupas. Ela arranca as minhas e nos amamos de forma urgente, desesperada, de um jeito delicioso, da forma que faz nossos corpos demonstrarem o amor necessário. Ela me ama e isso é surreal. Como alguém tão perfeito pode amar alguém tão imperfeito?

Tudo acontece como se fosse em câmera lenta; vejo-a olhar nos meus olhos, passar a língua por sua boca... De repente sinto o seu corpo tremer até seu prazer ser liberado, enquanto estoco mais uma vez bem fundo dentro dela. Samanta solta gemidos baixos para não acordar a pequena criança que dorme no quarto ao lado. Logo sinto o prazer passar por todo meu corpo, até ser liberado por completo dentro dela.

— Eu te amo — digo, beijando sua boca.

Ela sorri levemente. Beijo-a mais um pouco, e várias vezes, pois a boca de Samanta se tornou meu novo vício, além do seu corpo colado ao meu. Consumimos o nosso amor mais uma vez e logo depois, esgotados, dormimos abraçados.

Nunca pensei que poderia amar novamente, mas Samanta me prova a cada dia que ela é melhor que Élis. Ela é perfeita em todas suas formas, e eu a amo.

Sinto o cheiro de bacon e café vindo da cozinha e sorrio; há muito tempo não me sentia tão bem tratado. Escuto as vozes ressoarem pela casa. Levanto-me e visto uma bermuda para ver o que essas duas estão aprontando.

— Aí eu queria fazer um bolo pra ele.

— É mesmo, Bella? Então a gente vai fazer, com muito brigadeiro.

— Oba, você é a mais fofa, Sami. — Samanta gargalha.

— Meu amor, a única fofa aqui é você e eu faria tudo por você, tá bom?!

Meu coração para uma batida ao ouvir tanto amor direcionado a minha filha. Onde essa mulher estava, meu Deus? Porém, nada me preparou para o que veio a seguir.

— Eu queria que você fosse minha mãe, você não ia me deixar igual ela, né, Sami?

Samanta engasga com alguma coisa que estava em sua boca. Depois de algum tempo, ouço-a limpar a garganta e escuto com atenção o que ela vai falar.

— Olha aqui, minha pequena princesa, eu amo você e adoraria ser sua mãe. Você me aceitaria como mãe se tudo der certo entre seu pai e eu?

— Sim, eu quero você como mãe, Sami! — Bella dá um gritinho e continua: — Posso te chamar de mãe?

— Vamos ver o que seu pai acha, mas se ele não se importar, claro que vou adorar que você me chame de mãe. Eu já te considero a minha filha — diz Samanta com a voz embargada, e eu não estou muito diferente, pois as lágrimas escorrem por meu rosto e eu desisto de aparecer na cozinha nesse momento.

Não tenho condições de fazer uma entrada triunfal do jeito que estou nesse momento, por isso volto para o quarto e logo vou para o banheiro tomar um banho e acalmar meu coração.

Eu deveria ter conhecido Samanta antes de ter conhecido qualquer mulher na minha vida; eu deveria ter encontrado uma mulher tão perfeita como a Samanta anos atrás, mas se o destino quis que fosse assim, eu aceito. Afinal, tudo tem um propósito e se esse é o caminho que eu deveria traçar, tudo bem, o que importa é que ela está comigo nesse momento.

Depois do banho e de me recompor, volto para a cozinha, onde as duas estão preparando um bolo sujas de farinha. É lindo vê-las tão unidas.

— Olha quem acordou, meu amor, o papai! — Samanta sorri pra mim e eu retribuo.

Fico apreensivo com o que o destino nos reserva, mas mesmo assim estou extremamente feliz por ela estar aqui e agora.

— Papai, já que você e a Sami *tá* namorando, eu posso chamar ela de mãe?

Bella mal espera eu a pegar no colo para soltar a bomba. Olho para Samanta e a vejo corar. Ela abaixa a cabeça e sei que é por medo de eu recusar a proposta indecente de Bella.

— Minha pequena, a Samanta é a mãe que todos iriam querer ter, então é claro que pode chamar ela de mãe. Mas antes eu tenho que saber, você aceita ela com o papai?

— Claro, ela é uma fofa. — Ela estende os braços para Samanta, que a pega rapidamente, olhando-me com os olhos repletos de lágrimas. — Agora, Sami, você é minha mamãe.

— Sim, eu sou. — As lágrimas escorrem pelo rosto de Samanta. Eu me aproximo delas e as abraço. — Eu amo vocês.

— E eu amo vocês — digo, todo orgulhoso do que se transformou minha vizinha, que chegou meio tímida e misteriosa, mas que foi a única que me fez enxergar o algo bom que a vida reservara para mim.

Às vezes pensamos que nossas vidas já estão com os finais traçados e que não poderemos mudar esse fim. Minha vida mudou completamente ao conhecer Samanta, e mesmo eu tendo odiado Élis no início, hoje eu não a odeio mais, pois foi graças a sua fuga com seu amante que eu pude conhecer Samanta completamente e me apaixonar por ela.

Se não fosse por Élis, eu estaria vivendo a monotonia de sempre, mas a agradeço por ter desgraçado a minha vida, para aí eu achar a razão de ter vindo ao mundo. O meu sentido sempre foi Samanta, e o destino não deixa de me surpreender a cada dia.

É hoje.

Hoje é o grande dia de desmascarar aqueles canalhas que vêm roubando do estado de Minas e pretendem roubar muito mais ao ganhar a próxima eleição. Já estamos vivendo o caos em tudo, com tantas crises e pessoas desempregadas... Não posso permitir que isso continue.

Tracei meu plano há um mês. Eles nunca desconfiarão, está tudo minimamente planejado para não ter brechas que liguem a mim.

Olho novamente para Samanta, com o seu corpo nu em minha cama. É tão perfeita, todos os seus detalhes delicados me encantam. Não sei como alguém tão perfeito pode querer ficar ao lado de alguém tão fodido como eu. Alguém que sofre com o espectro do autismo, alguém que às vezes pode ter

uma crise e levá-la a passar vexame em público, alguém tão quebrado e que, mesmo assim, ela resolveu pegar cada caco meu e colá-los com seus lábios, corpo e alma perfeitos.

Samanta se move na cama, e isso me chama atenção para sua bunda empinada; ela tem uma pinta de tonalidade marrom na nádega direita, que tem formato de coração, e uma marca não poderia ser tão maravilhosa como é para ela. Aproximo-me da cama e dou um beijo em cima da marca, até que ela se vira com seu olhar sonolento para mim.

— Não sabia que estava acordado tão cedo.

— Tenho que ir para o trabalho. — Tento desviar o olhar do seu, pois é como se ela me desnudasse com seu olhar perspicaz.

Ela se sentou na cama e cruzou os braços em frente aos seios nus, tapando minha visão daquela perfeição. Abriu a boca pra falar algo, mas viu uma das minhas camisetas jogada no chão; pegou e a vestiu, para só então começar a falar:

— Vai ser hoje?

Não disse nada por alguns minutos. Não queria revelar que executaria os planos para desmascarar sua família hoje, mas depois da sua pergunta, eu não conseguiria mentir. Assenti, abaixando os olhos.

— E você não pretendia me contar? Ia me deixar sozinha com a Bella sem ao menos dizer para eu tomar cuidado com a sua filha? Você ficou maluco, Caio?

Suas palavras começam a fazer sentindo em minha mente, e percebo o quanto poderia colocá-la em risco, junto com minha filha, por deixá-las desamparadas e nem avisadas do que poderia acontecer.

— Desculpa, eu pensei que seria melhor não te avisar, para não te deixar preocupada — digo, cabisbaixo, sem ter coragem de encará-la.

— Para não me preocupar, mas o que foi que combinamos quando você colocou essa ideia na sua cabeça? Que era pra você me manter informada de tudo e que não colocaríamos a Bella em risco. Pelo amor de Deus, Caio. Como você pôde cogitar não me contar?!

— Eu sei, é só que eu pensei...

— Não tem nada que pensar. Eu vou tomar um banho rápido, arrumar a Bella e ir com você para onde você for. Pois eu não vou ficar sozinha com ela sabendo muito bem do que minha família é capaz se eles ao menos pensarem que foi você que fez tudo isso.

Dizendo isso, ela sai para se arrumar e partimos juntos para a empresa.

Samanta

Observo Caio e Pedro – que voltou do Canadá para ajudá-lo com todo o plano – mexendo nos computadores e jogando toda a sujeira da minha família na internet, o *hotsite* – que é um site que expira em poucos dias – está denominado como *Dossiê Políticos Lins e Marcorio, a Escória da Sociedade*. Ao ler o que imprimiram para mim, percebo que uma lágrima escorre por minha bochecha.

Caio mandou anonimamente todos os arquivos que estou lendo para uma emissora famosa do país, o que piorou ainda mais a vida da minha família.

Bella está brincando em um canto do escritório e tento evitar que ela veja minhas lágrimas, não quero deixá-la confusa. Ela já está em um turbilhão de emoções com todas as mudanças que estão acontecendo em sua vida.

Não sei como topei essas loucuras do Caio, mas sinto tanta confiança no que ele diz, que não me arrependo do que estamos fazendo.

A TV, presa na parede esquerda do escritório, está ligada e, nesse momento, a vinheta do plantão de urgências – da emissora que recebeu o dossiê – toca. Com isso, eu sei que o nome Lins começará a cair e mesmo que eu esteja fora disso, sei que o peso também penderá para o meu lado.

Uma denúncia feita anonimamente revela que Abelardo Lins e Eduardo Marcorio estavam envolvidos em todos os esquemas de lavagens de dinheiro do Governo de Minas Gerais. Os denunciantes também liberaram um site em que constam vários fatos que incriminam as famílias políticas...

Desliguei minha mente para não ouvir mais tudo que eu já sabia. Fui para perto de Bella e continuei a observá-la brincar com seu unicórnio de pelúcia. Estou há pelo menos uma hora observando Bella brincar

inocentemente quando, ao fundo, escuto um celular tocando e, alguns minutos depois, percebi ser o meu. Aproximei-me de minha bolsa e peguei o aparelho. Quando chequei o visor, meu coração gelou. Era Eduardo. Depois da última aparição dele em minha vida, ele havia desaparecido e agora retornava para me fazer temer atender e ele dizer algo de como: *eu sei que foram vocês*.

Olhei para Caio por um momento e ele, percebendo o meu desespero, aproximou-se. Ao ver o que estava escrito na tela do celular, ele o tomou da minha mão e recusou a chamada. Eu temi por algo pior; Eduardo nunca gostou de ser ignorado. Por isso, quando ele continuou ligando, fiquei mais desesperada.

— Alô — atendi por fim. Não consegui evitar, mesmo que Caio não concordasse.

— Nossa, pensei que nunca atenderia essa porcaria de celular. — A voz ríspida de Eduardo saiu pelo alto-falante do telefone. Mas eu não abaixei minha cabeça como sempre.

— O que você quer? — perguntei simplesmente.

— Bom, não sei se você viu na TV, mas seu avô e eu tivemos uns probleminhas com algumas mentiras.

Meu sangue gelou, mas tentei manter a minha voz serena para que ele não percebesse nada.

— Não vi.

— Nem veja, está cheio de *fake news*, mas não foi por isso que te liguei. — Senti meu corpo relaxar instantaneamente, mas logo veio o balde de água fria. — Samanta, a coisa é séria. Seu avô não aguentou a pressão e teve um infarto.

Eu tinha muita raiva do meu avô por permitir que Eduardo fizesse tudo o que fez comigo, mas nunca desejei o seu mal. Ele e minha avó são os únicos parentes vivos que eu tenho, e saber que algo ruim aconteceu com ele fez minha voz sair entrecortada no telefone.

— Co... como?

— É, querida, ele está internado aqui no Albídio Cruz, mas os médicos já disseram que é quase impossível ele sair dessa. Então mesmo que você não queira, você deveria vir para Minas. — Ele nem espera eu tentar saber algo mais e desliga o telefone.

Sei o mal que toda minha família fez, mas mesmo assim o choque foi

demais para mim. No entanto, antes de confiar plenamente na palavra de Eduardo, entro nos sites de notícias pelo meu celular e eles confirmam que meu avô está no hospital.

Olho para Caio. Antes que conseguisse pronunciar qualquer coisa, desabei em um choro dolorido, daqueles que até a alma chorava. Não dei conta de segurar para Bella não ver e, assim, quando Caio me abraçou para saber o que tinha acontecido, ela também veio me abraçar e enxugar minhas lágrimas com suas pequenas mãos gordinhas.

Eu podia estar destruída, mas Bella e Caio me davam forças pra continuar. Eu não merecia essa família tão boa, mas algo fez com que nos uníssemos e agora eu nunca me separaria deles, mesmo que meu avô morresse. A culpa não foi de Caio, e sim do meu próprio avô. Então agora, antes de comprar uma passagem para Minas, eu só precisava do abraço do homem que amei assim que coloquei meus olhos nele. O homem da minha vida, meu pequeno pedaço de vida, meu Caio.

Capítulo 16

Mesmo depois de todos os pedidos de Samanta para eu ficar com a Bella em São Paulo, eu estava aqui, ao seu lado, no hospital em Belo Horizonte. Sua avó não quis nem ao menos se aproximar de nós e nos olhou com nojo. Nada muito diferente de Eduardo, que estava me olhando com ódio por estar com os braços ao redor de Samanta.

O doutor Marcelo, que está cuidando do caso de Abelardo, aproxima-se com seu sorriso gentil. Não gosto de hospitais, eles me lembram coisas ruins e isso me deixa angustiado. No entanto, estou aqui por Samanta, então nesse momento ela vem em primeiro lugar e os meus problemas podem ficar de escanteio.

— Boa noite! — diz o doutor. — Então, o caso do seu Abelardo é grave, como eu já havia dito. Como ele está na UTI, não poderá receber visitas, por isso eu aconselho vocês a irem para casa. Qualquer mudança no quadro dele, o hospital entrará em contato.

— Mas, doutor, eu preciso ver o meu marido... — A avó de Samanta chora, abraçando Eduardo. Eu deveria sentir pena, mas não sinto, afinal, para cada ação tem uma consequência.

— Eu entendo, trago notícias assim que ocorrer alguma mudança. — Falando isso, ele partiu.

— Samanta, acho melhor irmos para um hotel — sussurro em seu ouvido.

Ela assente e começa a se virar para ir embora, até que aquela voz esguia de dona Maria Clara saiu da boca de cobra que ela tem.

— Você nem devia ter vindo, sua imprestável! A culpa de Abelardo estar assim é sua! Você só trouxe desgosto pra essa família ao ficar com esse inútil!

Não sei de onde saiu aquela Samanta, lembro-me de ver essa atitude uma única vez: quando ela bateu em Élis.

— Olha aqui, vó. — Ela chegou bem perto da senhora, que deu um passo atrás, e falou em um tom baixo para não atrapalhar o funcionamento do hospital. — Os únicos inúteis que existem aqui são vocês. Eu vim aqui,

porque, mesmo que só lá no fundo, eu ainda os considero minha família. Mas já que é tão importante para você que eu não esteja aqui, eu vou embora. Eu não deveria ter vindo, afinal, o único que importa para vocês é ele, o grande ladrão que ajuda vocês a roubarem Minas Gerais. A culpa não é minha por ele estar assim; é dele mesmo por ser um corrupto, que apoia ainda mais roubos vindos desse outro bandido ao seu lado. Eu pensei que poderíamos deixar as nossas diferenças de lado, mas percebi que não. Então passar bem, estou voltando para onde eu nunca devia ter saído.

Samanta marchou para fora do hospital comigo em seu encalce. Assim que chegamos ao lado de fora do hospital, os flashes dos paparazzi dispararam. Alguns repórteres se aproximaram querendo alguma palavra de Samanta, mas ela nem ao menos olhou para eles. Partiu em direção ao carro no estacionamento, e eu logo destravei a porta para ela entrar.

— Para onde, meu amor? — perguntei assim que entramos no carro.

— Sabe, ainda bem que não trouxemos bagagem, essa gente não vale nem o valor pago para despachar a bagagem. Eu quero ir para São Paulo — respondeu com os olhos rasos de lágrimas, e isso fez com que meu coração doesse.

— Eu não quero ver você assim, não por causa deles. Eles não merecem uma lágrima sua, então, por favor, não chore.

— Eu não estou chorando por eles, estou chorando de ódio por ter o sangue deles em minhas veias. Me tira daqui. Vamos devolver esse carro e ir embora.

Assim, eu dei um beijo leve em seus lábios e partimos para o aeroporto.

Chegamos em São Paulo de madrugada. A Bella estava com dona Matilde, então preferi deixá-la até o amanhecer com os avós. Levei Samanta para o meu apartamento e, depois de um longo banho, nos deitamos.

Estava tudo muito calmo, e eu não sei se gostava dessa calmaria. Depois da denúncia, eu jurei que a bomba estouraria da pior maneira, mas não, o avô de Samanta enfartou.

E Eduardo aceitou tudo muito bem. Será que ele desconfia que tenha sido eu?!

Não quis contar os meus pensamentos para Samanta, por isso deixei ela dormir e continuei pensando nos prós e contras de tudo que eu tinha feito.

Sem conseguir ficar parado, sento-me na cama, sem sono. Ainda são quatro da manhã, mas o cansaço de toda a viagem ainda não bateu. Talvez seja por causa do autismo, mas no momento quero fazer milhões de coisas, menos dormir.

Pego meu notebook e saio do quarto para que a luminosidade não acorde Samanta. Sento no sofá e ligo o computador. Assim que está tudo pronto, começo a acessar todos os portais de notícias. Alguns falam sobre o escândalo das famílias Lins e Marcorio; outros, sobre a internação do avô de Samanta e sobre seu estado crítico. Alguns simplesmente julgam Samanta por ter ido embora do hospital, deixando a família, com o pivô de sua separação com o candidato Eduardo.

Toda vez que leio algo assim tenho vontade de extravasar minha raiva de alguma maneira, mas como? Quando a raiva se apossa de mim, sinto o controle que tenho sobre a minha condição se perder; acabo tendo crises que me deixam extremamente mal depois, pois fica claro que eu nunca terei liberdade suficiente para sentir raiva sem piorar, sem ter pequenos ataques.

Ser autista não é fácil. Eu até tento me mostrar forte, mas é uma luta constante para manter o controle. Não podemos ser julgados incompetentes só por termos esse pequeno empecilho. No entanto, às vezes é mais difícil do que parece ser. Se estivermos em um local público ao termos uma crise, ainda temos de lidar com a expressão chocada das pessoas, o que faz a gente sentir toda a humilhação do mundo.

Por isso, no hospital, fiquei com medo de perder o controle na frente daquele pessoal hipócrita, pois isso só serviria para eles terem certeza de que são superiores a mim. Eles não são. Na verdade, no que diz respeito ao caráter, eles são bem inferiores. Eu posso ter autismo, mas nunca perdi meu caráter, ao contrário deles, que não têm nenhum espectro atrapalhando a vida e, ainda assim, o caráter faltou a todos, principalmente aos avós de Samanta.

Continuo a ler as matérias até ser despertado por meu celular, que está tocando na cozinha. Apressado, levanto e vou pegar o aparelho antes que o som desperte Samanta, que demorou tanto a ter seu descanso depois de um dia exaustivo.

Quando vejo o nome no visor, meu sangue ferve. Como pode alguém ser tão cara de pau a ponto de ligar, às quatro e quarenta e cinco da manhã, para alguém que ela teve a pachorra de abandonar com uma criança que a amava mais que tudo?

Deslizo o dedo na tecla verde para silenciar o aparelho, mas também por curiosidade para saber o que Élis quer a uma hora dessas.

Coloco o aparelho no ouvido sem falar nada, mas ela diz muitas coisas ao mesmo tempo, e eu não entendi nada com clareza.

— Caio, eu sei que você não tem obrigação nenhuma, mas preciso da sua ajuda... — A ligação fica muda por alguns instantes, mas posso ver que não caiu, pois ouço sua respiração, até ela continuar: — Caio, ele vai me matar. Me ajuda. Por favor. Ele vai me matar.

Sem saber o que fazer e com o pânico tomando conta do meu coração, eu sinto meus lábios se movimentarem e deixarem escapar a pergunta que já estava presa na minha garganta no momento que ela disse “ajuda”.

— Élis, onde você está? — A resposta não veio logo, mas, quando veio, foi com um gemido de dor.

Assim que ela diz o nome do bairro, sei que o perigo não se resume à pessoa que a persegue: há também todos os assassinatos que acontecem naquela região, que é uma das mais violentas de todo o estado de São Paulo. Não penso duas vezes antes de ir até meu computador – que continua ligado – e começar a rastrear a ligação.

Explico para ela o que estou fazendo, e ela agradece meio chorosa. Eu sinto um pouco de pena dela. Não a amo mais, mas eu tenho um coração e sinto empatia pelas pessoas, mesmo elas não merecendo um pingaço do meu sentimento.

Assim que consigo sua localização, aviso para ela que estou indo com a polícia, ela não desliga a ligação por um pedido meu. Quando me levanto do sofá, vejo Samanta parada a porta, olhando-me sem entender o que estou fazendo. Será que ela está muito tempo ali?

— Oi, meu amor — digo, mas ela não responde por alguns minutos, que podem ser cruciais para salvar Élis.

— Você vai atrás dela? — pergunta ela com a mágoa evidente em sua voz e em seu olhar.

— Não é para o que você está pensando. Ela ligou pedindo socorro, pois alguém está querendo matá-la.

Mas explicar o que está acontecendo parece não adiantar de muita coisa, pois Samanta não muda a expressão, só diz:

— Então ela está precisando de você agora, e você vai como um cachorrinho atrás dela, como se ela se importasse com o que fez você passar?

— Samanta, não é assim. Eu só não quero que a mãe da minha filha seja morta. Eu não sinto nada por ela. — Vejo a compreensão tomar posse de seus olhos.

— Não tem como você resolver daqui, sem se colocar em risco? Sem ir atrás dela?

Abro a boca para tentar me explicar mais uma vez, mas sei que não vai adiantar de nada, pois entendo o motivo do seu medo, por isso me aproximo dela, seguro seu rosto com minha mão e digo, olhando no fundo dos seus olhos:

— Você é tudo que eu preciso, é a única que faz o meu coração disparar. Você é tudo que eu quero na minha vida, é a mulher com quem eu quero dividir tudo. Meu coração é seu, então pare com isso e me ajude. Eu só não quero que ela morra. Eu vou chamar a polícia no caminho, mas eu ouvi o desespero na voz dela. Me ajuda, meu amor.

Seus olhos, rasos de lágrimas, fazem eu perceber que ela sentiu um peso ser retirado de seus ombros. Ela assente e volta para o quarto, e eu a sigo, colocando uma camisa. Assim que ela veste um vestido leve e um casaco por cima dos braços, saímos com o computador e o celular em mãos. Escuto a respiração de Élis pelo fone, mas não digo nada. Se ela escutou tudo que foi dito no apartamento, fez de conta que não escutou e eu prefiro assim. Não estou fazendo isso por a amar e sim por não querer receber a notícia de que ela está morta e depois ter de explicar isso a Bella.

Quando saímos de casa, Samanta ligou para a polícia, contou o que estava acontecendo e informou a rua em que o celular de Élis estava. Quarenta minutos depois, chegamos ao local; de longe, já podíamos ver o giroflex da ambulância e das viaturas no local. Por incrível que pareça, a polícia agiu rápido. Não sei se foi por Samanta usar o seu sobrenome para

facilitar, mas eles chegaram ao local antes da gente.

Assim que descemos do carro, podemos ver um corpo sendo coberto por uma lona preta e isso faz meu coração disparar. Aperto a mão de Samanta com força e ela retribui o aperto, mostrando que está comigo e que vai me apoiar com qualquer que seja a resposta da polícia.

Quando nos aproximamos, um dos policiais nos barra, não permitindo que eu me aproximasse mais.

— Desculpem, mas não podem ultrapassar a fita de isolamento.

Olho por todos os lados e a fita listrada de amarelo e preto proibia a passagem por todos os lados. Eu tento falar algo, mas é impossível com o bolo formado em minha garganta. E é assim que ela toma a vez, a minha salvadora, a minha luz no fim do túnel, a minha pequena fagulha de esperança, que sempre me mostra que amor é isso: apoio e carinho tudo junto.

— Somos as pessoas que avisaram vocês sobre o ocorrido. Queríamos saber se a mulher, Élis, está bem ou se está... — Samanta não termina a frase por estar com a voz embargada, como a minha.

— Ah, sim. O comandante quer falar com vocês. Me acompanhem — fala o policial, e nós o seguimos.

Nós o acompanhamos, mesmo que eu quisesse que ele respondesse antes quem era a pessoa morta. Estou começando a perder o controle e isso é ruim.

Minha respiração fica descompassada, e Samanta percebe. Ela para, me olha e, em questão de segundos, me abraça e sussurra em meu ouvido que tudo ficará bem.

Ela sabe como é difícil dar conta de uma situação dessas. Alguns minutos depois, sinto meu coração se acalmar. Como posso não amar uma mulher dessa, que com poucas palavras consegue fazer meu mundo imperfeito ficar perfeito?!

Assim que nos separamos, vejo algumas pessoas nos olhando e acho que até o comandante que queria falar conosco faz parte da plateia.

Escuto ao fundo Samanta tomar a decisão de se apresentar e eu faço o mesmo no modo automático

— Então, comandante, nós queremos saber, estamos preocupados. Ela é a mãe da filha dele, e não sabemos o que aconteceu, só que ela corria perigo.

— Conseguimos chegar a tempo, mas ela levou dois tiros, um perfurou o pulmão dela, então ela foi encaminhada para o Hospital das Clínicas. Se

vocês quiserem, podem ir. A pessoa morta é um rapaz que ainda não identificamos.

Samanta ainda continua a conversar com o comandante, mas eu só penso que, mesmo não sentindo mais nada por Élis, ainda tenho pena dela.

— Bom, vamos atrás da sua ex-mulher, e espero do fundo do coração que ela fique bem, pois não quero dar uma notícia triste para Bella. — Escuto Samanta dizer.

Eu só assinto, pois não tenho o que falar; estou com o mesmo pensamento. Se algo mais grave acontecer a Élis, quem sofrerá será Bella e não quero nem imaginar isso.

Entramos no carro e partimos em direção ao hospital, mas dessa vez quem está no volante é a Samanta, pois eu sei que minha condição é das piores. O espectro quer atacar novamente, mas eu não irei permitir que ele tome o controle nessas horas cruciais de vida e morte.

Capítulo 17

Não estava programado irmos a outro hospital em menos de vinte e quatro horas, e ver Samanta sentada cabisbaixa em um canto me deixa ainda pior. Eu deveria a consolar, mas estamos em mais um hospital por causa de pessoas que nos fizeram sofrer e ainda fazem.

O que me deixa com medo é de a pressão ser forte demais para ela. Se eu perdê-la, não sei o que poderei fazer para continuar vivendo. Por isso caminho até ela, sento ao seu lado e seguro sua mão.

— Desculpe-me por fazer você passar por tantas coisas ao meu lado, desculpe por não estar fazendo você se sentir em casa ao meu lado, desculpe por eu ser um imbecil.

— Você não é um imbecil. Se você fosse, Caio, não estaria aqui, nesse hospital, querendo saber alguma notícia da mulher que te abandonou. Você pode ser muito bonzinho, mas imbecil não é e tem um coração enorme.

— Mas estou fazendo você sofrer e eu não queria isso.

— Você não me faz sofrer. Você é o único que me faz feliz em anos, Caio. Eu te amo mais do que já amei alguém na minha vida e obrigada por isso. Você me mostrou que a vida pode ser boa. — Ela sorri, envergonhada.

Encaro os olhos de Samanta e sinto meus olhos marejarem. Sei que não importa o quanto eu fale que a amo, ainda será pouco. Essa mulher não pode ser real. Como alguém tão perfeito pode existir?

— Você é a melhor coisa que aconteceu na minha vida.

Samanta abre a boca para falar algo, mas é impedida pelo doutor Antônio, que cuida do caso de Élis. Assim que ele se aproxima de nós, nos afastamos, dando atenção a ele.

— Doutor — digo, ficando em pé, e Samanta também se levanta.

— Bom dia. Bom, a paciente chegou em estado grave aqui no hospital, mas conseguimos reverter a situação. Fizemos uma cirurgia para a retirada dos projéteis e agora ela está em coma induzido. As próximas horas são cruciais, mas estou bem confiante de que tudo ficará bem.

— Mas ela pode morrer, doutor? — Samanta faz a pergunta que eu não queria fazer.

— Sim, mas, como eu disse, estou confiante. Agora só podemos aguardar. Assim que tiver mais notícias, aviso a vocês.

Assentimos e ele sai, deixando-nos para trás. Olho para o relógio na parede, que marca exatamente nove e meia da manhã. Eu não queria ter que avisar a dona Matilde o que aconteceu com a filha, mas eu não poderia deixá-la sem saber.

— Tenho que contar a dona Matilde e não sei como.

— Pode deixar, eu falo com ela. Acho melhor eu ir lá buscar a Bella e ir com ela para o nosso apê, para que eles possam vir para cá. O que acha?

— Acho que você é a pessoa mais perfeita do mundo, que sempre pensa nas melhores soluções. — Sorrio para ela e acrescento: — E estou gostando de você colocar o *nosso* no meio das suas palavras.

— Deixa de ser bobo. — Ela me dá um beijo e sai.

Tenho quase certeza de que ela pediu para fazer isso, pois não aguentaria continuar aqui pela Élis quando o avô dela também está no hospital. Mesmo ele sendo o pior homem do mundo, ainda é o avô dela.

Sento no banco e aguardo as próximas horas para ver qual será o destino de Élis. Só espero que Bella fique bem com qualquer direção que o futuro nos der.

Samanta

Saio do hospital e entro no carro, deixando o Caio para trás. Eu não sei mais o que pensar, mas tenho a certeza de que o amo e que ele me ama, por isso o ciúme que estou sentindo é incabível. Tentei deixar de lado esse sentimento ridículo e continuei traçando o caminho para a casa dos pais de Élis.

Alguns minutos depois, estaciono em frente a porta de dona Matilde, e a vontade de contar o que aconteceu se esvai. Eu sei que prometi a Caio que contaria, no entanto não sei nem como dar essa notícia a eles. Só imagino que não pode ser como foi quando recebi a notícia da morte dos meus pais. Seria

muito injusto!

Lembro-me até hoje do policial que me disse, na maior calma do mundo, que meus pais haviam morrido, como se ele já tivesse feito aquilo milhares de vezes e não se importasse de falar a uma criança que seus pais tinham falecido. Porém, a Élis ainda está viva e é nisso que irei me agarrar.

Saio do carro e vou em direção ao interfone. Assim que me identifico, minha entrada é liberada. A dona Matilde me espera na porta da casa e me olhando atentamente. Ela sabe que, pra eu estar aqui, algo aconteceu; desde que Caio teve sua recaída na frente dela, ele nunca me deixou encará-la sozinha.

— Por que o Caio não veio buscar a Bella e mandou você? Ele teve outra recaída? Desse jeito terei que tirar a Bella dele...

— Oi para a senhora também — interrompo. Assim que ela assente, eu continuo: — O Caio não pôde vir, pois ele está no hospital. — Ela faz menção de falar outra asneira, e eu a interrompo novamente. — O problema não é com ele, e sim com sua filha.

Quando eu digo a palavra “filha”, vejo a expressão de Dona Matilde, que era revoltada, passar a ser preocupada.

— O que aconteceu com a Élis?

Começo a explicar calmamente para ela e, assim que termino, ela cai em prantos; tento ampará-la, mas ela me impede. O senhor Alfredo, sem entender nada, aparece à porta, e quando explico o que aconteceu, ele não demonstra sentir tanto quanto dona Matilde, mas posso ver sua expressão entristecer. Depois de uma correria dentro da casa, os dois saem com a Bella nos braços e me estendem a menina, que vem de bom grado. Matilde beija o rosto da neta e Alfredo nem a isso se presta. Compreendo seus motivos, afinal a filha deles está em estado grave.

Pego a Bella e volto para o carro. Ela sempre se mostrou uma criança esperta, mas mesmo que me olhe com seus olhos atentos querendo uma explicação, não direi nada. Esse assunto não é meu para contar a uma criança que já sofreu muito em tão pouco tempo.

Agradeço por ter vindo no carro de Caio, pois assim a cadeirinha sempre está lá para Bella. Eu a coloco com todo cuidado e parto para o nosso apartamento. As últimas horas foram estressantes ao extremo para mim. Preciso urgente de um banho e um bom período de sono.

Bella adormeceu no caminho de casa e eu agradeço por isso, pois também quero dormir um pouco. Depois de colocá-la em sua cama, vou até o banheiro e tomo um banho reconfortante para deixar meu corpo relaxado.

Deito na cama, sentindo a falta de Caio. Tento dormir, mas não consigo. Rolo várias vezes na cama. Odeio estar pensando em meus sentimentos quando deveria estar preocupada com a vida de um ser humano. Eu sei que é bobeira pensar que Caio voltaria para Élis, ainda mais depois de tudo que ela fez. No entanto, sinto-me impotente por não estar junto a ele.

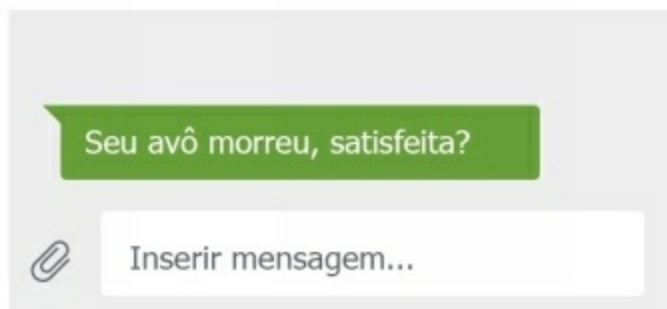
Eu vi a preocupação em seus olhos, a preocupação que foi direcionada a ela e isso me mata. Porém, não quero demonstrar meu ciúme horroroso para ele; é algo que pode magoá-lo e eu nunca me perdoaria por isso.

Sem conseguir dormir, levanto-me e caminho até a cozinha para tentar fazer algo que me acalme. Chá é a solução para tudo. Assim que termino de prepará-lo, deixo as lágrimas que estava segurando descerem por meu rosto. Os últimos dias poderiam ser considerados como uma novela mexicana, cheios de dramas e dores.

Nunca passei por tanto problema ao mesmo tempo. Desde muito cedo, sempre tive muito drama na minha vida, mas nunca tantos em tão pouco tempo. Nem sei se conseguirei um dia ter a paz que tanto sonho.

Vejo a tela do meu celular acender e o pego já sabendo que será algo desagradável. E, como eu imaginava, é bem desagradável, mas acho que depois de tudo que passei nas últimas horas, meus sentimentos por minha ex-família morreram mais um pouco, se é que posso considerá-los “ex”, afinal, para ser considerado assim, eles deveriam ao menos ter sido uma família, o que nunca foram.

Leio e releio a mensagem; são tão poucas palavras, mas de uma carga tão pesada, que meus olhos se enchem de lágrimas instantaneamente.



Eduardo consegue ser cruel até à distância, mas não me importo com ele. Sinto uma leve dor no meu coração e sei que é por causa da perda, mas não é uma dor que me fará perder todo meu rumo. Eu pensei que me sentiria pior, afinal, quando recebi a notícia do seu enfarto, me desesperei muito mais do que agora.

Acho que sofri muito na mão do meu avô. A notícia de que ele estava no hospital me pegou de surpresa, mas agora que eu já sabia de todos os fatos, a morte dele era algo que já se esperava.

Olho para o teto, como se eu buscasse alguma resposta, mas não obtenho. Só consigo pensar: *Adeus, vô... ou melhor, Abelardo. Nunca poderei te considerar um avô mesmo, afinal nunca fui tratada como neta e sim como um objeto de troca.*

Procuro o número de Caio na lista de contatos e ligo para ele, mas vou direto para a caixa de mensagem. Acho estranho e ligo novamente, mas continuo ouvindo a mensagem robótica. Balanço negativamente minha cabeça, tentando não pensar em coisas desagradáveis.

Tento me acalmar, mas é meio impossível. Caminho até o quarto de Bella e observo-a dormir. Tão pequena, tão linda, tão minha. Sinto-me como se Bella fosse minha, a amo tanto quanto amo seu pai. Agora que Élis retornou, não sei como ficaremos, mas só sei que sempre vou considerá-la minha filha.

Escuto a porta se abrir e meu coração dispara. Caminho até a sala e vejo um Caio com expressão cansada, precisando de um banho e de uma boa noite de sono.

Ele para no meio da sala e encara-me por um longo tempo. Meu coração dispara, com medo de que ele possa dizer algo que eu vá sentir me partir ao meio. Caio se aproxima de mim depois de me analisar por vários minutos.

— Como você está? — pergunta, colocando a mão em minha nuca e me puxando de encontro ao seu peito.

— Perdida — consigo dizer com um simples sussurro.

— Sinto muito por sua perda. Quando vi o noticiário, vim o mais rápido que pude, meu amor. Meu celular acabou a bateria, não consegui me comunicar com você e fiquei desesperado.

Então foi por causa de uma simples bateria que estava dando desligado? Foi devido a um simples carregador que ele não me atendeu. Não foi por estar com Élis e sim por estar sem bateria. Deixo as lágrimas caírem por meu rosto, estou cansada de chorar, mas sinto um alívio imenso. Sou uma sem noção por continuar pensando em mim antes dos outros.

— Ei, não chore. Eu estou aqui com você e, se quiser, poderemos ir ao velório.

Tiro minha cabeça do seu peito e o encaro. Esse homem é real? Pois ele não parece nada real, ele é muito perfeito.

— Caio, eu vou parecer um monstro, mas não senti um impacto muito grande com a morte do meu avô. Estou chorando por você estar aqui comigo, só por isso. Por eu ser uma idiota e sempre pensar o pior das coisas. Eu pensei que você não me atender demonstrava que você tinha ficado abalado com a volta de Élis e eu nunca me senti tão frágil.

— Não pense que eu sou uma pessoa tão sem caráter. Não tem como eu pensar algo assim sobre Élis, Samanta, você é única, você é incomparável e inigualável. Você é o amor da minha vida.

— Desculpa. Eu me equivoquei. Você que é meu amor inigualável.

E ele me deu a única coisa que eu precisava nesse momento. Um beijo ao modo Caio de ser, perfeito, surpreendente, amável, de fazer me apaixonar ainda mais.

Capítulo 18

Quando a Élis começou a melhorar, Samanta e eu fomos visitá-la no hospital. Eu queria saber o porquê de eu ter sido sua primeira opção. Assim que chegamos ao quarto, ela nos olhou de uma forma surpreendente, algo que nunca pensei que Élis faria: ela nos olhou com vergonha.

— Não pense que estou feliz de estar aqui, mas me sinto um pouco responsável e quero saber como você está.

— E isso não tem meu aval. Por mim, você apodreceria na solidão, já que nem mesmo com sua filha você se importa — Samanta comenta, maldosa. Ela é um amor, mas sabe cutucar a ferida da pessoa.

— Olha, eu sei que não mereço o seu perdão, Caio. E, garota, eu nem te conheço, mas posso ver que estão juntos, então eu vou falar uma única vez e nunca mais repetirei isso. Quero pedir desculpas a você, Caio. Eu me arrependo plenamente de toda a merda que fiz em sua vida. Eu sou um monstro, sim, e não mereço seu perdão, e muito menos o de Bella, mas eu quero recomeçar, de verdade. Eu quase morri, fui enganada por um amor de mentira. O Alberto era envolvido com tráfico e fez minha vida piorar em um nível gigantesco nos últimos meses. Ele foi assassinado no mesmo dia que entrei em contato com você e um dos seus comparsas tentou me matar. — Ela para por um momento, mostrando sua fragilidade para Samanta e eu, suas lágrimas escorrem pelo seu rosto, mas ela consegue controlá-las depois de um tempo e continua. — E isso me fez perceber que você sempre foi a minha opção perfeita de príncipe encantado. Ainda bem que você encontrou alguém que parece ser melhor do que eu, Caio, que defendeu minha filha e você sem nem ao menos ter nada a ver com a história. Então, garota, eu te agradeço também por defender quem mais precisou, algo que eu não fiz. Eu quero ser diferente e só posso ser assim quando você e a Bella me perdoarem, Caio, então, por favor, me perdoe.

Suas palavras me pegam desprevenido. Nunca imaginei que ela poderia falar algo do tipo, Élis nunca foi de dar o braço a torcer, mas pelo visto a experiência de quase morte a fez enxergar que o mundo não gira em torno de uma única pessoa.

Olho para Samanta, que me olha para saber qual será minha resposta, mas eu não sei como agir com essa confissão. Só consigo dizer algo que não comprometerá o meu futuro no momento:

— Eu vou pensar, mas passarei seu recado a Bella. No entanto, eu juro que, dependendo da resposta dela, se você a machucar novamente, quem tentará te matar sou eu, ou melhor, não ficará só no tentar.

Saio do quarto com Samanta ao meu lado, deixando uma Élis chocada para trás. Eu nunca faria mal a uma formiga, desde que, claro, essa formiga não mexesse com minha filha.

Depois de três semanas, decidi que às vezes devemos dar uma segunda chance, mesmo que a pessoa não mereça nada. Por isso, hoje estamos indo a casa de dona Matilde, para que a Bella veja Élis. Não sabemos qual será a reação dela, no entanto conversamos bastante com ela antes de irmos, para que ela entendesse tudo que está acontecendo. E ela aceitou ver a mãe.

Não sei se conseguiria aguentar essa barra sem Samanta ao meu lado. Eu sempre fico repetindo isso, mas é a única e exclusiva verdade: sem Samanta, eu não conseguiria. Ela é o apoio que eu precisava para continuar em frente, ela é meu alicerce, o meu porto seguro. Ah, como eu a amo.

Olho para a cadeirinha de Bella pelo retrovisor e a vejo caladinha, segurando sua boneca – que está tão descabelada quanto a sua falecida *Mona*. Tenho medo de ela passar mal novamente, mas creio que ela será forte.

Assim que estacionamos na porta da casa de dona Matilde, vejo Samanta respirar fundo. Ela me olha e assente com a expressão séria. Saímos do carro e eu pego a Bella em sua cadeirinha.

— Está pronta, querida? — pergunto, olhando bem em seu rostinho, enquanto Samanta avisa pelo interfone que chegamos.

— Tô, papai. — Ela sorri, mas percebo que a ansiedade está gritando em seu ser.

Quando entramos, ela pede para que eu a coloque no chão, e é o que faço. Em seguida, seguro a mão de Samanta.

Matilde abraça a Bella, e vejo Élis sentada no sofá com uma expressão séria, ou melhor, nervosa. Ela olha para minha direção e seu olhar para em minha mão grudada na de Samanta, mas logo seu olhar se desvia para Bella.

— Oi, pequena — diz Élis a Bella, cuja expressão está fechada ao encará-la.

Alfredo observa de longe o desenrolar da história de sua filha e neta e, quando Bella se manifesta, vejo um leve sorriso em seu rosto.

— Oi, mãe. — Ela se aproxima de Élis e a abraça, beija sua bochecha e assim Élis a pega no colo, pedindo baixinho desculpas.

— Que tal a gente deixá-las por um tempo e voltarmos depois para buscá-la? — sussurra Samanta em meus ouvidos; isso não estava em meus planos. Élis não merece ficar tão perto da minha filha.

— Acho melhor não.

— Amor, acho que será uma boa para a Bella.

Encaro minha filha brincando com o cabelo da mãe, um anjo que não guarda mágoa de ninguém. Um anjo que precisa crescer bem, e acho que as pessoas merecem uma segunda chance.

— Amorzinho, você quer ficar um tempo com sua mãe e mais tarde eu volto para te buscar? — pergunto, aproximando-me de Bella.

Ela abre um lindo sorriso e responde que sim, quase saltitante se não estivesse sentada no colo da mãe.

— Élis, não faça nenhuma besteira — aviso, encarando-a.

— Pode deixar, Caio, não serei uma idiota mais uma vez.

— Dona Matilde? — Faço uma pergunta silenciosa, que ela entende só de eu a olhar.

— Eu ficarei de olho, minha neta sempre vem em primeiro lugar. — Mesmo sabendo que dona Matilde não gosta de mim, eu confio nela para olhar Bella.

Dou um beijo na cabeça da minha filha e logo depois pego a mão de Samanta, saindo em direção a porta. Assim que chegamos ao nosso carro, Élis, que ainda manca devido aos seus machucados, nos chama.

Olho para ela e espero que ela chegue perto o suficiente para falar o que deseja.

— Obrigada. Eu só queria agradecer por você, Caio, e até você, Samanta, me darem a oportunidade de ver minha filha novamente. Eu estou tentando ser melhor e tenho fé que me tornarei algo que possa dar orgulho a minha

filha. E obrigada, mais uma vez, por tudo, afinal, se não fosse por vocês, eu estaria morta.

Samanta toma a frente da situação e diz:

— Eu não sou sua maior fã, mas acredito mesmo que você possa mudar, então não perca essa oportunidade. E caso você faça alguma merda com a Bella, eu juro que a surra que te dei aquela vez não chegará perto da que te darei. Então, era só isso que eu queria dizer. Faça algo decente agora, Élis. Eu já me enganei com muitas pessoas, então me mostre que você pode ser diferente e não como todos os seres desprezíveis do mundo, que nunca pensam em mudar.

— Eu já te dei o aviso no hospital — digo, entrando no carro. Mas me arrependo e saio novamente para falar: — Élis, eu te amei muito, eu confiei minha vida a você, e você provou que não era digna de nada. Eu não queria confiar novamente em você, eu queria sumir com a Bella, ir para outro país e nunca mais voltar. Mas decidi que talvez a Bella ainda poderia ter a presença da mãe em sua vida. Ela é tudo o que eu tenho de mais sagrado no mundo. Eu amo a Samanta — digo, olhando para minha outra metade do paraíso, que nesse momento nos observa de dentro do carro —, mas a Bella é a minha alma, essência, minha vida, meu tudo e até o meu nada. Ela pode não ser minha filha de sangue, mas para o amor de pai existir não precisa ser com ligações de sangue, é só ser pai. Élis, eu estou te dando uma chance que você não merece para você se redimir e me provar que a nossa filha poderá passar algum tempo com você e que você a amará como sua filha. Se você se permitir, aquela criança poderá mudar sua vida para sempre. Poderá colorir essa vida preto e branco sua, ela poderá fazer você ver o mundo de uma forma melhor. Então, permita-se, deixe ela te mostrar o que é amor verdadeiro, deixe ela te mostrar que, para um pai e para uma mãe, dinheiro nenhum no mundo é mais importante que o amor de um filho. Eu estou te dando essa oportunidade de ser feliz, mesmo você tendo destruído nossas vidas, e depois eu tive que consertar tudo, colar caco por caco. Eu não quero colar mais nada, então não faça mais besteiras.

Élis se mostra diferente daquela que eu conheci. Antes, ela não chorava e gostava de pisar nas pessoas. A Élis que conheci era uma pessoa horrenda.

— Caio, eu irei te provar que posso amar de verdade. Eu não estou dizendo isso para tentar fazer você me dar mais uma chance, pois vejo que já te perdi, afinal o seu olhar para Samanta diz tudo, nem para mim você olhava

assim. Mas eu vou provar para nossa filha que posso ser uma boa mãe. Eu precisei ficar entre a vida e a morte para perceber que nada do que eu pensava ser importante é realmente. Por isso eu digo novamente: obrigada por deixar eu me redimir.

— Eu vou deixar. Agora vai ficar com a nossa filha.

Ela me direciona um sorriso de agradecimento, acena para Samanta e parte para dentro da casa. Entro no carro e olho para Samanta.

— Eu acho que você fez a escolha certa. — Samanta sorri e me dá sua mão.

— Eu também acho.

Dou a partida no carro e vamos em direção ao tribunal.

Hoje é um bom dia. Depois da morte do avô de Samanta, as denúncias recebidas anonimamente foram pausadas, mas a justiça decidiu investigar e descobriu todos os podres envolvidos entre as famílias Marcorio e Lins. Com isso, Samanta foi chamada para depor e é para lá que estamos indo agora. Vamos de encontro ao desconhecido, mas um desconhecido necessário para dar um fim à única ligação que ainda a mantém conectada àquela família.

Chegamos ao tribunal, e Samanta logo é chamada para depor. Eu a aguardo enquanto ela responde todas as perguntas que são feitas; algumas sobre as contas na Suíça, outras sobre o seu envolvimento nos negócios da família e algumas sobre a sua mudança para São Paulo.

Pego-me pensando se foi a escolha certa. Eles podem pensar que Samanta esteve envolvida nas encrencas de seu avô e seu ex-noivo, mas logo tiro isso da minha mente, pois eles não seriam tão idiotas de ligarem fatos errados.

Contratamos um ótimo advogado que acompanha Samanta desde que ela foi chamada para depor. Depois de longas horas, o interrogatório termina.

Sua expressão exausta mostra como ela está cansada com as perguntas feitas.

— Doutor Ronaldo, o senhor acha que eles a acusarão de alguma coisa?
— pergunto ao advogado.

— Vocês podem ficar tranquilos. Samanta não está ligada a nada, eles

não têm provas. E amanhã já irá sair a decisão sobre Eduardo, sua avó e o restante dos envolvidos, mas, Samanta, estou confiante de que eles não te ligarão a nada — responde o advogado.

— Espero que sim. — Ela me abraça forte, o que me mostra que mesmo assim ela está nervosa.

— Vamos para casa.

— Vamos pegar a Bella primeiro para depois irmos. Podemos dar uma chance para Élis, mas não quero ser totalmente conivente com isso.

— Tudo bem — concordo.

E assim passamos na casa de dona Matilde, pegamos uma Bella totalmente alegre e vamos embora. Fico feliz por ver que minha filha se sentiu bem com a mãe. Eu pensei que ela ficaria traumatizada para sempre, mas não foi isso que aconteceu. Como dizem por aí, coração de criança é puro demais.

Algum tempo depois de estarmos em casa, a Bella cai no sono, e ficamos somente Samanta e eu. Sei que ela está tensa com a decisão que o juiz tomará amanhã.

— Vai dar tudo certo, meu amor.

— Estou com medo — fala ela, sentando-se ao meu lado no sofá.

— Medo de quê? — questiono.

— De Eduardo ser liberado e tentar fazer algo contra a gente.

— Amor, isso não acontecerá, então pode parar com isso.

— Vai dar tudo certo — sussurra ela, nada confiante.

— Vai, sim. — Mas eu respondo totalmente confiante.

Quando decidimos ir para a cama, ficamos horas e horas nos encarando no escuro, só com a pequena fresta de luz do luar iluminando nosso quarto. Sei que, independente da decisão do juiz amanhã, nosso amor será muito mais forte; estaremos um ao lado do outro para continuarmos em pé e fortes para as batalhas que ainda virão. Espero que amanhã nós ganhemos essa, pois isso colocará um fim na ligação de Eduardo com Samanta, fazendo assim ela ficar realmente livre.

Capítulo 19

O nervosismo de Samanta é evidente. Ela tem de dividir o espaço com sua avó e com o Eduardo, que está algemado, pois sua prisão preventiva foi decretada no dia em que começaram as investigações. O juiz entra para dar o veredito. O julgamento é transmitido ao vivo e, por isso, ele começa a ler a sentença. O meu coração dispara quando, depois de listar os crimes que Eduardo era acusado de cometer, o juiz o declara culpado, tendo assim que passar trinta longos anos na cadeia. É claro que ainda cabe recurso e é provável que ele peça para cumprir parte da pena em prisão domiciliar, mas já é uma vitória mesmo assim.

Com a avó de Samanta não é muito diferente: mesmo com sessenta e cinco anos, ela ainda terá que cumprir uma parte da pena em regime fechado, mas os seus crimes são leves, então a condenação ficou com cinco anos de prisão, sendo que metade da pena poderá ser cumprida em domicílio, porém tanto ela quanto o Eduardo tiveram os bens congelados, não podendo usufruir de nada oriundo dos roubos dos cofres públicos.

— Samanta Lins. — Samanta se levanta juntamente com o seu advogado. — Devido às provas apresentadas, nada consta para incriminá-la, portanto, eu a absolvo.

A tensão some de meus ombros no mesmo instante. Samanta começa a chorar, sem acreditar que nada será direcionado a ela. Sua avó a olha com ódio, mas não abre a boca. Eduardo não direciona o olhar para ela.

Samanta me procura no meio das pessoas que estão em nosso caminho e, assim que me encontra, vem correndo em minha direção e me abraça.

— Agora sim poderemos respirar com tranquilidade.

— Sim, meu amor, acabou para eles — digo, sorrindo de felicidade.

— Vamos sair desse lugar horrível. Eu quero a paz da nossa vida.

Assim que saímos do tribunal, os repórteres tentam entrevistar Samanta, que não dá a mínima para eles. Nos despedimos do advogado e enfim temos a paz que tanto queríamos. E agora eu posso mostrar a grande surpresa que estava guardando para Samanta.

— Agora que tudo passou, quero te levar a um lugar — digo, sorrindo.

— Não me deixa curiosa.

— Vou deixar, sim.

Saio com o carro em direção à surpresa. Samanta me interroga o caminho todo, mas eu nem abro a boca para não correr o risco de contar.

Assim que entramos no condomínio localizado em Higienópolis, ela se cala. Vejo várias casas maravilhosas, mas a única que me interessa está reluzindo em minha vista. Paro em frente a casa e desço, esperando Samanta sair do carro.

— Nossa, que lugar lindo.

Sorrio sem abrir minha boca. Entro na casa e deixo Samanta a admirar, como eu admirei na primeira vez que vim aqui. Ela sempre comentava como a arquitetura desse bairro era incrível, por isso a escolha perfeita para a surpresa foi aqui. E com uma ajuda financeira de Pedro, consegui realizar um dos sonhos da mulher que amo.

A casa possui paredes brancas, sendo que o seu lado sul, onde fica a sala de estar, tem uma parede inteira de vidro, dando visão para o jardim. Sigo Samanta por onde ela anda. Depois de minutos observando o andar de baixo, ela olha em minha direção.

— Caio, o que significa isso? — Aproximo-me de seu corpo minúsculo, revelando uma das surpresas.

— Comprei essa casa para gente, acho que está na hora de sair daquele apartamento minúsculo.

Ela olha, admirada, por todos os cantos, o que me deixa ainda mais feliz, pois estava com medo de ela odiar o lugar, mas pelo visto ficou tão encantada quanto eu.

— Eu amei isso aqui. Obrigada!

— Por nada. Mas ainda tem mais.

Ela se desvencilha dos meus braços e sobe as escadas, fazendo meu coração começar a palpitar mais rápido. Quando Samanta chega ao quarto em que está a segunda surpresa, ela abre a porta e para.

O pânico me domina.

Samanta me olha, emocionada, e entra no quarto. Eu a sigo e vejo-a admirar ainda mais. Lembro-me muito bem de quando ela me contou como era a casa dos seus sonhos, mas o detalhe mais importante foi quando ela

disse como queria o quarto que dividiria com a pessoa dos seus sonhos.

— *Meu sonho é ter um quarto romântico, que tenha uma combinação de azul com verde sobre um fundo neutro para criar um clima de tranquilidade e delicadeza para passarmos momentos aconchegantes. Uma cama com um dossel dos sonhos de princesa, com uma parede floral para deixar tudo perfeito, sem contar que eu queria uma mistura de amor com modernidade. Além de, em um canto, ter uma pequena biblioteca particular, com uma bela poltrona entre as estantes, com vista para fora. Ai, Caio, era meu sonho, não sei se um dia poderei realizar isso, mas esse seria o quarto dos sonhos. Você não acha?*

— *Claro, meu amor, é um sonho mesmo. Quem sabe um dia não se realize.*

— *Bom, eu não sou rica, afinal não recebo muito na creche, mas um dia montarei sim esse quarto dos sonhos — diz ela, deitada no meu colo enquanto admiramos Bella brincar pelo Ibirapuera.*

— Caio. — Samanta me faz voltar a realidade. Olho para ela, que está emocionada ao continuar: — Como você fez isso?

— Simples: decidi realizar seu sonho. Ah, e claro, pensando que nós poderíamos dividir esse espaço dos seus sonhos.

— Você... — Não deixo que ela termine. Aproximo-me dela e, colocando-me de joelhos no chão, começo o discurso que vim montando em minha mente por todo caminho.

— Samanta, você foi uma das pessoas mais importantes que apareceu em minha vida. Você me mostrou que, mesmo no fundo do poço, podemos encontrar alguém especial. Você foi a minha salvação. Você foi meu tudo. Você simplesmente é algo mais que especial em minha vida, a pessoa que me mostrou que podemos sorrir mesmo depois de tudo perder o sentido. Você me aceitou nas minhas diversas formas. Aceitou de maneira incrível, sem julgamentos, só me mostrando que o amor pode ser forte e passar por várias barreiras. Posso estar me precipitando e posso nunca ter te pedido em namoro. Afinal, o nosso envolvimento começou de uma forma inesperada e nunca mais nos separamos. Então eu decidi pular várias etapas, que a sociedade diz serem certas, e estou aqui, com meu coração, corpo e alma, para te perguntar: você aceita me ter pelo resto da sua vida, com todos os

meus defeitos e uma filha incrível?

— Levanta daí, seu bobo — diz ela, chorando. Levanto-me, aguardando sua resposta. — Eu aceito pular as etapas, afinal, a sociedade é muito bitolada, aceito suas imperfeições se você aceitar as minhas. Sua filha já é minha, e eu pretendo dar irmãos para ela. Então sim, vamos formar uma família. Vamos ser o ponto final, que é mais um começo em nossa vida. Vamos tornar o nosso *mais que especial* em algo mais que perfeito. Eu te amo, Caio, e nunca poderia dizer não.

Selamos nossa declaração com um beijo apaixonado e romântico na medida certa. Logo depois, coloco o anel em seu dedo e sorrimos em meio às lágrimas.

— Gostou da nossa casa? — pergunto.

— Sim, foi uma surpresa e tanto. Depois quero saber como saímos de um apartamento que tem paredes tão finas que dá pra ouvir tudo e viemos parar em um condomínio tão caro.

— Sabia que você tem um *timing* muito errado? Você acabou de estragar nosso momento fofo, Samanta — digo, rindo.

— Ah, Caio, mas se fosse diferente não seria eu — diz ela, rindo.

— Não se preocupa com isso.

— Então devemos voltar a ser fofos?

— Claro!

Começamos a rir e, entre abraços e beijos, começamos a viver uma fase muito boa da vida. Talvez possa acontecer algum desastre no futuro, sempre acontece algo de ruim, mas com a pessoa certa podemos passar por cada obstáculo encontrado.

Com a pessoa certa, podemos enfrentar todos de cabeça erguida, nós só precisamos achar alguém que nos aceite com nossas imperfeições e perfeições, pois temos erros e acertos por toda nossa vida. E isso é normal!

Nunca perca a fé de encontrar alguém que te ame, pois a pessoa pode estar ao lado da sua casa ou até mesmo em outro continente, mas quando é para ser sua, ela aparecerá. Nunca perca a fé de ter um amor inesquecível. Eu havia perdido a minha fé quando descobri todos os podres de uma vida fracassada, mas encontrei o meu porto seguro, encontrei o meu algo certo, o meu amor para toda vida.

Encontrei Samanta, que foi algo mais que especial, o algo que eu precisava para voltar a viver, o algo que me aceitou, mesmo que o Asperger

às vezes apareça para me dominar, mas ela sempre está lá, apoiando-me e mostrando que sempre ficará lá, ao meu lado, enquanto eu precisar que ela me defenda do mundo, e eu estarei lá para apoiá-la quando ela precisar que eu a defenda do mundo.

Eu sou Caio Montenegro Delar e, sim, eu consegui mostrar ao mundo, mesmo que de um jeito reservado, que eu posso ser um sinônimo de vitória. Eu demorei bastante para perceber isso, mas agora eu sei que sou forte como qualquer pessoa. E ninguém pode dizer ao contrário, afinal quem eu preciso estará ao meu lado para tudo.

Fim.

Epílogo

As pessoas podem mesmo mudar, basta elas quererem. Élis nos provou que ela realmente se tornou uma pessoa melhor. Depois de darmos um voto de confiança, ela montou uma ONG para ajudar crianças carentes e as órfãs.

Parece até piada que uma pessoa que fez tanto mal a filha há anos possa ter se tornado alguém tão digno.

Vejo a Bella correr em direção da mãe e fico feliz por elas terem enfim se entendido e agora se amarem de verdade; o amor que tanto senti falta na minha infância, posso ver no olhar das duas.

Caio fica meio enciumado por ela preferir a mãe para falar de certos detalhes, mas eu compreendo completamente: não dá para falar da primeira menstruação com o pai, é algo extremamente vergonhoso, mas até eu fiquei meio enciumada por ter ficado sabendo depois de Élis.

No entanto, amo a Bella como se fosse minha filha. Mesmo ela já tendo completado quatorze anos, ainda me chama de mãe, ela foi a pessoinha que despertou o meu amor materno. Vejo Victor brincar com Caio ao longe. Os dois se dão tão bem. Caio é um verdadeiro pai, que ama seus filhos de forma incondicional.

Aos três anos, Victor foi diagnosticado com autismo, igualzinho a Caio, que foi detectado na mesma época. Quando engravidei, procuramos vários especialistas, que explicaram que nosso filho poderia ou não ter autismo; os riscos eram meio a meio, e nós caímos no meio-termo do espectro.

Tenho medo do que o futuro pode reservar para meu filho, mas, diferente dos pais de Caio, que fizeram o filho aprender de forma sofrida a ser forte e a enfrentar seu espectro, eu ensinarei com amor. E defenderei meu filho de todos que tentarem fazer mal a ele.

Vejo a Bella se juntar ao irmão e ao pai. Eles poderiam ser colocados em uma obra de arte de tão perfeitos que ficam juntos e, com o Ibirapuera de fundo, a obra fica simplesmente intocável.

— Pensando no futuro? — pergunta Élis, sentando ao meu lado.

— Não, só olhando os nossos filhos e pensando em como eles são lindos. — Pois é, no fim acabamos nos tornando amigas. Como eu disse, a

Élis se tornou uma pessoa digna e não vi motivo para virar a cara para ela sempre que a visse.

Ela se casou novamente, mas nunca mais conseguiu ter filhos. Acho que, no fundo, ela recebeu um castigo pelos pecados cometidos no passado. Ela tentou de tudo, até inseminação, e nada deu certo.

Mas o que importa é que ela e o marido são felizes e ainda tem a Bella para alegrá-los de quinze em quinze dias. Sim, agora Caio e Élis têm a guarda compartilhada. Não que eles tenham ido à justiça para escolherem; eles mesmos entraram em um consenso. E eu me orgulho ainda mais de Caio por ser tão responsável e um homem perfeito. Acho que nem nos meus melhores sonhos eu poderia encontrar alguém tão maravilhoso.

Como nós sempre dizemos um ao outro, a melhor coisa que fizemos na vida foi pular etapas e tornar nosso relacionamento perfeito. Minha avó nunca mais me perturbou, muito menos o Eduardo. Para falar a verdade, nem a mídia me preocupa mais, eles me esqueceram. E nesse momento não existe nada melhor do que minha vida.

O Caio me olha de longe, sussurra um “eu te amo” e eu sussurro de volta um “eu te amo mais”. Vejo meu filho, com seus seis anos, abraçar o pai, e Bella implica com ele, dando-lhe uma cutucada nas costelas. Sorrio sem me importar de parecer uma mãe babona.

Encontrei um amor verdadeiro e entrei de cabeça nesse amor que tentei evitar por um tempo. Foi de maneira misteriosa, como se o destino já houvesse traçado nossa história. Foi Deus mostrando um caminho para seguirmos, e eu agradeço sempre por Caio ter entrado na minha vida. Ele me mostrou o que é ser forte, o que é lutar para conseguir seus objetivos. Caio Montenegro Delar é meu algo mais que especial para a vida toda.

Agradecimentos

Obrigada aos psicólogos Erik Gabriel Thomazi, Luana Santinon e Roberta Bezerra da Costa, que tiraram uma parte do seu tempo para me ajudarem nas pesquisas para este livro. Obrigada a Vanessa Nunes por ter me indicado essas três pessoas maravilhosas.

Obrigada a Paula Roberta, Miriã Laís, Simone Melo, Jéssica Laine, Rhayssa Silva e Priscilla Chamon por lerem com muito carinho este livro quando ainda estava sem ser lapidado.

Obrigada a Amanda Ághata Costa por ter feito a sinopse maravilhosa de “Algo Mais que Especial”.

Obrigada ao grupo do meu coração “Duelos CampNanoWrimo” por terem me incentivado a continuar no mundo da escrita. Bia Carvalho, Myllenn Maps, Míddian Meireles, Caty Coelho, Helena Stein, Mari Sales, Thais Oliveira, Duda Razzera, Mayara Silva e Mary Oliveira, vocês são os melhores amores da vida.

Bia Carvalho, você merece ser lembrada em um parágrafo especial, pois, sem você, o MEU Caio não estaria sendo lançado. Obrigada por existir, meu ser de luz.

E aquele obrigada mais que especial para a Dri K.K. por mais uma capa suprema e a Raquel Escobar por mais uma revisão linda. Sem vocês o livro não ficaria perfeito.